
INDICADORES IBGE

volume 9
número 5
maio de 1990
publicação mensal

SUMÁRIO

5 LEITURA RÁPIDA

7 ÍNDICES DE PREÇOS AO CONSUMIDOR

- 10 Tabelas (variação geral; principais contribuições na variação mensal; números índices e variações; variação mensal, pesos dos grupos, subgrupos e itens).
-

17 PESQUISA MENSAL DE EMPREGO — PME

- 25 Tabelas (taxa de desemprego, ocupados, conta-própria e rendimento médio).
-

43 INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

- 58 Tabelas (produção física — Brasil e produção física por regiões).
-

73 SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL — SINAPI

- 75 Tabelas (custo médio, número índice e variações percentuais — janeiro, fevereiro e março de 1990).
-

81 ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

- 84 Tabelas (área, produção e rendimento médio — um confronto entre safras e estimativas; confronto entre estimativas; abate de animais e produção de leite e ovos).
-

87 SUPLEMENTO — PRODUTO INTERNO BRUTO — BRASIL — 1º TRIMESTRE DE 1990.

CONVENÇÃO

- Quando, pela natureza do fenômeno, não puder existir o dado.
... Quando não se dispuser do dado.

EQUIPE DE REDAÇÃO

DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA

Redatores: **Bruno Marcus Rangel Pessanha**
Elvio Valente
Jairo Augusto Silva
Terezinha Iza Cezar

DEPARTAMENTO DE EMPREGO E RENDIMENTO

Redator: **Shyrlene Ramos**

DEPARTAMENTO DE ÍNDICES DE PREÇOS

Redatores: **Eulina Nunes dos Santos**
Luiz Fernando de Oliveira Fonseca
Vânia Maria Carelli Prata
Francisco José Pereira

DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA

Redatores: **Isabella Chataignier**
Ivan Gelabert Barbosa
José Leonídio M. Souza Santos
Maria Tereza Reis Ribeiro
Myrian Thereza Ferreira
Nilo Lopes de Macedo
Paulo Gonzaga M. de Carvalho
Rosângela Carnevale
Sílvio Sales de Oliveira Silva
Tereza Cristina Machado Mendes
Colaboradores: **Carlos Alberto C. da Fonseca**
Heloísa de V. Medina

Programação visual

Pedro Paulo Machado

Distribuição e Vendas

Gerência de Marketing/Centro de Documentação e Disseminação de Informações
Rua General Canabarro, 666
— 2º andar — CEP 20 271 — RIO DE JANEIRO — RJ

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE
DIRETORIA DE PESQUISAS

DIRETOR DE PESQUISAS

Lenildo Fernandes Silva

DIRETORA ADJUNTA DA DIRETORIA DE PESQUISAS

Márcia Bandeira de Mello Leite

COORDENAÇÃO DO CENSO AGROPECUÁRIO

Manoel Antonio Soares da Cunha

COORDENAÇÃO DOS CENSOS ECONÔMICOS

Carmem de Jesus Garcia

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO

Maria Leticia Duarte de Andrade

NÚCLEO DE METODOLOGIA

Pedro Luís Nascimento Silva

NÚCLEO DE PLANEJAMENTO E SUPERVISÃO

Roberto Longo

DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA

Elvio Valente

DEPARTAMENTO DE COMÉRCIO E SERVIÇOS

Eduardo Luiz de Mendonça

DEPARTAMENTO DE CONTAS NACIONAIS

Claudio Monteiro Considera

DEPARTAMENTO DE EMPREGO E RENDIMENTO

Maria Martha Malard Mayer

DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICAS E INDICADORES SOCIAIS

Rosa Maria Ribeiro da Silva

DEPARTAMENTO DE ÍNDICES DE PREÇOS

Ricardo Augusto Braule Pinto

DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA

Carmem Aparecida do Valle Costa Feijó

DEPARTAMENTO DE POPULAÇÃO

Valéria da Motta Leite

GRUPO EXECUTIVO DE ADMINISTRAÇÃO

Angela Rosenberg Freire

Para informações, dirigir-se aos seguintes Departamentos, nos respectivos endereços classificados por assunto:

— **Índices Nacionais de Preços ao Consumidor**

Índices de Preços (DESIP) — Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 13º andar, telefone: 248-9724

— **Pesquisa Mensal de Emprego**

Emprego e Rendimento (DEREN) — Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 10º andar, telefone: 284-6539

— **Indicadores Conjunturais da Indústria**

Indústria (DEIND) — Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 7º andar, telefone: 284-8840 — Pesquisa Industrial Mensal — PIM

— **Custos e Índices da Construção Civil**

Índices de Preços (DESIP) — Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 13º andar, telefone: 264-3547, CEP 20 941, Mangueira, Rio de Janeiro, RJ, ou à Delegacia do IBGE de sua capital

— **Estatística da Produção Agrícola Anual**

Agropecuária (DEAGRO) — Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 9º andar, telefone: 284-8131

— **Suplemento**

Contas Nacionais (DECNA) — Avenida Marechal Câmara, 186, 4º andar, telefone: 262-6262

LEITURA RÁPIDA

O IPC de abril (44,80%) ficou 39,52 pontos percentuais abaixo do de março (84,32%), em consequência do programa econômico do novo Governo, sendo que a maior parte desta variação refletiu o "resíduo" da inflação ocorrida antes de 16 de março. Por grupo de produtos, o maior resultado foi registrado em Habitação (50,39%) e o menor, em Artigos de Residência (33,88%). O IPC acumulado no ano chegou a 619,89%, nos últimos seis meses, a 1 463,24% e nos últimos doze meses, a 6 584,60%.

O INPC (14,67%) e o IPCA (15,52%) também tiveram quedas abruptas em relação a março. O grupo Alimentação e Bebidas, no INPC, assinalou variação de 7,74% em abril contra os 88,86% do mês anterior. Resultados acumulados: INPC — no ano (511,33%), nos últimos seis meses (1 273,08%) e nos últimos doze meses (6 554,52%) — e IPCA — no ano (520,37%), nos últimos seis meses (1 289,29%) e nos últimos doze meses (6 821,31%).

A taxa de desemprego aberto, em março, em relação ao mesmo mês do ano passado, foi de 4,04%, com aumentos de

2% da PEA e de 3% da população ocupada e queda de 1% da população desocupada. Comparando-se a taxa de desemprego aberto de março contra fevereiro, entre 1983 e 1990, verifica-se que a deste ano (17,78%) superou até mesmo a de 1983 (14,33%), período de crise da economia brasileira.

Os rendimentos médios reais, em fevereiro, em relação a janeiro, dos empregados com carteira assinada, dos empregados sem carteira assinada e dos conta-próprias caíram em todas as regiões pesquisadas, exceto dos empregados sem carteira assinada em Recife, Salvador e Porto Alegre.

A produção industrial brasileira, em março, apresentou decréscimos nos índices mais diretamente afetados pelo Plano Econômico do Governo — mensal (-1,5%) e mês/mês anterior com ajustamento sazonal (-5,8%) — e crescimentos naqueles que envolvem a comparação de maior número de meses — acumulado no ano (4,6%) e acumulado nos últimos doze meses (5,8%). A queda na comparação mês/mês anterior na série sazonalmente ajustada foi a maior desde

abril de 1985 e superior, ainda, às registradas nos dois últimos planos econômicos, porém não muito distante da ocorrida no Plano Bresser (-4,8%).

Os resultados regionais da indústria, no indicador mensal, foram diferenciados: Nordeste (0,7%), Pernambuco (3,3%), Bahia (-5,6%), Minas Gerais (-5,5%), Rio de Janeiro (-1,7%), São Paulo (-2,7%), Região Sul (-2,9%), Paraná (3,6%), Santa Catarina (6,3%) e Rio Grande do Sul (-8,5%).

Segundo o Sistema Nacional de Pesquisas de Custos e Índices da Construção Civil (SINAPI), em abril, o custo médio do metro quadrado, para o Brasil, foi de Cr\$ 15.969,91, com variação mensal de 15,92% e acumulada no ano de 443,10%. A participação dos materiais foi de Cr\$ 12.511,64 (19,70%) e a da mão-de-obra, de Cr\$ 3.458,27 (4,04%).

Em abril, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) registrou, na comparação com março, reduções acentuadas na produção esperada de sete produtos: algodão herbáceo (-6,70%), arroz (-6,32%), feijão - 1ª safra

(-12,04%), feijão - 2ª safra (-3,93%), milho (-6,36%), soja (-4,64%) e tomate (-6,91%). Apenas quatro produtos apresentam acréscimos significativos: batata-inglesa - 2ª safra (2,53%), café (2,17%), cana-de-açúcar (2,44%), e laranja (3,56%).

O desempenho do subsetor pecuário, em março, pode ser considerado satisfatório, já que, à exceção dos bovinos, cresceram os abates de suínos e de aves e a produção de leite. Isto se deve, em parte, à recuperação dos preços verificada no primeiro trimestre de 1990.

Suplemento

A revista Indicadores IBGE traz, neste número, o suplemento "Brasil - Produto Interno Bruto Trimestral - 1990 - Primeiro Trimestre", elaborado pelo Departamento de Contas Nacionais da Diretoria de Pesquisas do IBGE.

Rio de Janeiro, RJ, maio de 1990
Edição
Núcleo de Documentação da
Diretoria de Pesquisas

ÍNDICES DE PREÇOS AO CONSUMIDOR

RESULTADOS DO INPC E DO IPCA

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor — INPC — apresentou, no mês de abril de 1990, variação de 14,67%, significativamente inferior, ao INPC de março, cuja variação situou-se em 82,18% e o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo — IPCA — variou 15,52%.

Os resultados acumulados encontram-se na tabela abaixo:

O INPC de abril foi calculado através da comparação dos preços médios obtidos no período de 31 de março a 30 de abril (referência) com os preços médios do

período de 02 a 30 de março (base). Considerando-se os pontos médios dos dois períodos de coleta, verifica-se que o INPC mediu o movimento de preços ocorrido entre os dias 15 de abril e 16 de março.

O INPC de abril mostra uma queda abrupta do índice, cuja taxa vinha se acelerando nos últimos meses, refletindo as medidas que visam conter a inflação, de acordo com o programa econômico do novo governo. Tais medidas entraram em vigor a partir do dia 16 de março, e foram regulamentadas, inicialmente, através de Medidas Provisórias. Destaca-se, por ter impacto imediato sobre os preços, a Medida Provisória n.º 154 que, além de outras determinações, proibiu, por tempo indeterminado, quaisquer reajustes sem prévia autorização.

VARIAÇÕES DO INPC E DO IPCA, COM ÍNDICES ACUMULADOS

ÍNDICES	VARIAÇÃO (%)				NÚMERO ÍNDICE (março/86 = 100)
	Acumulado em três meses	Acumulado em seis meses	Acumulado no ano	Acumulado em doze meses	
INPC.....	263,48	1 273,08	511,33	6 554,52	774 304,13
IPCA.....	270,26	1 289,29	520,37	6 821,31	856 293,59

Destaca-se, também, a Medida Provisória nº 168, que dispôs, dentre outros assuntos, sobre a liquidez dos ativos financeiros da economia, no sentido de diminuí-la e impedir pressão de demanda.

Analisando as informações do índice a nível desagregado, verifica-se que todos os itens apresentaram resultados inferiores aos do INPC de março.

Os produtos alimentícios

Os alimentos registraram 7,74% de variação, enquanto, no mês de março, o resultado foi 88,86%. Destacam-se, pela importância relativa nas despesas das famílias, os seguintes produtos:

PRODUTOS	MARÇO (%)	ABRIL (%)
Cereais	47,05	4,79
Açúcares e derivados	73,44	6,85
Carnes	126,88	-3,22
Frango	109,45	1,60
Ovos	134,45	4,22
Leite e derivados	97,58	12,17
Panificados	72,41	20,19
Óleo de soja	50,30	1,25
Bebidas e infusões	94,28	6,69
Alimentação em restaurante	89,84	8,56

Os produtos não-alimentícios

A variação dos produtos não-alimentícios situou-se em 18,95%, sendo que, em março, o resultado foi 78,28%. Os destaques foram:

PRODUTOS	MARÇO (%)	ABRIL (%)
Taxa de água e esgoto	78,94	23,10
Artigos de limpeza	76,59	4,03
Energia elétrica	83,80	13,83
Mobiliário	74,10	21,35
Utensílios e enfeites	72,46	16,48
Elerodomésticos	71,81	7,85
Vestuário	66,85	25,19
Ônibus urbano	89,08	22,37
Automóveis usados	73,43	8,85
Produtos farmacêuticos	64,16	13,92
Artigos de higiene pessoal	90,75	12,80
Serviços pessoais	82,24	12,46
Recreação	83,67	23,61
Educação	88,23	8,88

RESULTADOS DO IPC

O Índice de Preços ao Consumidor — IPC — no mês de abril de 1990 apresentou variação de 44,80%, significativamente in-

ferior ao IPC de março, cuja variação situou-se em 84,32%. O IPC de abril foi calculado através da comparação dos preços médios obtidos no período de 16 de março a 16 de abril (referência) com os preços médios do período de 15 de fevereiro a 15 de março (base), destacando-se que o índice do mês foi calculado com base na metodologia normalmente utilizada pelo IBGE, sem nenhuma alteração.

Através do IPC de abril, verifica-se uma queda abrupta da inflação, que vinha se acelerando nos últimos meses, até atingir a taxa recorde de 84,32% em março. De um mês para outro, a inflação foi reduzida, praticamente, à metade. Ou seja, o índice de abril foi 39,52 pontos percentuais menor do que o de março, refletindo as medidas que visam conter a inflação, de acordo com o programa econômico do novo governo.

Tais medidas entraram em vigor a partir do dia 16 de março, coincidindo com o primeiro dia de coleta de preços para o cálculo do índice do mês, e foram regulamentadas, inicialmente, através de Medidas Provisórias. Destaca-se, por ter impacto imediato sobre os preços, a Medida Provisória nº 154 que, além de outras determinações, proibiu, por tempo indeterminado, quaisquer reajustes sem prévia autorização. Destaca-se, também, a Medida Provisória nº 168 que dispõe, dentre outros assuntos, sobre a liquidez dos ativos financeiros da economia, no sentido de diminuí-la e impedir pressão de demanda.

Para compreender o resultado do IPC de abril em face das medidas adotadas, é necessário ter a percepção de alguns aspectos importantes: primeiro — a coleta de preços é contínua, ou seja, é realizada diariamente; segundo — para cada produto é calculado um preço médio a partir dos preços diariamente coletados. Juntando estes dois aspectos e tendo em mente o comportamento dos preços até o dia 15 e após o dia 15 de março podemos observar que, no período-base — 15 de fevereiro a 15 de março — os preços médios estão centrados no dia 01 de março e, por conseguinte, são inferiores aos preços efetivamente coletados nos últimos dias de coleta, tendo em vista a aceleração inflacionária. Da mesma forma, no período de

referência — 16 de março a 16 de abril — os preços médios estão centrados no dia 31 de março, podendo-se concluir que, dadas as medidas econômicas adotadas, estes preços médios podem ser próximos aos preços coletados no final do período-base, mas são, sem dúvida, superiores aos preços médios daquele mesmo período-base. Significa que restou uma inflação (*CARRYOVER*). É o *resto da inflação* que o índice de abril mediu. Ou seja, o IPC de abril mediu a inflação ocorrida entre os dias 01 de março (dia central da coleta de preços do período-base) e o dia 31 de março (dia central da coleta de preços de referência).

Assim, a variação de 44,80% do IPC de abril refletiu o *resíduo* da inflação ocorrida antes do dia 16 de março, a partir do qual o novo programa econômico entrou em vigor. Não se pode afirmar, no entanto, que a totalidade deste percentual seja *resíduo* de inflação passada e sim que a maior parte deste percentual é *resíduo*.

Analisando as informações do índice a nível desagregado, verifica-se que, com exceção dos combustíveis, todos os itens apresentaram resultados inferiores aos do IPC de março.

Os produtos alimentícios

Os alimentos registraram 44,66% de variação, enquanto, no mês de março, o resultado foi 84,15%. Destacam-se, pela importância relativa nas despesas das famílias, os seguintes produtos:

PRODUTOS	MARÇO (%)	ABRIL (%)
Cereais	50,51	23,78
Açúcares e derivados	72,23	40,50
Carnes	97,70	39,93
Frango	98,58	35,57
Ovos	124,28	55,90
Leite e derivados	97,40	64,17
Panificados	90,89	58,38
Óleo de soja	65,53	23,73
Bebidas e infusões	92,34	42,70
Alimentação em restaurante	80,86	45,62

Os produtos não-alimentícios

A variação dos produtos não-alimentícios situou-se em 45,21%, sendo que, em março, o resultado foi 84,23%. Dentre os produtos importantes, apenas o gás de bujão (76,09%), a gasolina (75,12%) e o

aluguel (66,34%) apresentaram variações superiores às de março (72,06%, 70,87% e 51,10%, respectivamente). Os destaques, com variações significativamente inferiores, foram:

PRODUTOS	MARÇO (%)	ABRIL (%)
Água e esgoto	99,89	48,67
Artigos de limpeza	85,04	32,30
Energia elétrica	111,64	47,65
Mobiliário	80,34	43,28
Utensílios e enfeites	75,38	33,75
Eletrodomésticos	99,16	29,43
Vestuário	70,31	37,73
Ônibus urbano	90,96	54,77
Automóveis usados	85,21	23,91
Produtos farmacêuticos	68,93	41,43
Artigos de higiene pessoal	97,06	55,23
Serviços pessoais	80,67	30,89
Recreação	105,37	57,35
Educação	90,11	28,52

NOTA EXPLICATIVA DO IPC

O Índice de Preços ao Consumidor — IPC — é o instrumento de política econômica, criado através do Decreto-Lei nº 2.284 de 10 de março de 1986. De 28 de fevereiro de 1986 até outubro do mesmo ano, o IPC foi calculado pela metodologia do IPCA, de novembro de 1986 em diante passou a ser calculado pela metodologia do INPC.

O número índice de fevereiro refere-se à data de 28-02-86.

A variação de março de 1986 corresponde ao movimento de preços observados entre o dia 28 de fevereiro de 1986 e a base definida pelos preços coletados em março de 1986.

Até maio de 1987, o IPC foi calculado com base nos preços coletados no mês civil. O IPC de junho de 1987 foi obtido comparando-se a média dos preços vigentes, no período de 16 a 22 de junho, com a média dos preços constatados no mês de maio, conforme determinação do Decreto-Lei nº 2.335 de 12 de junho de 1987 e a Portaria nº 186 de junho de 1987. A partir de junho, também em cumprimento ao Decreto-Lei nº 2.335, o IPC passou a ser calculado, com base na média dos preços apurados, entre o início da segunda quinzena do mês anterior e o término da primeira quinzena do mês de referência.

1 - VARIÇÃO GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS
INPC - Abril de 1990

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tos e bebidas	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	14,22	7,43	20,13	9,16	30,68	18,34	16,29	17,37
Fortaleza.....	14,61	11,90	23,89	8,68	19,00	12,24	15,47	20,97
Recife.....	15,77	9,40	36,87	13,52	14,98	25,92	12,60	25,19
Salvador.....	14,50	9,21	24,54	11,95	18,03	20,83	13,11	18,89
Belo Horizonte.....	15,26	9,71	13,24	15,99	23,46	28,81	14,80	15,64
Rio de Janeiro.....	15,25	8,18	28,83	19,99	17,34	8,65	20,62	29,43
São Paulo.....	13,68	6,19	20,19	6,19	31,97	11,36	13,99	23,83
Curitiba.....	15,14	7,19	23,38	13,12	27,00	19,69	13,50	16,92
Porto Alegre.....	13,04	2,03	17,66	17,03	32,52	15,13	9,63	25,07
Brasília, DF.....	17,49	9,26	25,30	24,44	25,66	14,46	18,27	22,97
INPC.....	14,67	7,74	22,07	13,08	25,19	15,78	14,80	22,12

IPCA - Abril de 1990

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tos e bebidas	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	13,95	7,55	18,55	6,83	30,71	14,00	16,91	14,17
Fortaleza.....	14,91	12,27	23,91	10,36	19,13	14,28	14,97	17,31
Recife.....	15,63	9,33	34,63	13,42	14,92	19,85	14,41	20,67
Salvador.....	15,06	8,37	25,80	11,05	18,12	18,29	17,55	18,90
Belo Horizonte.....	15,19	10,74	15,25	15,14	23,92	19,63	16,23	12,44
Rio de Janeiro.....	17,93	8,35	33,88	20,81	15,85	11,35	21,33	35,52
São Paulo.....	14,20	6,07	27,86	6,86	31,70	10,89	15,37	18,16
Curitiba.....	15,25	7,55	29,09	12,86	25,69	16,14	13,55	14,33
Porto Alegre.....	14,94	2,39	19,36	16,97	35,95	13,76	17,31	21,94
Brasília, DF.....	20,72	8,96	30,27	23,38	25,16	15,58	19,95	34,27
IPCA.....	15,52	7,38	26,89	12,70	26,46	13,42	15,97	21,53

IPC - Abril de 1990

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tos e bebidas	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	46,03	43,54	48,66	36,17	49,51	25,16	60,83	48,65
Fortaleza.....	45,46	51,63	54,80	24,33	37,01	37,67	51,44	42,55
Recife.....	46,80	50,45	66,61	30,25	35,12	40,72	47,55	50,20
Salvador.....	39,84	40,15	41,57	32,11	33,52	46,02	37,38	46,39
Belo Horizonte.....	42,23	46,52	43,75	35,03	31,66	41,86	40,67	45,50
Rio de Janeiro.....	47,03	47,86	54,68	33,32	32,17	52,41	57,06	48,39
São Paulo.....	43,18	41,81	51,69	26,26	35,35	51,44	44,16	48,29
Curitiba.....	45,74	45,98	53,03	33,15	41,00	49,46	44,92	54,58
Porto Alegre.....	47,20	40,36	46,08	47,16	50,63	55,84	60,87	44,89
Brasília, DF.....	51,14	44,33	47,63	57,72	47,14	62,62	49,06	57,61
IPC.....	44,80	44,66	50,39	33,88	37,73	49,33	48,14	48,47

**2 - PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES NA VARIÇÃO MENSAL
INPC - Abril de 1990**

ITENS	VARIÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Aluguel residencial	66,07	1,00
Ônibus urbano	22,37	0,96
Cigarros	45,60	0,95
Recreação	23,61	0,93
Roupas femininas	31,18	0,74
Calçados	22,97	0,62
Panificados	20,19	0,61
Produtos farmacêuticos	13,92	0,54
Roupas infantis	33,62	0,53
Artigos de higiene pessoal	12,80	0,53
Roupas masculinas	21,07	0,52
Leite e derivados	12,17	0,48
Taxa de água e esgoto	23,10	0,44
Artigos de mobiliário	21,39	0,40
Energia elétrica	13,83	0,40
Utensílios e enfeites	16,48	0,37
Refeição em restaurante	9,30	0,26
Atendimento médico	23,54	0,25
Gasolina	22,38	0,25
Serviços médicos	20,54	0,24
Itens listados acima	21,79	11,02
Demais itens	7,39	3,65

IPCA - Abril de 1990

ITENS	VARIÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Recreação	31,25	1,78
Aluguel residencial	86,00	1,06
Roupas femininas	33,42	0,83
Cigarros	45,75	0,60
Gasolina	22,38	0,60
Roupas masculinas	24,14	0,58
Serviços médicos	21,24	0,53
Ônibus urbano	20,62	0,51
Artigos de higiene pessoal	13,17	0,47
Roupas infantis	33,88	0,45
Produtos farmacêuticos	14,04	0,45
Condomínio	54,32	0,43
Panificados	19,36	0,40
Atendimento médico	21,44	0,38
Artigos de mobiliário	20,03	0,37
Refeição em restaurante	9,53	0,36
Taxa de água e esgoto	23,57	0,34
Serviços pessoais	9,76	0,34
Utensílios e enfeites	15,98	0,33
Conserto de automóveis	16,97	0,32
Itens listados acima	23,25	11,13
Demais itens	8,43	4,39

IPC - Abril de 1990

ITENS	VARIÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Ônibus urbano	54,77	2,28
Recreação	57,35	2,28
Leite e derivados	64,17	2,22
Artigos de higiene pessoal	55,23	2,09
Carnes	39,93	1,70
Panificados	58,38	1,66
Produtos farmacêuticos	41,43	1,53
Calçados	47,48	1,48
Cigarros	75,43	1,40
Bebidas	42,70	1,35
Aves e ovos	40,74	1,24
Energia elétrica	47,65	1,22
Refeição em restaurante	45,62	1,19
Aluguel residencial	66,34	1,15
Açúcares e derivados	40,50	0,97
Gasolina	75,12	0,97
Taxa de água e esgoto	48,67	0,92
Roupas masculinas	33,13	0,91
Utensílios e enfeites	33,75	0,90
Roupas femininas	32,93	0,85
Itens listados acima	48,92	28,31
Demais itens	39,15	16,49

3 – NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES – 1989/90 INPC

(continua)

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março/86 = 100)	VARIAÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1989						
Abril.....	11 635,77	8,06	33,15	196,88	80,39	924,34
Maió.....	13 575,45	16,67	33,51	170,29	110,46	910,74
Junho.....	17 566,63	29,40	63,14	172,33	172,33	969,59
Julho.....	22 379,89	27,40	92,34	156,09	246,95	1 007,67
Agosto.....	29 805,54	33,18	119,55	193,13	362,07	1 122,91
Setembro.....	40 639,85	36,35	131,35	277,42	530,03	1 213,67
Outubro.....	56 391,86	38,76	151,98	384,64	774,23	1 338,83
Novembro.....	83 724,99	48,47	180,90	516,74	1 197,96	1 566,98
Dezembro.....	126 659,16	51,28	211,66	621,02	1 863,56	1 863,56
1990						
Janeiro.....	213 028,04	68,19	277,76	851,87	68,19	2 337,64
Fevereiro.....	370 647,49	73,99	342,70	1 143,55	192,63	3 545,25
Março.....	675 245,60	82,18	433,12	1 561,54	433,12	6 170,92
Abril.....	774 304,13	14,67	263,48	1 273,08	511,33	6 554,52

IPCA

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março/86 = 100)	VARIAÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1989						
Abril.....	12 371,84	8,33	35,14	205,93	85,80	940,07
Maió.....	14 588,87	17,92	36,45	181,97	119,09	944,50
Junho.....	18 768,58	28,65	64,34	181,86	181,86	1 001,44
Julho.....	23 974,98	27,74	93,79	161,87	260,05	1 054,11
Agosto.....	32 056,95	33,71	119,74	199,84	381,43	1 169,15
Setembro.....	44 097,54	37,56	134,95	286,13	562,25	1 269,82
Outubro.....	61 635,13	39,77	157,08	398,19	825,62	1 424,12
Novembro.....	91 109,05	47,82	184,21	524,51	1 268,26	1 660,95
Dezembro.....	138 030,21	51,50	213,01	635,43	1 972,91	1 972,91
1990						
Janeiro.....	231 269,62	67,55	275,22	864,63	67,55	2 426,12
Fevereiro.....	406 410,10	75,73	346,07	1 167,78	194,44	3 701,29
Março.....	741 251,38	82,39	437,02	1 580,94	437,02	6 390,53
Abril.....	856 293,59	15,52	270,26	1 289,29	520,37	6 821,31

3 - NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES - 1989/90 IPC

(conclusão)

MESES	NÚMERO ÍNDICE (maio 86 = 100)	VARIACÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1989						
Abril.....	11 828,74	7,31	17,94	228,28	100,83	991,53
Maió.....	13 004,52	9,94	25,16	184,36	120,80	918,88
Junho.....	16 233,54	24,83	47,27	175,62	175,62	964,05
Julho.....	20 902,31	28,76	76,71	108,42	254,89	1 004,55
Agosto.....	27 035,05	29,34	107,89	160,20	359,01	1 084,00
Setembro.....	36 754,15	35,95	126,41	233,43	524,03	1 198,00
Outubro.....	50 581,06	37,62	141,99	327,61	758,79	1 303,78
Novembro.....	71 531,74	41,42	164,59	450,05	1 114,50	1 464,16
Dezembro.....	109 836,99	53,55	198,84	576,61	1 764,87	1 764,87
1990						
Janeiro.....	171 466,53	56,11	238,99	720,32	56,11	1 609,68
Fevereiro.....	296 259,87	72,78	314,17	996,84	169,73	2 751,34
Março.....	546 066,19	84,32	397,16	1 385,73	397,16	4 853,90
Abril.....	790 703,84	44,80	361,14	1 463,24	619,24	6 584,60

4 - VARIACÃO MENSAL IPC - Abril de 1990

GRUPOS	PONDERAÇÃO (%)	VARIACÃO (%)
Geral.....	100,00	44,80
Alimentação e bebidas.....	35,83	44,66
Habitação.....	10,47	50,39
Artigos de residência.....	9,19	33,88
Vestuário.....	11,50	37,73
Transporte e comunicação.....	12,04	49,33
Saúde e cuidados pessoais.....	10,01	48,15
Despesas pessoais.....	10,96	48,47

**5 – VARIAÇÃO MENSAL, PESOS DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS**
Abril de 1990

(continua)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIAÇÃO (%)	PESOS (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIAÇÃO (%)	PESOS (%)
INPC			CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	22,97	2,76
INPC.....	14,67	100,00	Calçados e outros apetrechos	22,97	2,76
ALIMENTOS E BEBIDAS.....	7,74	36,81	JÓIAS.....	12,25	0,40
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	7,51	29,04	Jóias	12,25	0,40
Cereais, leguminosas e oleaginosas	4,78	3,03	TECIDOS E ARMARINHO	13,55	0,61
Farinhas, féculas e massas	14,01	1,36	Tecidos e armarinho	13,55	0,61
Tubérculos, raízes e legumes	11,02	0,73	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	15,78	11,35
Açúcares e derivados	6,85	2,47	TRANSPORTE.....	15,77	11,04
Hortaliças e verduras	22,60	0,23	Transporte público	20,27	5,69
Frutas	20,63	0,60	Veículo próprio	7,86	4,17
Carnes frescas e vísceras	-3,22	3,82	Combustíveis (transporte)	22,39	1,18
Pescados	17,88	0,44	COMUNICAÇÕES	16,01	0,30
Carnes e peixes industrializados	10,87	1,11	Comunicações	16,01	0,30
Aves e ovos	-0,04	2,76	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	14,80	10,75
Leite e derivados	12,17	3,63	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E		
Panificados	20,19	3,20	APARELHOS DE TRATAMENTO	13,00	4,65
Óleos e gorduras	6,92	1,15	Produtos farmacêuticos	13,91	4,31
Bebidas e infusões	6,69	3,24	Óculos e lentes	2,92	0,34
Enlatados e conservas	9,31	0,31	ATENDIMENTO E SERVIÇOS	21,96	2,18
Sal e condimentos	7,18	0,97	Atendimento médico	23,54	1,02
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	8,55	7,77	Serviços médicos	20,54	1,16
Alimentação fora do domicílio	8,55	7,77	CUIDADOS PESSOAIS	12,80	3,93
HABITAÇÃO	22,07	10,77	Higiene pessoal	12,80	3,93
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	25,23	7,30	DESPESAS PESSOAIS.....	22,12	10,62
Habitação	41,04	4,21	SERVIÇOS.....	12,46	1,96
Reparos	8,59	1,06	Serviços pessoais	12,46	1,96
Artigos de limpeza	4,03	2,04	RECREAÇÃO E FUMO	30,99	6,01
OPERAÇÃO	15,95	3,46	Recreação	23,61	3,90
Combustíveis para uso doméstico	22,48	0,82	Fumo	44,27	2,11
Energia elétrica	13,83	2,65	EDUCAÇÃO E LEITURA	9,14	2,65
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	13,08	8,73	Educação	8,88	2,12
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	17,61	5,28	Leitura e papeleria	10,23	0,53
Mobiliário	21,39	1,95			
Utensílios e enfeites	16,48	2,38			
Cama, mesa e banho	13,30	0,96			
APARELHOS ELÉTRICOS	5,61	3,45			
Eletrodomésticos e equipamentos	7,85	1,83			
TV e som	2,83	1,62			
VESTUÁRIO	25,19	10,97			
ROUPAS	27,90	7,20			
Roupas masculinas	21,07	2,77			
Roupas femininas	31,18	2,71			
Roupas infantis	33,62	1,73			

5 - VARIÇÃO MENSAL, PESOS DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS
Abril de 1990

(continua)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIÇÃO (%)	PESOS (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIÇÃO (%)	PESOS (%)
IPCA			CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	22,72	2,54
IPCA.....	15,52	100,00	Calçados e outros apetrechos	22,72	2,54
ALIMENTOS E BEBIDAS	7,38	28,16	JÓIAS.....	12,69	0,45
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	6,91	20,35	Jóias	12,69	0,45
Cereais, leguminosas e oleaginosas	4,33	1,73	TECIDOS E ARMARINHO	14,05	0,60
Farinhas, féculas e massas	11,22	0,81	Tecidos e armarinho	14,05	0,60
Tubérculos, raízes e legumes	9,63	0,51	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	13,42	18,11
Apúscaras e derivados	8,19	1,77	TRANSPORTE.....	13,40	17,42
Hortaliças e verduras	20,88	0,22	Transporte público	18,43	4,00
Frutas	17,70	0,50	Veículo próprio	8,07	10,00
Carnes frescas e vísceras	- 2,84	2,75	Combustíveis (transporte)	22,41	3,42
Pescados	20,80	0,32	COMUNICAÇÕES.....	14,05	0,69
Carnes e peixes industrializados	10,09	0,86	Comunicações	14,05	0,69
Aves e ovos	- 1,12	1,68	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	15,97	11,71
Leite e derivados	9,02	3,03	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E APARELHOS DE TRATAMENTO	12,46	4,07
Panificados	19,36	2,11	Produtos farmacêuticos	14,04	3,56
Óleos e gorduras	7,03	0,71	Óculos e lentes	2,92	0,51
Bebidas e infusões	6,18	2,36	ATENDIMENTO E SERVIÇOS.....	21,32	4,21
Enlatados e conservas	9,83	0,29	Atendimento médico	21,44	1,73
Sal e condimentos	6,48	0,71	Serviços médicos	21,24	2,48
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	8,60	7,81	CUIDADOS PESSOAIS	13,17	3,43
Alimentação fora do domicílio	8,60	7,81	Higiene pessoal	13,17	3,43
HABITAÇÃO.....	26,89	9,47	DESPESSAS PESSOAIS.....	21,53	14,06
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	31,97	6,80	SERVIÇOS.....	9,75	3,41
Habitação	49,57	4,28	Serviços pessoais	9,75	3,41
Reparos	8,49	1,05	RECREAÇÃO E FUMO	33,86	6,98
Artigos de limpeza	4,46	1,47	Recreação	31,24	5,68
OPERAÇÃO	15,31	2,67	Fumo	44,91	1,30
Combustíveis para uso doméstico...	21,30	0,50	EDUCAÇÃO E LEITURA	9,63	3,67
Energia elétrica	13,83	2,17	Educação	9,49	2,73
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	12,70	7,80	Leitura e papeleria	10,08	0,94
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	16,90	4,83			
Mobiliário	20,03	1,96			
Utensílios e enfeites	15,98	2,18			
Cama, mesa e banho	11,83	0,69			
APARELHOS ELÉTRICOS	5,36	2,98			
Eletrodomésticos e equipamentos ..	7,38	1,69			
TV e som	2,43	1,28			
VESTUÁRIO	26,46	10,69			
ROUPAS	29,94	7,09			
Roupas masculinas	24,14	2,74			
Roupas femininas	33,42	2,91			
Roupas infantis	33,88	1,44			

**5 – VARIÇÃO MENSAL, PESOS DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS**
Abril de 1990

(conclusão)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIÇÃO (%)	PESOS (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIÇÃO (%)	PESOS (%)
IPC			CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	47,48	3,12
IPC.....	44,80	100,00	Calçados e outros apetrechos.....	47,48	3,12
ALIMENTOS E BEBIDAS	44,66	35,83	JÓIAS	23,49	0,39
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	45,01	28,48	Jóias.....	23,49	0,39
Cereais, leguminosas e oleaginosas	23,78	2,68	TECIDOS E ARMARINHO	40,30	0,64
Farinhas, féculas e massas.....	41,32	1,36	Tecidos e armarinho.....	40,30	0,64
Tubérculos, raízes e legumes.....	37,37	0,68	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	49,33	12,04
Açúcares e derivados.....	40,50	2,41	TRANSPORTE	49,00	11,77
Hortaliças e verduras.....	37,97	0,24	Transporte público.....	53,46	5,72
Frutas.....	42,34	0,62	Veículo próprio.....	35,40	4,62
Carnes frescas e vísceras.....	39,93	4,25	Combustíveis (transporte).....	75,19	1,42
Pescados.....	46,74	0,44	COMUNICAÇÕES	63,50	0,27
Carnes e peixes industrializados.....	64,81	1,05	Comunicações.....	63,50	0,27
Aves e ovos.....	40,74	3,06	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	48,15	10,01
Leite e derivados.....	64,17	3,46	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E		
Panificados.....	58,38	2,84	APARELHOS DE TRATAMENTO	41,00	4,04
Óleos e gorduras.....	42,74	0,99	Produtos farmacêuticos.....	41,43	3,69
Bebidas e infusões.....	42,70	3,17	Óculos e lentes.....	36,54	0,35
Enlatados e conservas.....	48,39	0,29	ATENDIMENTO E SERVIÇOS	49,07	2,18
Sal e condimentos.....	43,82	0,95	Atendimento médico.....	46,44	1,08
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	43,30	7,35	Serviços médicos.....	51,64	1,11
Alimentação fora do domicílio.....	43,30	7,35	CUIDADOS PESSOAIS	55,23	3,79
HABITAÇÃO	50,39	10,47	Higiene pessoal.....	55,23	3,79
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	48,56	7,14	DESPESAS PESSOAIS	48,47	10,96
Habitação.....	56,32	4,07	SERVIÇOS	30,89	2,11
Reparos.....	50,44	1,02	Serviços pessoais.....	30,89	2,11
Artigos de limpeza.....	32,30	2,06	RECREAÇÃO E FUMO	62,94	5,95
OPERAÇÃO	54,31	3,33	Recreação.....	57,35	3,97
Combustíveis para uso doméstico....	76,43	0,77	Fumo.....	74,17	1,98
Energia elétrica.....	47,65	2,56	EDUCAÇÃO E LEITURA	31,56	2,90
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	33,88	9,19	Educação.....	28,52	2,42
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	38,01	5,72	Leitura e papelaria.....	46,85	0,48
Mobiliário.....	43,28	1,91			
Utensílios e enfeites.....	33,75	2,66			
Cama, mesa e banho.....	39,14	1,15			
APARELHOS ELÉTRICOS	27,07	3,47			
Eletrodomésticos e equipamentos ..	29,42	2,01			
TV e som.....	23,83	1,46			
VESTUÁRIO	37,73	11,50			
ROUPAS	34,13	7,35			
Roupas masculinas.....	33,13	2,75			
Roupas femininas.....	32,93	2,59			
Roupas infantis.....	37,07	2,00			

PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

ESTIMATIVAS PARA O MÊS DE MARÇO DE 1990

A estimativa da População Economicamente Ativa — PEA, para o mês de março, foi de 17 038 129 pessoas das quais 16 348 573 estavam ocupadas e 689 557 estavam desocupadas.

Em relação ao mês de fevereiro deste ano, a PEA manteve-se praticamente estável, mas em relação a março do ano passado, aumentou 2%. A População Ocupada (PO) caiu 1% em relação a fevereiro e aumentou 3% em relação a março-89. A População Desocupada (PD) aumentou 18% em relação a fevereiro e caiu 1% em relação a março do ano passado.

Historicamente, na comparação mensal (março-fevereiro) do período de 1983 a 1990, destacou-se a variação do número de pessoas desocupadas em março de 1990, refletindo muito mais as expectativas das empresas com relação às medidas econômicas que seriam adotadas pelo novo

governo do que o impacto das medidas propriamente ditas, uma vez que foram anunciadas no dia 16 de março e o período de referência da pesquisa é a semana anterior à semana da entrevista, o que retardou ainda mais os efeitos das medidas.

Como dissemos anteriormente, a PEA manteve-se praticamente estável. A queda observada na População Ocupada ficou próxima à mais acentuada verificada no período (março de 1987), enquanto o crescimento da População Desocupada foi o maior do período, como podemos observar nas tabelas a seguir:

TABELA 1
VARIÇÕES MENSAS (%)
Março/Fevereiro

ANOS	PEA	PO	PD
1983	1,01	0,13	14,93
1984	0,41	0,42	0,74
1985	1,17	0,77	7,58
1986	0,79	0,86	-0,04
1987	-1,31	-1,21	-4,10
1988	0,17	0,23	-1,07
1989	-0,11	-0,30	4,50
1990	-0,25	-0,89	17,69

TABELA 2
VARIÇÕES ANUAIS (%)
Março/Março

ANOS	PEA	PO	PD
1984	3,13	2,57	15,93
1985	3,96	5,87	-13,85
1986	1,18	3,81	-31,53
1987	4,32	5,30	-21,81
1988	3,94	2,86	35,90
1989	2,76	2,83	1,22
1990	2,33	2,50	-1,45

A taxa de desemprego aberto, em março, aumentou 18% em relação a fevereiro e diminuiu 3% em relação a março do ano passado.

A tabela abaixo mostra a variação percentual da taxa de desemprego aberto, no período de 1983 a 1990.

TABELA 3
VARIÇÕES MENSAIS E ANUAIS (%)
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO

ANOS	MARÇO/ FEVEREIRO	MARÇO/ MARÇO
1983	14,33	
1984	-0,13	11,25
1985	5,88	-17,03
1986	-0,23	-32,25
1987	-2,96	-25,28
1988	-0,69	31,10
1989	4,76	-2,79
1990	17,78	-3,35

Como podemos observar na tabela acima, a variação mensal da taxa de desemprego aberto foi maior que a verificada em 1983, ano de crise na economia brasileira, quando a taxa de desemprego alcançou a média anual de 6,7%.

No setor de Atividades, na comparação mensal, a taxa de desemprego aberto, no período de 1983 a 1990, apresentou os maiores incrementos nos setores da Construção Civil, das Indústrias de Transformação e de Serviços. O destaque foi para o setor da Construção Civil com aumento de 46%, passando de 3,25% em fevereiro para 4,74% em março deste ano.

Os Gráficos de 1 a 3 mostram o número de pessoas ocupadas, desocupadas e a taxa de desemprego aberto no período de 1985 a 1990.

RESULTADOS POR REGIÃO METROPOLITANA

No mês de março, em relação a fevereiro, a População Economicamente Ativa caiu em Recife, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre — aproximadamente 1%. Em Salvador e em Belo Horizonte houve crescimento de 2% e 1%, respectivamente. Em São Paulo a PEA manteve-se praticamente estável. Em relação a março

GRÁFICO 1
NÚMERO DE PESSOAS OCUPADAS
(Período de referência — Semana/Idade mínima — 15 anos)

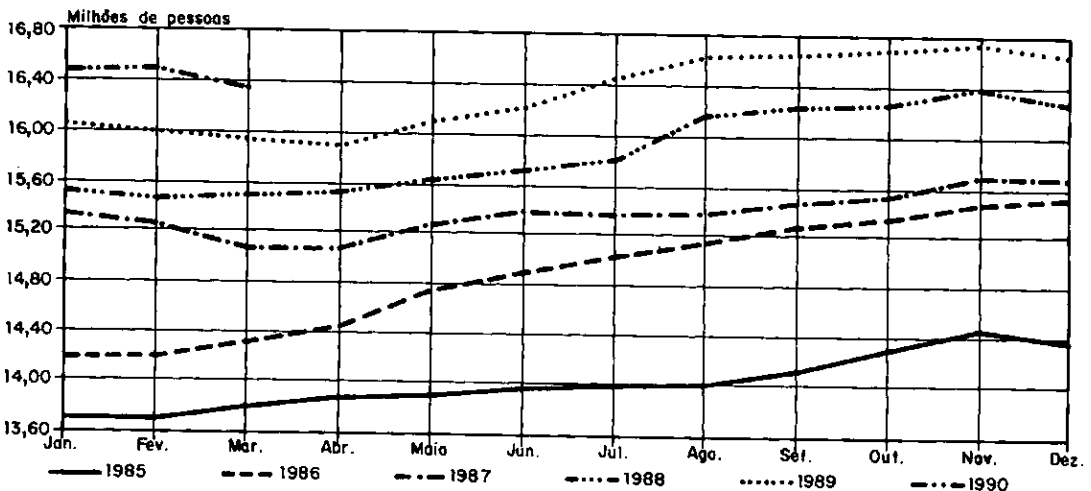


GRÁFICO 2
 NÚMERO DE PESSOAS DESOCUPADAS
 (Período de referência — Semana/Idade mínima — 15 anos)

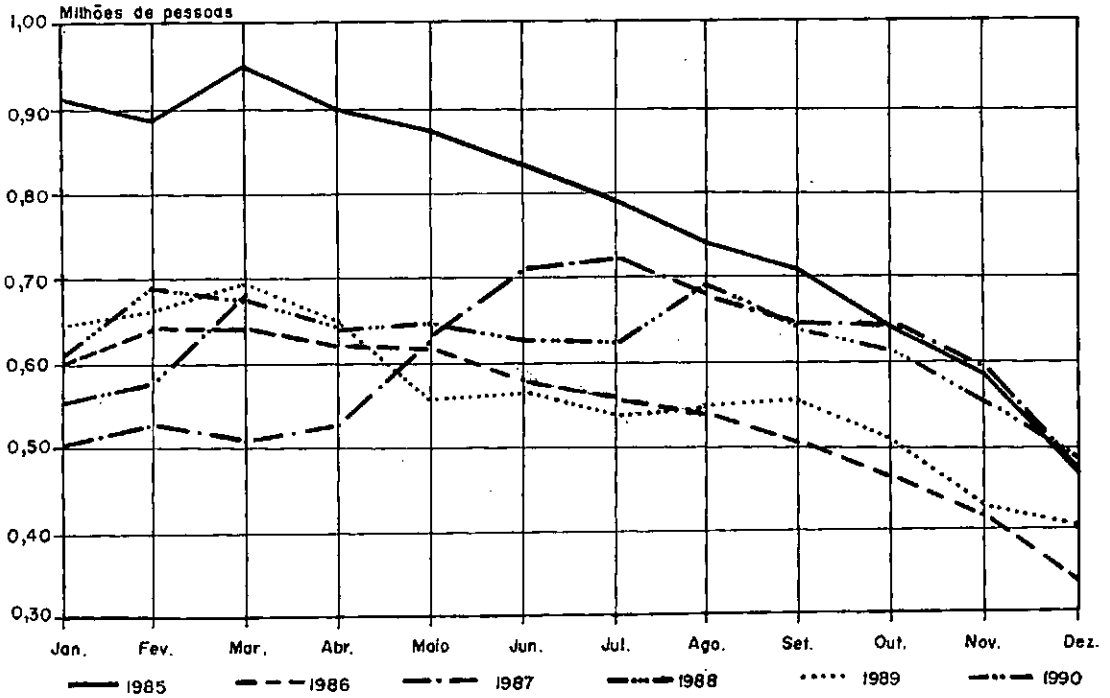
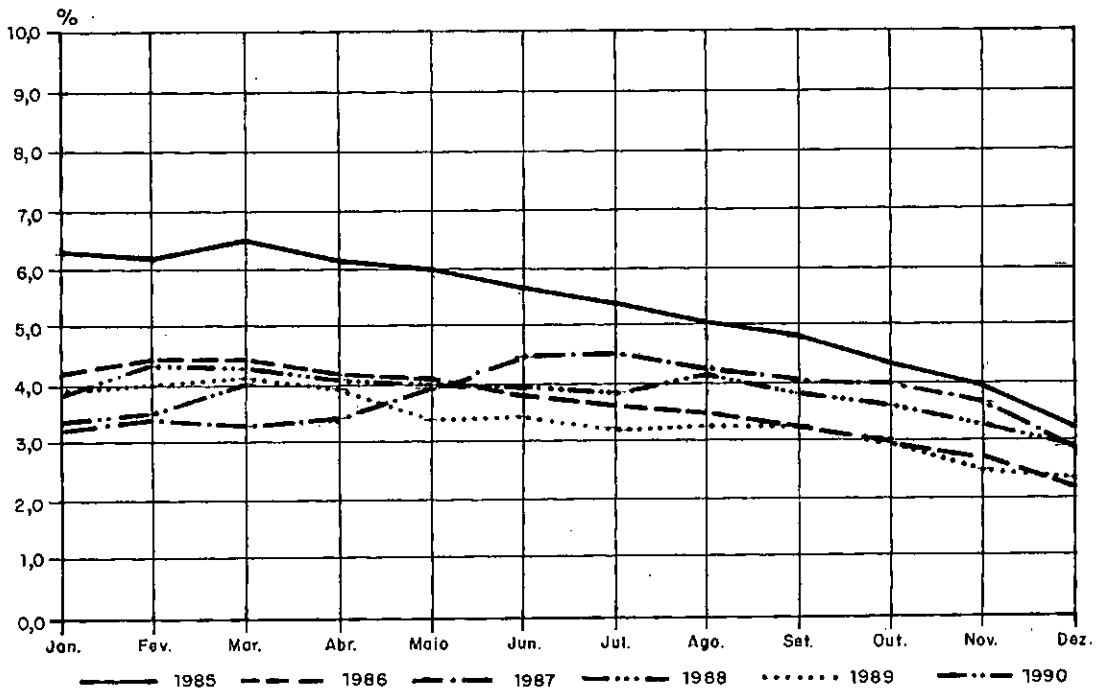


GRÁFICO 3
 TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO ABERTO
 (Período de referência — Semana/Idade mínima — 15 anos)



do ano passado, houve crescimento em todas as regiões, destacando-se Salvador com acréscimo de 6%.

A População Ocupada, em março, em relação ao mês anterior, caiu em Recife (3%), no Rio de Janeiro e em Porto Alegre (2%) e em São Paulo (1%). Na comparação anual, cresceu na maioria das regiões, com destaque para Salvador (7%).

Considerando os setores de Atividades, na comparação mensal, a Indústria apresentou queda no seu nível de ocupação em todas as regiões, com exceção de Recife, onde houve aumento de 4%. Na comparação anual, as variações mais significativas ocorreram em Recife (14%) e no Rio de Janeiro (9%). O setor da Construção Civil, na comparação mensal, aumentou o seu nível de ocupação na maioria das regiões, destacando-se Salvador com aumento de 6%. Na comparação anual, os aumentos foram significativos em todas as regiões. O setor de Comércio, na comparação mensal, apresentou queda na maioria das regiões. A mais acentuada ocorreu no Rio de Janeiro (5%). Na comparação março-90 — março-89, houve queda apenas no Rio de Janeiro (6%). O setor de Serviços apresentou queda de 4% e de 2%, em Recife e Porto Alegre, respectivamente, na comparação

mensal e de 3% em Recife e de 2% no Rio de Janeiro, na comparação anual.

Considerando a posição na ocupação, o número de empregados com carteira assinada reduziu-se em todas as regiões metropolitanas, na comparação mensal, com destaque para o Rio de Janeiro, cuja variação foi -2%, aproximadamente. Ao contrário, na comparação anual, houve aumento em todas as regiões. A maior variação ocorreu em Salvador (7%). O número de empregados sem carteira apresentou a maior variação, na comparação mensal, em Salvador (8%). Na comparação anual, a variação mais acentuada ocorreu em Porto Alegre (-8%). O número de pessoas trabalhando por conta própria aumentou na maioria das regiões, nos dois tipos de comparação.

Os rendimentos médios reais, no mês de fevereiro, em relação a janeiro deste ano, dos empregados com carteira assinada, dos empregados sem carteira assinada e dos conta-próprias caíram em todas as regiões, com exceção dos empregados sem carteira assinada em Recife, Salvador e Porto Alegre. Em relação a fevereiro do ano passado, houve ganhos elevados em todas as regiões metropolitanas.

Os Gráficos de 4 a 9 mostram a média móvel de seis meses dos rendimentos

GRÁFICO 4
RENDIMENTO MÉDIO REAL — MM (6)
Recife
(Base: março/86 NCz\$)

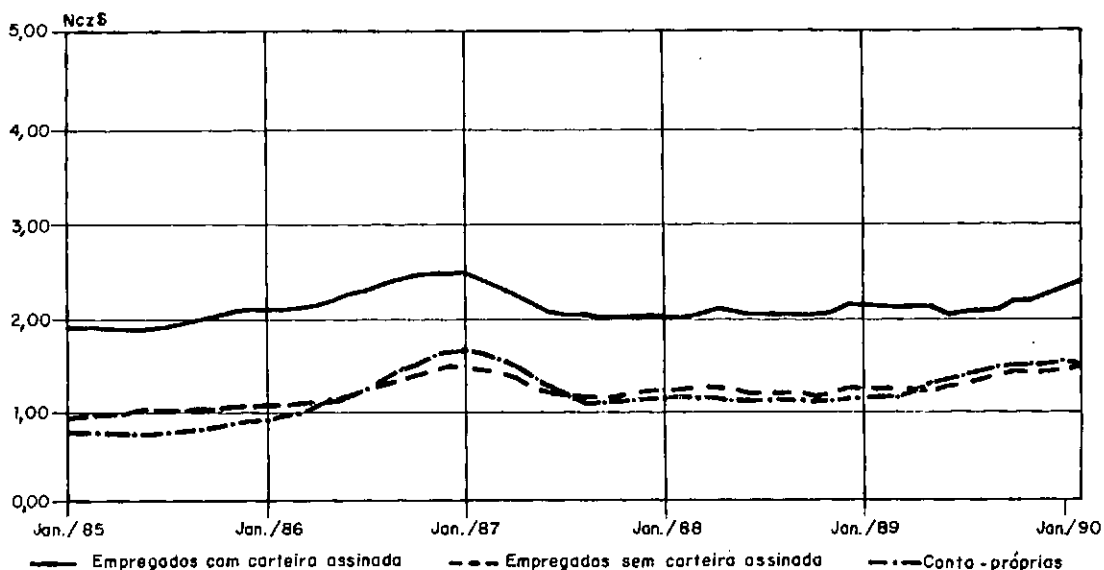


GRÁFICO 5
 RENDIMENTO MÉDIO REAL — MM (6)
 Salvador
 (Base: março/86 NCz\$)

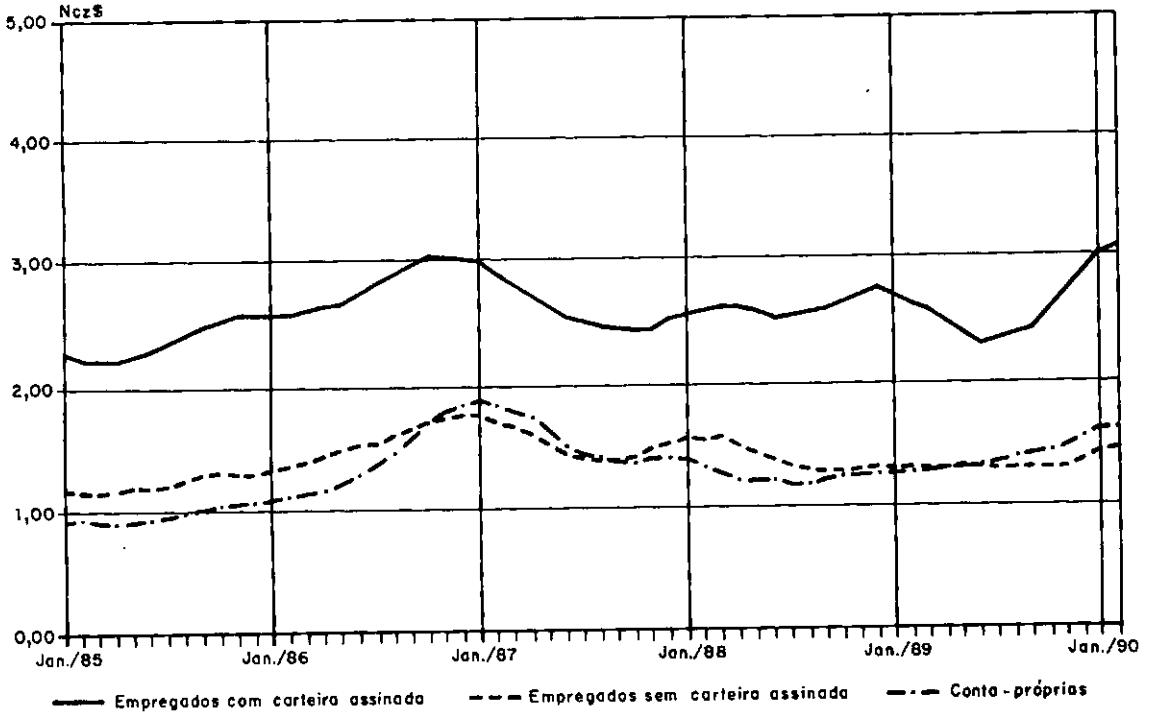


GRÁFICO 6
 RENDIMENTO MÉDIO REAL — MM (6)
 Belo Horizonte
 (Base: março/86 NCz\$)

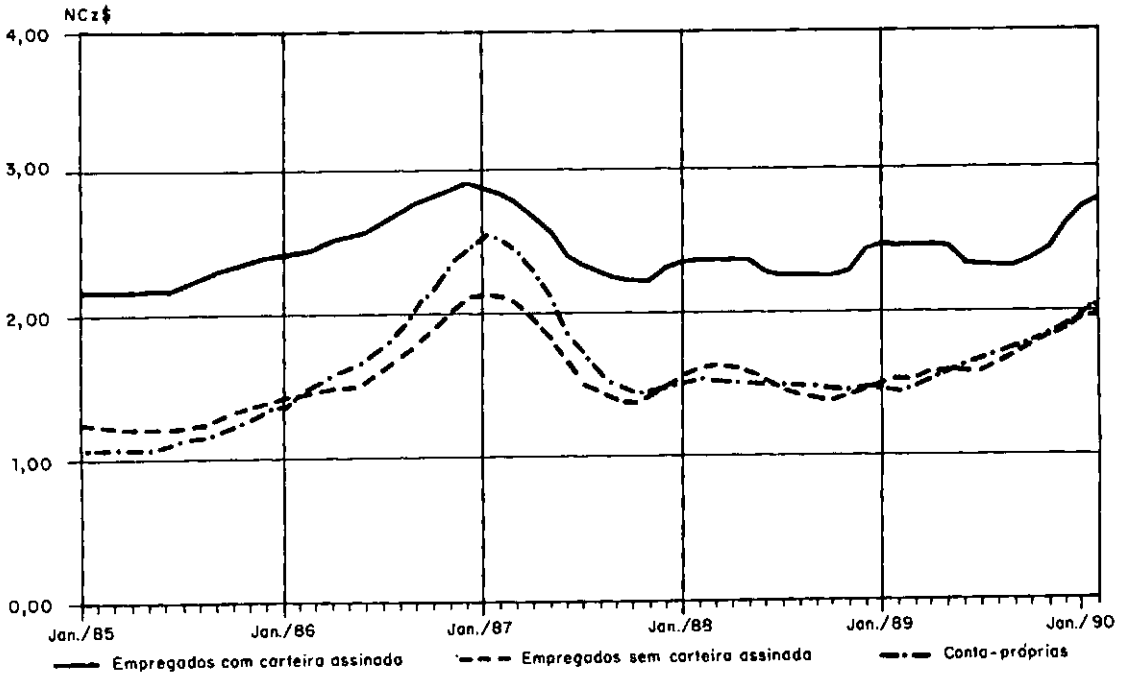


GRÁFICO 7
 RENDIMENTO MÉDIO REAL — MM (6)
 Rio de Janeiro
 (Base: março/86 NCz\$)

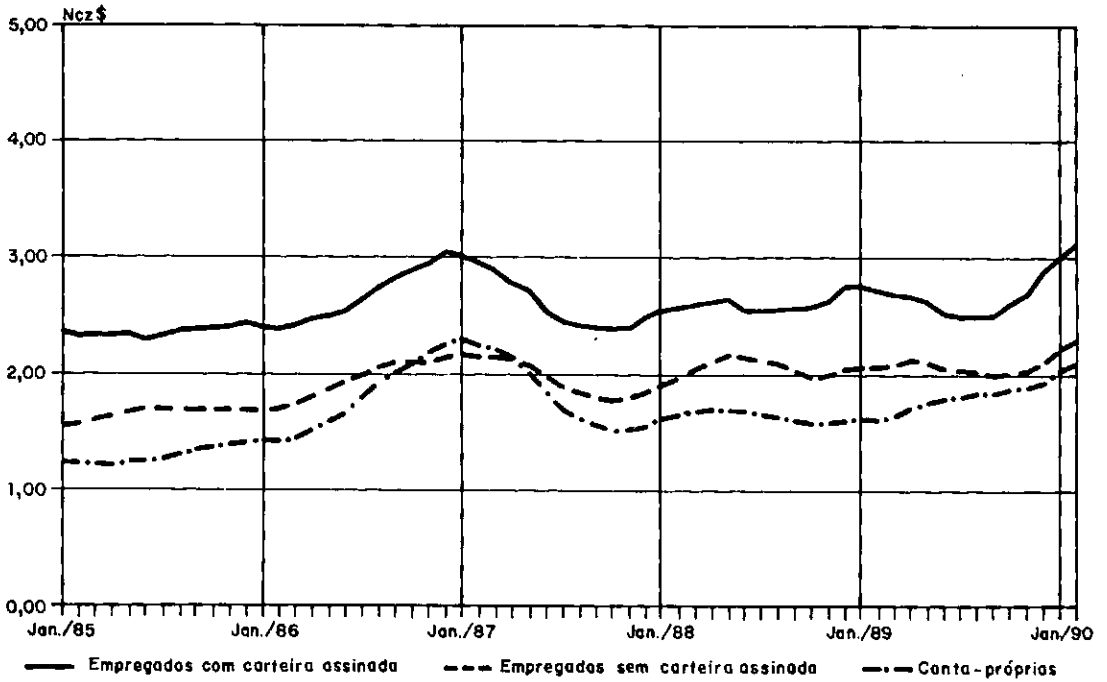


GRÁFICO 8
 RENDIMENTO MÉDIO REAL — MM (6)
 São Paulo
 (Base: março/86 NCz\$)

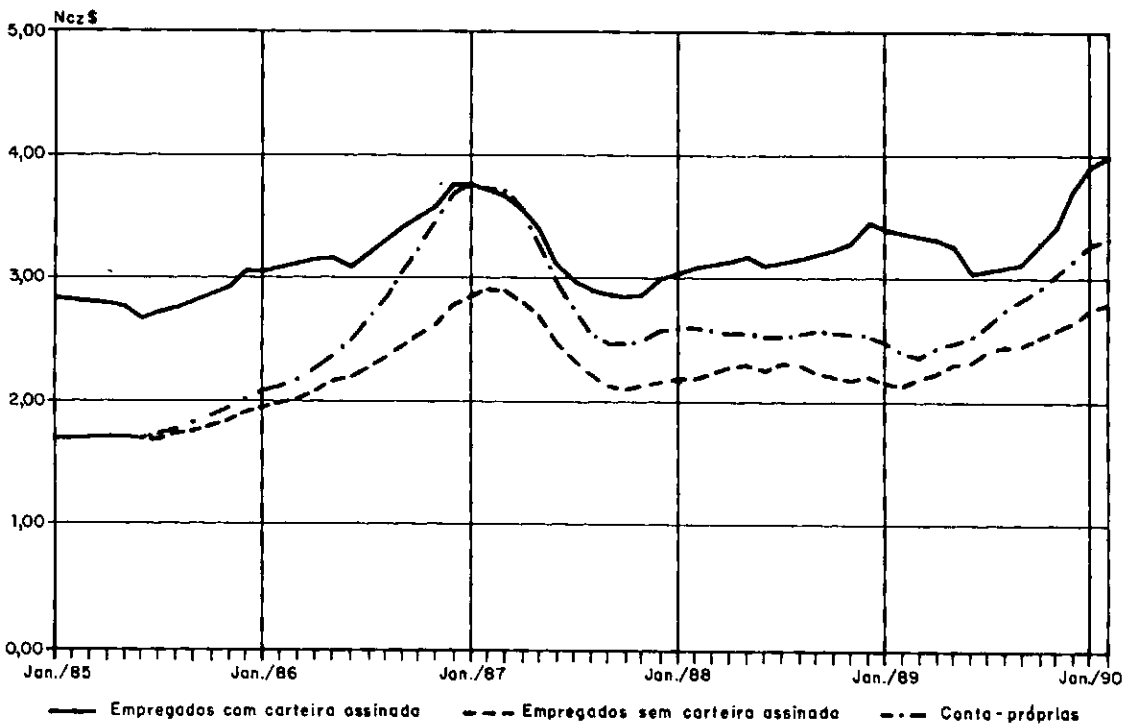
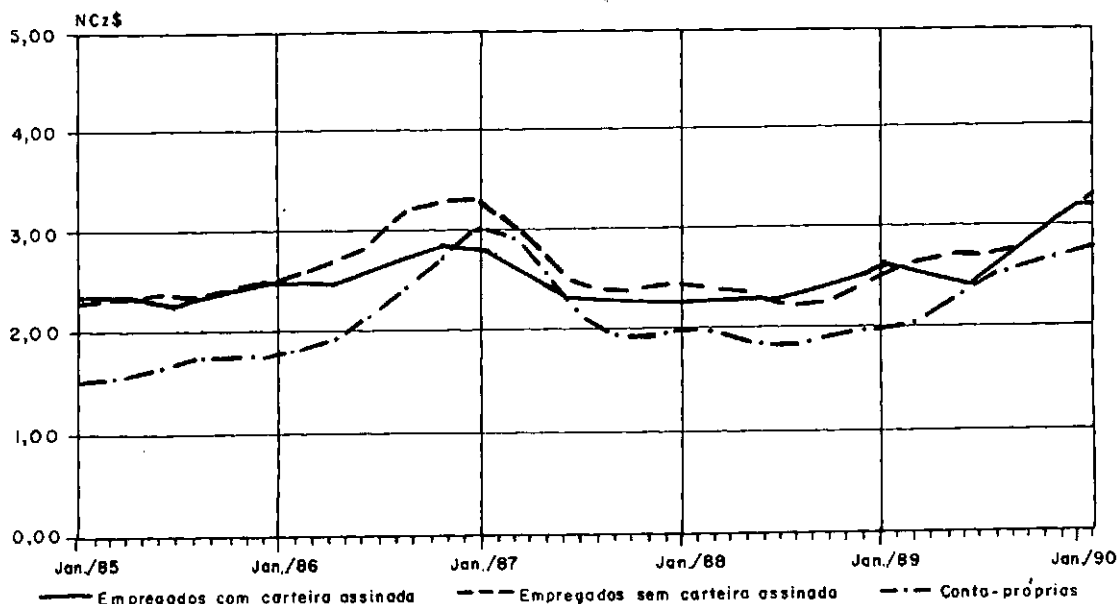


GRÁFICO 9
 RENDIMENTO MÉDIO REAL — MM (6)
 Porto Alegre
 (Base: março/86 NCz\$)



médios reais, no período de 1985 a 1990 dos empregados com carteira assinada (ECC), dos empregados sem carteira assinada (ESC) e dos conta-próprias (CP) nas seis regiões metropolitanas pesquisadas.

NOTA EXPLICATIVA

As informações da Pesquisa Mensal de Emprego — PME — são obtidas através de uma amostra probabilística de domicílios situados nas Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Principais Conceitos

Os principais conceitos utilizados na pesquisa são os seguintes:

Trabalho — Considera-se como trabalho o exercício de:

- ocupação econômica remunerada em dinheiro, produtos ou outras formas não monetárias, como pode ser o caso dos empregados domésticos; e
- ocupação econômica sem remuneração, exercida normalmente pelo menos durante 15 horas por semana, ajudando a membro

da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Pessoas Ocupadas — Consideram-se como ocupadas na semana de referência as pessoas que, nesse período ou em parte dele, trabalharam, ou tinham trabalho, mas não trabalharam, como, por exemplo, pessoas em férias.

Pessoas Desocupadas — Consideram-se como pessoas desocupadas aquelas que não tinham trabalho na semana de referência, mas estavam dispostas a trabalhar e que, para isto, tomaram alguma providência efetiva para conseguir trabalho (na semana de referência ou no período de referência de 30 dias, conforme o período considerado).

Pessoas Economicamente Ativas — PEA — Consideram-se como economicamente ativas as pessoas ocupadas e as desocupadas.

Pessoas Não-economicamente Ativas — Consideram-se como não-economicamente ativas as pessoas que não são classificadas como ocupadas ou desocupadas.

Empregados — Consideram-se como empregados as pessoas que trabalham para empregador, geralmente cumprindo uma

jornada de trabalho e recebendo em contrapartida uma remuneração em dinheiro, produtos ou somente em benefícios (moradia, alimentação, vestuário, etc.). Incluem-se entre os empregados as pessoas que prestam serviço militar obrigatório e os clérigos.

Conta-próprias — Consideram-se como conta-próprias as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, não tendo empregados.

Empregadores — Consideram-se como empregadores as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, com auxílio de um ou mais empregados.

Não Remunerados — Consideram-se como não remunerados as pessoas que exercem ocupação econômica, sem remuneração, pelo menos 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Rendimento de Trabalho — Para os empregados, considera-se a remuneração efetivamente recebida no mês de referência. Assim sendo, incluem-se as parcelas referentes ao 13º salário (14º, 15º, etc.) e a participação nos lucros paga pela empresa que tiver sido recebida no mês de referência. Para os empregadores e trabalhadores por conta própria, considera-se a retirada feita ou ganho líquido (rendimento bruto menos as despesas efetuadas com o negócio ou profissão — salário de empregados, matéria-prima, energia elétrica, telefone, etc.) recebido, efetivamente, no mês de referência.

Para a pessoa que recebe, pelo seu trabalho, em produtos ou mercadorias, considera-se o valor de mercado, efetivamente recebido no mês de referência.

Para a pessoa que estiver licenciada por instituto de previdência, considera-se o rendimento bruto do benefício (auxílio-doença, auxílio por acidente de trabalho, etc.), efetivamente recebido no mês de referência.

Semana de Referência — É aquela que antecede à semana fixada para a entrevista.
Período de Referência de 30 dias — São os 30 dias que antecedem à semana fixada para a entrevista.

Mês de Referência — É aquele que antecede ao mês de realização da pesquisa.

ESTIMATIVAS DE VALORES ABSOLUTOS

As estimativas dos valores absolutos apresentadas foram obtidas através de um estimador de razão. De uma forma simplificada, este estimador pode ser descrito como o produto de uma estimativa independente da população residente pela relação entre o valor da variável considerada e o total de pessoas residentes, ambos estimados através da amostra.

$$\hat{X} = P \frac{\hat{X}^*}{\hat{Y}^*}, \text{ onde:}$$

P — população residente obtida por estimativa independente;

\hat{X}^* — valor da variável estimado através da amostra; e

\hat{Y}^* — total de pessoas residentes estimado através da amostra.

A metodologia adotada para a revisão da estimativa da população residente considerou que a participação relativa das regiões metropolitanas, em relação à população total das respectivas Unidades da Federação, obedecia, no tempo, a um comportamento logístico.

Os limites dessas curvas logísticas foram determinados levando-se em conta a evolução das referidas participações no período 1970-85, conforme procedimento metodológico proposto por Frias¹. A partir dos valores das participações e das populações das Unidades da Federação, foram obtidas, por multiplicação, as populações residentes nas regiões metropolitanas, no dia 15 de cada mês.

¹ FRIAS, Luiz Armando de Medeiros. Determinação do limite superior ou inferior de curvas logísticas em projetos de população com base na tendência passada. Rio de Janeiro, DEPOP/IBGE, 1987 (a ser publicado).

1 – TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA) – 1989/90

Pessoas desocupadas em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	5,71	5,05	5,21	4,48	4,21	3,27	2,89	3,23	4,19	3,06	3,00	2,52	3,87	3,30
Fevereiro	5,60	4,28	4,03	4,35	3,99	3,88	2,98	2,95	4,53	3,55	3,45	2,51	3,99	3,43
Março	6,85	5,96	5,12	4,54	4,20	4,36	3,21	3,50	4,45	4,08	3,39	3,42	4,18	4,04
Abril	5,82		4,47		3,98		3,16		4,28		2,99		3,94	
Maió	5,29		3,95		3,67		2,61		3,56		2,76		3,37	
Junho	5,02		4,59		3,05		2,70		3,61		2,57		3,37	
Julho	6,12		4,29		3,16		2,47		3,14		2,58		3,17	
Agosto	5,48		4,51		2,99		2,75		3,24		2,13		3,22	
Setembro	5,33		5,06		3,01		2,59		3,30		2,07		3,22	
Outubro	5,10		4,24		2,98		2,67		2,85		2,12		2,98	
Novembro	3,90		3,15		2,99		2,63		2,13		1,81		2,49	
Dezembro	3,51		3,80		2,40		2,51		1,95		2,04		2,36	

2 – TAXA DE DESEMPREGO ABERTO:
PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ – 1989/90

Pessoas desocupadas que nunca trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	0,82	0,72	0,58	0,60	0,65	0,38	0,28	0,21	0,27	0,19	0,22	0,23	0,35	0,27
Fevereiro	0,80	0,58	0,42	0,40	0,36	0,47	0,28	0,31	0,32	0,36	0,38	0,18	0,35	0,36
Março	1,05	1,01	0,53	0,44	0,43	0,52	0,25	0,38	0,32	0,27	0,22	0,25	0,36	0,37
Abril	1,02		0,73		0,47		0,29		0,30		0,19		0,37	
Maió	0,69		0,47		0,43		0,24		0,18		0,12		0,27	
Junho	0,83		0,54		0,32		0,23		0,17		0,15		0,26	
Julho	1,29		0,44		0,29		0,21		0,14		0,27		0,28	
Agosto	1,04		0,24		0,25		0,21		0,20		0,16		0,26	
Setembro	0,75		0,51		0,25		0,12		0,15		0,10		0,21	
Outubro	0,95		0,30		0,20		0,16		0,09		0,14		0,19	
Novembro	0,55		0,35		0,22		0,18		0,06		0,08		0,16	
Dezembro	0,44		0,49		0,34		0,16		0,05		0,12		0,16	

3 – TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE JÁ TRABALHARAM – 1989/90

Pessoas desocupadas que trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	4,88	4,32	4,62	3,87	3,55	2,89	2,60	3,02	3,92	2,88	2,78	2,29	3,52	3,02
Fevereiro	4,79	3,69	3,60	3,94	3,63	3,41	2,70	2,64	4,21	3,18	3,06	2,33	3,63	3,06
Março	5,79	4,94	4,59	4,09	3,77	3,83	2,95	3,11	4,13	3,81	3,16	3,16	3,82	3,66
Abril	4,79		3,73		3,50		2,87		3,98		2,79		3,56	
Maió	4,59		3,47		3,23		2,37		3,37		2,64		3,10	
Junho	4,18		4,05		2,73		2,46		3,44		2,41		3,10	
Julho	4,83		3,85		2,86		2,25		3,00		2,30		2,89	
Agosto	4,44		4,26		2,73		2,54		3,03		1,96		2,95	
Setembro	4,58		4,54		2,75		2,46		3,14		1,97		3,01	
Outubro	4,15		3,93		2,78		2,50		2,76		1,97		2,79	
Novembro	3,35		2,79		2,77		2,45		2,07		1,73		2,33	
Dezembro	3,06		3,31		2,06		2,34		1,89		1,92		2,19	

4 – TAXA DE DESEMPREGO: CHEFES DE DOMICÍLIO – 1989/90

Chefes de unidades domiciliares, desocupados, em relação às pessoas desocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CHEFES DE UNIDADES DOMICILIARES, DESOCUPADOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	24,23	26,45	26,81	26,50	19,70	15,37	20,51	20,64	26,92	23,24	31,96	26,31	24,88	22,60
Fevereiro	25,77	21,15	33,81	28,82	18,33	17,54	20,20	27,61	25,22	22,05	29,04	34,93	24,35	24,17
Março	24,10	25,49	31,03	33,25	18,95	19,06	19,59	29,94	26,48	29,26	25,70	32,71	24,32	28,63
Abril	21,19		30,58		18,14		20,78		22,26		24,90		22,19	
Maio	22,77		33,52		21,04		22,63		23,51		28,36		24,03	
Junho	17,06		29,56		19,84		29,14		27,60		32,04		26,77	
Julho	19,53		27,44		20,79		27,62		30,38		34,76		27,65	
Agosto	21,65		33,20		20,32		22,77		30,45		30,20		27,08	
Setembro	21,68		28,43		21,42		21,54		26,63		25,16		24,65	
Outubro	20,90		28,04		21,72		18,95		25,81		28,98		23,55	
Novembro	20,04		32,70		20,62		20,11		26,27		22,97		23,58	
Dezembro	22,73		24,73		20,00		23,84		29,58		27,80		25,79	

5 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1989/90

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da indústria de transformação, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	6,85	7,34	6,09	4,58	4,17	3,84	3,17	3,98	5,04	3,75	3,09	3,96	4,53	3,99
Fevereiro	5,74	5,44	4,55	4,24	4,38	4,46	3,89	3,89	5,32	4,42	3,16	3,38	4,77	4,26
Março	8,58	5,78	7,28	5,78	4,90	5,84	3,98	4,75	5,05	5,01	3,63	4,09	4,92	5,00
Abril	6,11		5,14		4,11		3,95		4,68		3,57		4,46	
Maio	7,99		3,53		3,66		2,68		4,28		3,53		3,97	
Junho	5,92		3,75		3,69		3,13		4,42		2,82		4,01	
Julho	5,87		4,68		3,82		2,79		3,49		3,38		3,49	
Agosto	7,49		5,29		3,40		3,75		3,64		2,35		3,73	
Setembro	6,74		4,56		3,34		3,19		4,02		2,25		3,77	
Outubro	6,88		5,59		3,15		3,31		3,04		2,27		3,27	
Novembro	4,22		3,49		3,38		2,68		2,97		1,95		2,91	
Dezembro	5,12		5,00		3,27		3,36		2,65		2,46		2,99	

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

6 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1989/90

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da construção civil, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	6,89	7,74	6,77	7,08	5,47	3,56	1,93	3,76	4,83	2,93	4,13	1,14	4,28	3,77
Fevereiro	7,03	5,97	5,05	5,90	5,04	2,86	3,44	2,54	4,80	2,98	4,57	2,55	4,57	3,25
Março	13,09	9,07	8,64	5,60	4,85	5,52	4,02	4,80	4,30	3,75	3,25	3,39	5,12	4,74
Abril	8,45		6,40		4,67		4,00		3,99		2,05		4,39	
Maio	7,49		4,83		2,93		3,23		2,56		3,43		3,34	
Junho	8,11		7,78		3,34		3,13		1,99		1,37		3,28	
Julho	6,70		6,73		3,95		2,36		3,74		1,67		3,65	
Agosto	7,07		7,68		2,37		2,47		2,16		2,45		3,02	
Setembro	5,04		7,56		3,69		3,68		1,77		2,61		3,28	
Outubro	5,81		5,10		4,41		3,23		2,49		2,39		3,36	
Novembro	4,52		6,14		4,61		2,99		0,72		1,90		2,59	
Dezembro	6,01		3,84		2,35		3,06		2,49		2,23		2,95	

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

7 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DO COMÉRCIO – 1989/90
Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor do comércio, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	5,76	4,29	6,19	4,71	3,64	3,58	3,89	4,70	3,67	3,22	3,86	2,43	4,07	3,74
Fevereiro	4,79	4,23	4,04	4,54	4,77	5,15	3,62	4,07	4,31	3,74	3,60	2,87	4,12	3,96
Março	5,26	4,95	4,21	4,76	4,43	5,10	4,52	4,43	4,79	4,51	4,51	4,50	4,66	4,59
Abril	5,87		4,35		4,93		4,44		4,19		4,61		4,49	
Mai	3,79		4,47		4,78		3,51		3,96		3,20		3,87	
Junho	3,66		5,02		3,59		3,59		4,16		4,49		4,00	
Julho	5,78		4,45		4,15		2,72		3,52		3,38		3,59	
Agosto	5,17		4,92		3,27		3,60		4,47		2,71		4,07	
Setembro	5,71		5,46		2,35		3,21		3,90		2,63		3,73	
Outubro	4,50		5,02		2,98		2,73		3,76		2,85		3,48	
Novembro	3,79		3,17		2,93		3,41		2,25		2,50		2,83	
Dezembro	2,97		4,17		1,84		3,73		1,78		2,72		2,64	

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

8 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DOS SERVIÇOS – 1989/90
Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor dos serviços, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	4,41	3,24	4,00	3,50	3,19	2,38	2,34	2,45	3,23	2,19	2,28	1,70	2,99	2,41
Fevereiro	4,52	3,27	3,42	3,58	2,90	2,82	2,12	2,19	3,49	2,26	2,89	1,78	3,01	2,41
Março	4,47	4,43	3,99	3,60	3,21	2,62	2,37	2,18	3,38	2,83	2,54	2,48	3,09	2,74
Abril	4,11		3,28		2,60		2,29		3,55		2,13		2,97	
Mai	3,90		3,28		2,88		2,05		2,71		1,95		2,58	
Junho	3,60		3,40		2,10		2,03		2,89		1,81		2,55	
Julho	4,54		3,15		2,01		2,18		2,51		1,61		2,47	
Agosto	3,40		3,56		2,56		2,11		2,41		1,57		2,42	
Setembro	4,25		4,39		2,61		2,13		2,48		1,67		2,57	
Outubro	3,67		3,52		2,35		2,31		2,46		1,51		2,48	
Novembro	3,23		2,37		2,29		2,31		1,58		1,49		2,03	
Dezembro	2,27		3,01		1,72		1,80		1,36		1,45		1,71	

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

9 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES – 1989/90
Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor das outras atividades, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	2,18	2,79	1,24	0,80	1,69	1,25	1,34	1,44	1,49	1,24	1,23	0,92	1,48	1,41
Fevereiro	3,64	1,22	1,41	2,19	2,43	2,06	1,54	0,70	2,22	0,73	1,73	0,91	2,02	1,03
Março	4,33	3,56	1,12	2,07	1,77	1,60	1,14	1,63	1,92	1,82	2,40	1,39	1,88	1,91
Abril	2,67		1,30		3,32		0,92		2,50		1,03		1,76	
Mai	2,83		1,69		1,78		0,98		1,56		1,80		1,55	
Junho	2,73		3,34		1,80		1,07		0,98		1,32		1,55	
Julho	2,76		2,99		2,07		0,68		0,99		0,91		1,36	
Agosto	2,61		2,16		1,30		0,97		1,21		0,99		1,37	
Setembro	1,78		1,31		1,33		0,85		2,59		0,95		1,49	
Outubro	1,75		1,02		1,54		0,87		0,69		1,26		1,04	
Novembro	1,55		0,69		1,17		0,73		0,69		0,76		0,86	
Dezembro	1,71		0,86		1,04		0,46		0,46		0,79		0,72	

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

10 – TAXA DE DESEMPREGO (30 DIAS) – 1989/90
Pessoas desocupadas, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – 30 dias

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESEMPREGADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	6,16	5,33	5,62	5,01	4,73	3,69	3,23	3,62	4,46	3,17	3,31	2,64	4,21	3,56
Fevereiro	6,17	4,98	4,45	4,85	4,52	4,48	3,53	3,28	4,83	3,92	3,80	2,84	4,40	3,83
Março	7,40	6,35	5,72	4,70	4,80	4,84	3,51	3,91	4,74	4,42	3,57	3,65	4,53	4,40
Abril	6,35		4,70		4,51		3,44		4,55		3,16		4,24	
Maió	5,74		4,32		4,08		2,81		3,75		2,97		3,61	
Junho	5,29		4,86		3,58		2,91		3,84		2,81		3,62	
Julho	6,67		4,56		3,45		2,78		3,28		2,73		3,41	
Agosto	5,80		4,95		3,38		3,00		3,44		2,26		3,47	
Setembro	5,78		5,32		3,37		2,79		3,47		2,20		3,44	
Outubro	5,55		4,53		3,40		2,92		3,17		2,22		3,28	
Novembro	4,09		3,43		3,40		2,92		2,28		2,06		2,73	
Dezembro	3,91		4,20		2,87		2,91		2,23		2,18		2,70	

11 – TAXA DE ATIVIDADE – 1989/90
Pessoas economicamente ativas, em relação às pessoas de 15 anos ou mais de idade, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	54,69	54,35	60,26	59,76	63,53	62,00	58,28	56,98	63,26	62,78	62,42	61,92	60,94	60,18
Fevereiro	54,25	54,07	59,85	59,83	62,48	61,87	58,06	56,75	63,42	63,01	62,61	62,76	60,80	60,24
Março	55,88	53,69	60,14	60,38	62,77	62,49	57,49	55,72	63,20	63,08	62,90	61,98	60,72	59,99
Abril	55,20		59,92		62,79		57,09		63,09		62,37		60,43	
Maió	55,33		60,22		63,59		56,74		63,66		62,56		60,71	
Junho	55,72		61,48		63,68		57,32		63,61		62,48		61,05	
Julho	56,67		62,02		63,34		57,46		64,31		62,64		61,40	
Agosto	56,45		62,14		63,55		58,14		64,73		63,05		61,84	
Setembro	56,03		62,41		63,45		58,13		64,56		62,63		61,70	
Outubro	56,28		61,33		62,79		58,25		64,10		62,89		61,43	
Novembro	55,00		61,48		62,63		58,12		63,67		62,44		61,12	
Dezembro	53,22		61,10		62,21		57,83		63,09		61,83		60,58	

12 – TAXA DOS OCUPADOS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1989/90
Pessoas ocupadas na indústria de transformação, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	14,66	15,35	13,06	13,53	19,51	19,65	17,40	18,20	32,22	33,20	26,72	25,29	24,14	24,87
Fevereiro	14,41	15,13	13,09	12,87	19,06	19,11	16,69	17,96	31,99	32,33	26,67	24,68	23,76	24,26
Março	14,25	16,07	13,60	12,39	19,28	18,88	16,50	18,00	32,55	31,88	26,18	25,07	23,95	24,20
Abril	14,67		13,23		20,01		17,00		33,03		26,68		24,34	
Maió	14,65		12,95		19,30		17,37		32,95		25,78		24,42	
Junho	15,14		13,17		19,46		17,47		33,30		26,67		24,68	
Julho	15,08		13,30		19,94		18,01		33,39		27,11		25,02	
Agosto	14,54		12,74		20,00		17,26		33,98		27,52		25,07	
Setembro	14,11		12,87		19,73		17,73		33,17		27,09		24,78	
Outubro	14,80		13,24		20,36		17,96		33,95		26,39		25,12	
Novembro	14,16		12,41		19,77		17,57		33,69		27,08		24,89	
Dezembro	15,10		12,83		19,46		17,70		33,52		25,51		24,83	

13 – TAXA DOS OCUPADOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1989/90
Pessoas ocupadas na construção civil, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	7,79	7,28	9,05	9,13	10,13	9,86	7,55	7,28	6,20	6,57	6,57	6,31	7,23	7,25
Fevereiro	7,22	7,38	9,00	9,80	9,89	9,98	7,19	7,57	6,16	6,67	6,09	6,36	7,02	7,43
Março	7,08	7,57	8,27	10,19	9,81	10,46	7,28	7,93	6,53	6,57	5,84	6,60	7,12	7,58
Abril	6,75		7,88		9,00		7,53		6,16		6,07		6,95	
Maió	7,12		8,69		9,43		7,67		6,42		6,22		7,21	
Junho	6,92		8,52		9,77		7,45		6,49		5,80		7,16	
Julho	6,84		9,26		10,32		7,52		6,14		6,20		7,14	
Agosto	6,40		9,05		10,65		7,33		6,65		6,24		7,30	
Setembro	6,69		9,27		10,52		7,63		6,55		5,96		7,33	
Outubro	6,64		9,07		10,49		7,19		6,32		6,47		7,14	
Novembro	7,46		8,55		10,04		7,08		6,54		6,43		7,18	
Dezembro	7,60		9,40		9,98		7,16		6,43		6,76		7,23	

14 – TAXA DOS OCUPADOS NO COMÉRCIO – 1989/90
Pessoas ocupadas no comércio, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	17,21	17,58	15,50	15,26	13,77	13,75	13,09	12,97	13,70	14,35	15,08	15,85	13,95	14,28
Fevereiro	16,88	17,11	14,60	15,19	13,38	13,47	13,52	13,07	13,80	14,34	14,21	15,47	13,95	14,23
Março	16,14	16,88	15,36	14,44	13,62	13,54	13,43	12,59	13,90	14,22	15,11	14,94	14,06	13,95
Abril	16,26		16,26		13,61		12,99		13,77		14,85		13,92	
Maió	15,92		15,48		13,67		13,70		13,26		14,78		13,84	
Junho	16,52		14,81		13,74		13,57		12,68		14,71		13,56	
Julho	17,40		14,16		13,51		13,32		13,37		14,86		13,78	
Agosto	16,82		14,21		13,01		13,25		13,02		14,48		13,51	
Setembro	17,81		14,29		12,94		13,24		13,63		15,13		13,88	
Outubro	17,51		15,18		13,26		13,56		13,32		15,03		13,90	
Novembro	17,33		15,28		13,35		13,76		13,39		15,08		13,97	
Dezembro	17,09		14,82		14,29		13,74		13,98		16,09		14,34	

15 – TAXA DOS OCUPADOS NOS SERVIÇOS – 1989/90
Pessoas ocupadas nos serviços, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NOS SERVIÇOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	47,13	46,64	51,51	50,81	49,30	49,80	52,39	51,80	43,52	41,76	42,36	43,10	47,23	46,27
Fevereiro	47,82	47,16	51,74	51,15	50,21	50,59	52,78	51,10	43,55	42,36	43,61	44,32	47,59	46,53
Março	48,66	46,60	51,58	51,63	49,79	50,63	53,05	52,32	42,30	43,05	43,56	44,39	47,12	47,11
Abril	48,32		51,44		50,07		52,53		42,31		43,00		46,96	
Maió	48,64		51,25		50,21		51,94		42,82		43,89		47,02	
Junho	47,90		52,54		49,81		52,29		43,37		43,68		47,36	
Julho	47,99		52,20		48,94		51,59		43,15		43,25		46,90	
Agosto	48,67		53,97		49,08		52,82		42,36		43,74		47,07	
Setembro	47,25		53,39		49,56		51,99		42,52		43,71		46,83	
Outubro	47,13		52,44		48,93		52,01		42,17		43,85		46,65	
Novembro	46,70		53,79		49,60		52,30		42,25		42,48		46,75	
Dezembro	45,95		52,77		49,09		51,75		41,81		42,72		46,25	

16 – TAXA DOS OCUPADOS EM OUTRAS ATIVIDADES – 1989/90
Pessoas ocupadas em outras atividades, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	13,18	13,13	10,86	11,24	7,26	6,92	9,55	9,65	4,34	4,09	9,23	9,43	7,42	7,31
Fevereiro	13,65	13,20	11,54	10,97	7,44	6,83	9,80	10,27	4,47	4,27	9,40	9,14	7,66	7,53
Março	13,84	12,86	11,17	11,32	7,48	6,46	9,72	9,14	4,70	4,25	9,28	8,97	7,72	7,13
Abril	13,97		11,16		7,28		9,92		4,72		9,38		7,80	
Maió	13,65		11,60		7,37		9,28		4,51		9,30		7,49	
Junho	13,49		10,94		7,19		9,19		4,14		8,92		7,22	
Julho	12,66		11,06		7,26		9,53		3,92		8,57		7,14	
Agosto	13,56		10,00		7,22		9,32		3,96		8,01		7,03	
Setembro	14,12		10,16		7,22		9,39		4,11		8,08		7,16	
Outubro	13,90		10,04		6,93		9,24		4,21		8,23		7,17	
Novembro	14,33		9,95		7,22		9,27		4,10		8,92		7,19	
Dezembro	14,24		10,15		7,16		9,62		4,23		8,89		7,32	

17 – TAXA DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA – 1989/90
Empregados com carteira de trabalho assinada, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	48,74	51,00	52,43	54,54	54,91	57,40	55,43	55,41	61,67	64,66	61,22	61,57	57,89	59,73
Fevereiro	49,48	50,19	53,23	54,57	55,49	56,79	55,08	55,51	62,08	63,45	61,02	61,45	58,07	59,12
Março	49,94	51,19	53,31	53,41	55,46	56,06	54,80	55,07	61,68	63,19	60,26	61,82	57,79	58,89
Abril	49,23		54,94		55,84		55,29		62,10		59,96		58,16	
Maió	49,39		55,50		55,72		55,60		61,44		59,53		58,03	
Junho	49,04		54,05		55,32		55,70		61,44		60,15		57,94	
Julho	48,85		53,28		55,45		55,06		62,10		60,85		58,08	
Agosto	49,26		55,16		56,04		54,53		61,97		61,23		58,12	
Setembro	49,93		54,50		56,71		54,78		62,61		60,98		58,50	
Outubro	49,79		54,55		57,51		55,79		62,33		59,90		58,59	
Novembro	50,10		54,21		58,17		54,71		63,69		59,98		58,97	
Dezembro	50,79		54,12		57,33		54,84		63,43		61,12		58,97	

18 – TAXA DOS CONTA-PRÓPRIAS SEM RENDIMENTOS – 1989/90
Conta-próprias que, efetivamente, não receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA-PRÓPRIAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	1,24	0,74	0,45	0,43	1,53	1,07	0,54	0,53	0,79	0,68	0,85	0,78	0,79	0,67
Fevereiro	1,16	0,94	0,61	0,36	1,91	1,77	0,64	0,49	0,88	0,74	1,22	1,29	0,93	0,79
Março	1,41	0,88	0,42	0,44	1,66	1,37	0,51	0,58	0,91	0,68	1,34	1,61	0,90	0,78
Abril	1,04		0,44		1,69		0,40		0,79		1,16		0,78	
Maió	0,86		0,42		1,47		0,43		0,63		1,07		0,69	
Junho	0,89		0,27		1,22		0,36		0,65		0,87		0,63	
Julho	0,82		0,43		1,20		0,53		0,66		0,91		0,69	
Agosto	1,13		0,48		1,05		0,61		0,69		0,89		0,73	
Setembro	0,73		0,49		1,65		0,52		0,67		0,88		0,73	
Outubro	0,87		0,39		1,19		0,47		0,64		1,02		0,67	
Novembro	0,63		0,54		1,09		0,64		0,54		1,02		0,66	
Dezembro	0,72		0,35		1,37		0,50		0,53		0,73		0,61	

19 – TAXA DOS CONTA-PRÓPRIAS COM MENOS DE UM SALÁRIO MÍNIMO 1989/90

Conta-próprias que, efetivamente, receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um salário mínimo, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA-PRÓPRIAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	11,28	8,23	8,62	6,28	7,62	4,66	6,10	4,27	2,45	1,25	4,14	1,95	5,01	3,20
Fevereiro	10,71	9,56	9,13	6,98	7,46	4,52	6,11	4,39	2,79	1,52	3,41	2,37	5,08	3,50
Março	10,37	9,51	8,42	8,09	6,95	5,62	5,60	4,55	2,72	1,75	3,73	2,39	4,83	3,79
Abril	10,26		7,78		6,50		4,35		2,13		3,19		4,10	
Maió	8,32		5,90		6,00		3,75		1,71		2,80		3,42	
Junho	8,86		6,53		6,19		4,00		1,45		2,52		3,46	
Julho	9,63		8,60		6,69		5,39		2,17		2,99		4,41	
Agosto	8,64		7,65		5,50		5,33		1,73		2,75		3,95	
Setembro	8,55		7,44		5,19		4,52		1,56		2,38		3,57	
Outubro	9,19		8,11		5,13		4,62		1,63		2,54		3,75	
Novembro	7,73		7,48		5,05		4,73		1,63		2,39		3,61	
Dezembro	8,39		6,96		6,31		5,11		1,76		2,55		3,89	

NOTA – O piso nacional de salários substituiu o salário mínimo no período de setembro de 1987 a maio de 1989.

20 – TAXA DOS DESEMPREGADOS E OCUPADOS COM MENOS DE UM SALÁRIO MÍNIMO 1989/90

Pessoas desocupadas e pessoas ocupadas que, efetivamente, não receberam rendimento ou auferiram remuneração de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um salário mínimo, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESEMPREGADAS E PESSOAS OCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Janeiro	33,70	26,20	28,18	22,95	24,76	17,67	19,33	14,53	15,46	10,01	17,15	10,99	19,42	13,86
Fevereiro	33,79	28,61	26,85	22,64	24,82	19,83	20,98	15,31	17,21	11,70	18,04	12,56	20,64	15,24
Março	34,75	29,46	25,44	23,38	24,03	21,42	18,51	15,19	16,36	13,18	17,16	14,29	19,45	16,22
Abril	30,53		22,84		22,57		15,42		13,87		14,74		16,76	
Maió	27,42		19,97		20,70		13,12		11,57		13,21		14,45	
Junho	28,87		23,04		21,98		14,25		12,67		13,03		15,64	
Julho	33,20		27,44		23,30		17,67		13,22		14,76		17,62	
Agosto	32,05		26,77		20,88		17,66		12,87		12,77		16,99	
Setembro	29,52		24,11		20,14		14,95		12,26		11,58		15,48	
Outubro	29,62		24,75		19,75		14,43		11,52		11,96		15,10	
Novembro	25,32		21,89		19,34		14,93		10,45		12,33		14,27	
Dezembro	25,57		22,49		19,40		14,16		9,79		11,05		13,70	

NOTA – O piso nacional de salários substituiu o salário mínimo no período de setembro de 1987 a maio de 1989.

21 — RENDIMENTO MÉDIO DAS PESSOAS OCUPADAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, das pessoas ocupadas que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência — 1989/90

Idade mínima — 15 anos

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO					
	Nominal (INCZ\$)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1989						
Janeiro	150,93	174,02	195,54	213,00	257,17	221,62
Fevereiro	176,37	197,46	208,77	241,47	295,80	246,59
Março	188,92	215,88	237,67	264,58	336,91	280,50
Abril	214,94	247,28	273,59	298,51	390,12	320,88
Maió	271,03	284,85	317,99	352,79	477,02	389,30
Junho	331,14	369,50	403,40	428,14	556,89	485,93
Julho	396,49	485,77	519,07	552,77	719,78	640,18
Agosto	558,09	692,73	696,08	719,02	1 024,80	879,16
Setembro	785,61	901,31	962,88	981,49	1 341,30	1 205,25
Outubro	1 311,74	1 518,01	1 524,20	1 707,83	2 402,24	1 874,47
Novembro	1 830,09	2 236,83	2 255,70	2 436,80	3 522,68	2 835,33
Dezembro	2 648,31	3 655,13	3 921,22	4 142,42	5 602,05	4 760,73
1990						
Janeiro	4 609,84	6 080,38	6 282,75	6 955,97	8 983,50	7 597,54
Fevereiro	7 657,61	9 367,88	9 252,00	11 157,90	13 845,10	11 991,14

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO					
	Real (base — março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1989						
Janeiro	1,72	1,99	2,23	2,43	2,94	2,53
Fevereiro	1,73	1,94	2,05	2,37	2,91	2,43
Março	1,75	2,00	2,21	2,46	3,13	2,60
Abril	1,84	2,12	2,35	2,56	3,35	2,75
Maió	1,99	2,09	2,34	2,59	3,51	2,86
Junho	1,88	2,10	2,29	2,43	3,17	2,76
Julho	1,77	2,17	2,31	2,46	3,21	2,86
Agosto	1,87	2,32	2,33	2,41	3,43	2,94
Setembro	1,93	2,21	2,36	2,41	3,30	2,96
Outubro	2,32	2,69	2,70	3,02	4,25	3,32
Novembro	2,18	2,67	2,69	2,91	4,20	3,38
Dezembro	2,09	2,88	3,09	3,27	4,42	3,75
1990						
Janeiro	2,16	2,85	2,94	3,26	4,21	3,56
Fevereiro	2,06	2,52	2,49	3,01	3,73	3,23

NOTA — Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.
(1) Deflacionado pelo INPC.

22 — RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados com carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência — 1989/90

Idade mínima — 15 anos

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO					
	Nominal (NCz\$)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1989						
Janeiro	176,42	207,46	207,80	224,74	265,20	214,71
Fevereiro	203,03	227,64	223,28	247,14	296,56	224,15
Março	206,02	255,88	249,27	265,62	334,42	248,80
Abril	236,09	261,86	279,85	298,53	373,98	281,53
Maió	304,10	317,34	324,56	349,77	446,04	355,26
Junho	358,85	411,21	401,55	434,16	516,37	446,30
Julho	443,30	540,47	510,44	552,96	673,39	598,90
Agosto	614,81	771,81	684,30	735,13	952,28	834,44
Setembro	821,69	1 042,58	947,82	1 042,72	1 292,05	1 154,29
Outubro	1 433,97	1 804,21	1 527,99	1 799,55	2 387,60	1 773,59
Novembro	1 971,22	2 614,86	2 444,83	2 601,30	3 527,02	2 755,24
Dezembro	3 063,35	4 242,65	4 272,41	4 502,62	5 760,81	4 621,06
1990						
Janeiro	5 316,45	6 924,38	6 322,37	6 927,41	8 785,74	6 994,66
Fevereiro	8 813,92	10 852,73	9 514,25	11 711,99	13 784,77	10 951,14
ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO					
	Real (base — março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1989						
Janeiro	2,01	2,37	2,37	2,57	3,03	2,45
Fevereiro	2,00	2,24	2,20	2,43	2,92	2,20
Março	1,91	2,38	2,31	2,47	3,11	2,31
Abril	2,02	2,25	2,40	2,56	3,21	2,41
Maió	2,24	2,33	2,39	2,57	3,28	2,61
Junho	2,04	2,34	2,28	2,47	2,93	2,54
Julho	1,98	2,41	2,28	2,47	3,00	2,67
Agosto	2,06	2,58	2,29	2,46	3,19	2,79
Setembro	2,02	2,56	2,33	2,58	3,17	2,84
Outubro	2,54	3,19	2,70	3,19	4,23	3,14
Novembro	2,35	3,12	2,92	3,10	4,21	3,29
Dezembro	2,41	3,34	3,37	3,55	4,54	3,64
1990						
Janeiro	2,49	3,25	2,96	3,25	4,12	3,28
Fevereiro	2,37	2,92	2,56	3,15	3,71	2,95

(1) Deflacionado pelo INPC.

23 – RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS SEM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados sem carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1989/90

Idade mínima – 15 anos

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO					
	Nominal (NCz\$1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1989						
Janeiro	94,82	100,81	144,03	174,98	174,91	223,55
Fevereiro	117,05	133,29	150,93	201,15	220,13	270,96
Março	119,69	136,40	157,46	222,19	251,20	283,21
Abril	146,14	166,17	186,97	237,90	292,22	320,57
Maió	174,95	191,70	220,65	297,50	358,21	381,83
Junho	207,75	223,44	268,24	349,38	436,98	452,69
Julho	259,82	264,51	388,39	437,45	546,15	613,24
Agosto	331,04	400,01	551,13	572,44	732,29	828,24
Setembro	504,21	459,61	752,10	747,93	954,29	1 164,61
Outubro	817,66	841,84	1 141,67	1 247,53	1 631,91	1 761,70
Novembro	1 131,72	1 141,58	1 557,87	1 869,26	2 447,90	2 638,11
Dezembro	1 610,33	2 139,22	2 764,25	3 136,02	3 727,80	4 757,00
1990						
Janeiro	3 071,34	3 075,86	4 397,79	5 722,51	6 458,93	7 269,25
Fevereiro	5 902,15	5 481,09	6 744,19	9 140,65	9 984,28	13 862,32
ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO					
	Real (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1989						
Janeiro	1,08	1,15	1,64	2,00	2,00	2,55
Fevereiro	1,15	1,31	1,48	1,98	2,16	2,66
Março	1,11	1,27	1,46	2,06	2,33	2,63
Abril	1,25	1,42	1,60	2,04	2,51	2,75
Maió	1,28	1,41	1,62	2,19	2,63	2,81
Junho	1,18	1,27	1,64	1,98	2,48	2,57
Julho	1,16	1,18	1,73	1,95	2,44	2,74
Agosto	1,11	1,34	1,84	1,92	2,45	2,77
Setembro	1,24	1,13	1,85	1,84	2,34	2,86
Outubro	1,44	1,49	2,02	2,21	2,89	3,12
Novembro	1,35	1,36	1,86	2,23	2,92	3,15
Dezembro	1,27	1,68	2,18	2,47	2,94	3,75
1990						
Janeiro	1,44	1,44	2,06	2,68	3,03	3,41
Fevereiro	1,59	1,47	1,81	2,46	2,69	3,74

(1) Deflacionado pelo INPC.

24 – RENDIMENTO MÉDIO DOS CONTA-PRÓPRIAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos conta-próprias que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência 1989/90

Idade mínima – 15 anos

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO					
	Nominal (NCz9)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1989						
Janeiro	103,95	100,14	118,81	139,85	191,77	163,97
Fevereiro	115,81	132,06	150,98	157,48	227,95	193,11
Março	120,77	136,14	175,85	191,60	257,90	247,22
Abril	155,42	165,70	197,24	228,94	311,40	286,51
Maió	206,77	205,66	237,50	266,30	390,15	366,30
Junho	234,11	206,71	318,97	332,99	501,33	437,65
Julho	295,43	307,95	382,34	387,91	634,97	571,08
Agosto	388,18	451,05	525,37	523,68	877,89	749,21
Setembro	564,24	593,40	727,59	708,66	1 161,91	1 023,17
Outubro	885,86	876,77	1 165,21	1 229,28	1 873,49	1 640,31
Novembro	1 202,07	1 419,86	1 643,41	1 709,91	2 988,30	2 263,55
Dezembro	1 834,48	2 231,17	2 667,96	2 778,86	4 411,80	3 545,88
1990						
Janeiro	3 200,43	3 671,28	5 088,99	4 945,35	7 769,66	6 633,36
Fevereiro	4 587,35	5 449,82	6 434,83	7 771,82	12 235,47	10 209,93

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO					
	Real (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1989						
Janeiro	1,19	1,14	1,36	1,60	2,19	1,87
Fevereiro	1,14	1,30	1,48	1,55	2,24	1,90
Março	1,12	1,26	1,63	1,78	2,39	2,30
Abril	1,33	1,42	1,69	1,96	2,67	2,46
Maió	1,52	1,51	1,74	1,96	2,87	2,69
Junho	1,33	1,17	1,81	1,89	2,85	2,49
Julho	1,32	1,37	1,70	1,73	2,83	2,55
Agosto	1,30	1,51	1,76	1,75	2,94	2,51
Setembro	1,38	1,46	1,79	1,74	2,85	2,51
Outubro	1,57	1,55	2,06	2,17	3,32	2,90
Novembro	1,43	1,69	1,96	2,04	3,56	2,70
Dezembro	1,44	1,76	2,10	2,19	3,48	2,79
1990						
Janeiro	1,50	1,72	2,38	2,32	3,64	3,11
Fevereiro	1,23	1,47	1,73	2,09	3,30	2,75

(1) Deflacionado pelo INPC.

25 – PESSOAS DESOCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1989/90

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semanas

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
1989							
Janeiro	60 440	46 057	62 954	134 523	308 260	37 907	650 141
Fevereiro	58 555	35 509	58 477	138 069	335 208	43 751	669 569
Março	73 222	45 700	61 355	147 059	328 871	43 490	699 697
Abril	61 994	39 873	58 220	143 621	314 690	38 202	656 600
Maió	56 513	35 716	54 272	118 953	263 441	35 583	564 478
Junho	54 231	42 731	45 565	123 803	268 067	33 014	567 411
Julho	67 636	40 184	47 567	114 398	237 363	33 230	540 378
Agosto	60 655	42 431	45 297	129 402	247 136	27 787	552 708
Setembro	58 900	48 304	46 176	121 138	252 435	27 248	554 201
Outubro	56 776	39 947	45 444	126 690	216 346	28 045	513 248
Novembro	42 686	29 860	45 548	124 789	161 506	23 834	428 223
Dezembro	37 493	35 833	36 789	117 891	146 727	26 648	401 381
1990							
Janeiro	54 857	41 377	49 557	151 623	230 483	32 774	560 671
Fevereiro	46 205	40 461	58 860	136 832	270 311	33 262	585 931
Março	63 818	42 931	66 612	160 406	311 016	44 774	689 557

26 – PESSOAS DESOCUPADAS, QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1989/90

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semanas

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
1989							
Janeiro	8 712	5 211	9 845	13 232	19 883	2 636	59 719
Fevereiro	8 459	3 763	5 286	13 041	23 842	4 895	59 286
Março	11 254	4 777	6 324	11 889	23 962	2 869	61 075
Abril	10 918	6 585	6 929	13 258	22 307	2 441	62 438
Maió	7 449	4 282	6 496	11 051	13 849	1 655	44 782
Junho	9 058	5 041	4 844	10 888	12 686	2 025	44 542
Julho	14 274	4 188	4 465	9 934	11 131	3 582	47 574
Agosto	11 506	2 337	3 928	10 117	15 519	2 204	45 611
Setembro	8 298	4 920	3 973	5 788	12 178	1 367	36 524
Outubro	10 627	2 909	3 060	7 925	7 083	1 921	33 525
Novembro	6 029	3 353	3 365	8 585	4 892	1 080	27 304
Dezembro	4 764	4 651	5 222	7 615	4 229	1 635	28 116
1990							
Janeiro	7 906	5 622	5 773	9 926	14 483	3 006	46 716
Fevereiro	6 362	3 803	7 191	14 487	27 772	2 485	62 100
Março	10 855	4 234	7 987	17 592	20 630	3 320	64 618

**27 – PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS,
SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1989/90**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1989							
Janeiro	1 058 470	883 626	1 493 848	4 651 410	7 352 505	1 261 529	16 701 388
Fevereiro	1 045 247	880 222	1 462 760	4 621 794	7 389 962	1 268 092	16 668 077
Março	1 068 434	891 191	1 458 268	4 574 272	7 375 942	1 281 693	16 649 800
Abril	1 064 577	890 864	1 461 691	4 535 632	7 336 677	1 277 379	16 566 820
Maio	1 067 767	903 881	1 477 686	4 540 780	7 388 562	1 284 842	16 663 518
Junho	1 079 858	929 927	1 491 339	4 580 090	7 419 329	1 281 868	16 782 411
Julho	1 103 760	934 950	1 502 898	4 624 771	7 537 102	1 287 018	16 990 499
Agosto	1 106 237	939 279	1 514 148	4 695 865	7 619 403	1 303 382	17 178 314
Setembro	1 103 184	953 594	1 530 770	4 677 115	7 629 152	1 310 182	17 203 997
Outubro	1 111 135	941 129	1 521 620	4 740 378	7 570 122	1 320 613	17 204 997
Novembro	1 094 073	947 319	1 522 445	4 733 284	7 557 310	1 312 326	17 166 757
Dezembro	1 066 771	941 391	1 528 288	4 696 795	7 514 911	1 300 262	17 048 418
1990							
Janeiro	1 084 618	922 859	1 514 272	4 680 245	7 527 380	1 299 113	17 028 487
Fevereiro	1 079 243	928 446	1 514 471	4 628 284	7 610 090	1 320 188	17 080 722
Março	1 070 160	943 948	1 527 596	4 580 804	7 607 093	1 308 528	17 038 129

**28 – PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES
DA PESQUISA – 1989/90**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1989							
Janeiro	998 029	837 569	1 430 895	4 516 887	7 044 245	1 223 622	16 051 247
Fevereiro	986 692	844 713	1 404 284	4 483 725	7 054 754	1 224 341	15 998 509
Março	995 213	845 492	1 396 913	4 427 213	7 047 071	1 238 204	15 950 106
Abril	1 002 583	850 991	1 403 471	4 392 011	7 021 987	1 239 177	15 910 220
Maio	1 011 254	868 165	1 423 414	4 421 827	7 125 121	1 249 259	16 099 040
Junho	1 025 627	887 196	1 445 774	4 456 287	7 151 262	1 248 854	16 215 000
Julho	1 036 124	894 765	1 455 331	4 510 373	7 299 738	1 253 788	16 450 119
Agosto	1 045 582	896 848	1 468 850	4 566 464	7 372 267	1 275 595	16 625 606
Setembro	1 044 284	905 290	1 484 594	4 555 978	7 376 717	1 282 933	16 649 796
Outubro	1 054 359	901 181	1 476 176	4 613 888	7 353 776	1 292 568	16 691 748
Novembro	1 051 387	917 459	1 476 898	4 608 495	7 395 803	1 288 492	16 738 534
Dezembro	1 029 279	905 559	1 491 499	4 578 904	7 368 184	1 273 614	16 647 039
1990							
Janeiro	1 029 761	881 482	1 464 715	4 528 622	7 296 897	1 266 340	16 467 817
Fevereiro	1 033 037	887 985	1 455 611	4 491 453	7 339 780	1 286 926	16 494 792
Março	1 006 343	901 017	1 460 984	4 420 398	7 296 077	1 263 754	16 348 573

29 — PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1989/90

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1989							
Janeiro	146 394	109 393	279 260	786 283	2 270 001	326 982	3 918 313
Fevereiro	142 234	110 590	267 757	748 536	2 256 986	326 642	3 852 745
Março	141 899	115 036	269 328	730 878	2 294 044	324 264	3 875 449
Abril	147 143	112 636	280 878	746 964	2 319 417	330 698	3 937 736
Maió	148 215	112 501	274 730	768 309	2 348 023	322 136	3 973 914
Junho	155 349	116 890	281 405	778 647	2 381 404	335 690	4 049 385
Julho	156 323	119 032	290 329	812 600	2 437 889	339 944	4 156 117
Agosto	152 049	114 324	293 846	788 379	2 505 242	351 076	4 204 916
Setembro	147 379	116 511	292 958	808 067	2 447 147	347 578	4 159 640
Outubro	156 111	119 319	300 631	829 814	2 496 755	341 226	4 243 856
Novembro	148 935	113 896	292 021	809 746	2 492 018	348 962	4 205 578
Dezembro	155 434	116 216	290 265	810 772	2 469 989	324 999	4 167 875
1990							
Janeiro	158 094	119 296	287 849	824 622	2 423 147	320 356	4 133 364
Fevereiro	156 309	114 306	278 183	806 733	2 373 060	317 646	4 046 237
Março	161 725	111 714	275 972	795 794	2 326 611	316 930	3 988 746

30 — PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1989/90

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1989							
Janeiro	77 777	75 852	145 088	341 146	437 043	80 505	1 157 411
Fevereiro	71 267	76 107	138 929	322 397	434 756	74 579	1 118 035
Março	70 538	69 931	137 119	322 429	460 422	72 366	1 132 804
Abril	67 692	67 100	128 403	331 043	432 847	75 293	1 100 378
Maió	72 030	75 456	134 316	339 593	458 052	77 781	1 157 228
Junho	71 016	75 598	141 327	332 014	464 528	72 475	1 156 958
Julho	70 972	82 884	150 286	339 523	448 214	77 759	1 169 638
Agosto	66 933	81 243	156 685	334 756	490 862	79 608	1 210 087
Setembro	69 871	83 940	156 298	347 898	483 297	76 471	1 217 775
Outubro	70 026	81 821	154 907	331 821	464 967	83 641	1 187 183
Novembro	78 471	78 474	148 315	326 411	484 414	82 863	1 198 948
Dezembro	78 257	85 155	148 920	328 082	473 989	86 203	1 200 606
1990							
Janeiro	75 003	80 508	144 492	329 990	479 862	79 918	1 189 793
Fevereiro	76 297	87 058	145 282	340 451	489 784	81 932	1 220 804
Março	76 206	91 891	152 836	350 838	479 419	83 486	1 234 676

31 – PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1989/90

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1989							
Janeiro	171 856	129 876	197 071	591 546	965 395	184 634	2 240 378
Fevereiro	166 606	123 406	187 996	608 457	974 023	174 045	2 232 533
Março	160 682	129 899	190 322	594 770	979 875	187 195	2 242 743
Abril	163 097	138 450	191 152	570 760	966 955	184 032	2 214 446
Maió	160 996	134 447	194 630	606 123	945 382	184 667	2 226 245
Junho	169 526	131 400	198 781	605 149	907 020	183 722	2 195 598
Julho	180 300	126 725	196 757	601 110	976 249	186 325	2 267 466
Agosto	175 871	127 470	191 176	605 173	960 533	184 723	2 244 946
Setembro	186 006	129 404	192 196	603 220	1 005 787	194 226	2 310 839
Outubro	184 664	136 875	195 838	625 997	980 089	194 371	2 317 834
Novembro	182 289	140 227	197 202	634 232	990 518	194 328	2 338 796
Dezembro	175 981	134 260	213 261	629 573	1 030 805	204 995	2 388 875
1990							
Janeiro	181 081	134 574	201 491	587 725	1 047 413	200 749	2 353 033
Fevereiro	176 762	134 938	196 122	587 073	1 053 206	199 196	2 347 297
Março	169 888	130 133	197 827	556 734	1 037 847	188 860	2 281 289

32 – PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1989/90

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1989							
Janeiro	470 418	431 476	705 521	2 366 524	3 066 029	518 449	7 558 417
Fevereiro	471 889	437 082	705 120	2 366 667	3 072 939	533 940	7 587 637
Março	484 348	436 108	695 561	2 348 638	2 981 489	539 435	7 485 579
Abril	484 511	437 806	702 731	2 307 300	2 971 037	532 901	7 436 286
Maió	491 881	445 004	714 742	2 297 100	3 051 625	548 409	7 548 761
Junho	491 301	466 213	720 273	2 330 599	3 101 928	545 528	7 656 842
Julho	497 289	467 125	712 242	2 327 227	3 150 551	542 288	7 696 722
Agosto	508 935	484 070	720 953	2 412 377	3 123 358	558 000	7 807 693
Setembro	493 486	483 408	735 876	2 368 723	3 136 803	560 878	7 779 174
Outubro	496 958	472 619	722 436	2 399 665	3 101 813	566 884	7 760 375
Novembro	491 011	493 528	732 606	2 410 635	3 125 023	547 359	7 800 162
Dezembro	473 029	477 948	732 227	2 369 853	3 081 008	544 107	7 678 172
1990							
Janeiro	480 353	447 969	729 453	2 348 874	3 047 430	545 823	7 599 902
Fevereiro	487 267	454 241	736 485	2 295 572	3 109 779	570 426	7 653 770
Março	469 046	465 196	739 833	2 312 958	3 141 409	561 013	7 689 455

33 — PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1989/90

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1989							
Janeiro.....	131 585	90 971	103 954	431 389	305 777	113 052	1 176 728
Fevereiro.....	134 696	97 529	104 482	439 667	316 051	115 135	1 207 560
Março.....	137 745	94 518	104 582	430 499	331 241	114 944	1 213 529
Abril.....	140 141	94 999	102 307	435 944	331 731	116 253	1 221 375
Maió.....	138 132	100 757	104 995	410 702	322 038	116 266	1 192 890
Junho.....	138 435	97 096	103 987	409 878	296 382	111 440	1 157 218
Julho.....	131 239	98 998	105 717	429 913	286 836	107 472	1 160 175
Agosto.....	141 795	89 742	106 190	425 779	292 272	102 188	1 157 966
Setembro.....	147 542	92 028	107 267	428 070	303 683	103 781	1 182 371
Outubro.....	146 601	90 548	102 364	426 391	310 151	106 446	1 182 501
Novembro.....	150 681	91 334	106 754	427 472	303 830	114 981	1 195 052
Dezembro.....	146 578	91 979	106 824	440 625	312 393	113 309	1 211 708
1990							
Janeiro.....	135 230	99 136	101 429	437 412	299 025	119 493	1 191 725
Fevereiro.....	136 402	97 442	99 538	461 624	313 951	117 726	1 226 683
Março.....	129 477	102 083	94 515	404 075	310 791	113 466	1 154 407

34 — EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1989/90

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1989							
Janeiro.....	486 487	439 143	785 805	2 504 095	4 344 769	749 103	9 309 402
Fevereiro.....	488 272	449 686	779 278	2 469 952	4 380 100	747 093	9 314 381
Março.....	497 107	450 747	774 830	2 426 376	4 346 778	746 188	9 242 026
Abril.....	493 619	467 612	783 743	2 428 752	4 361 239	743 070	9 278 035
Maió.....	499 517	481 914	793 165	2 458 626	4 377 988	743 690	9 354 900
Junho.....	503 019	479 597	799 920	2 482 546	4 394 144	751 208	9 410 434
Julho.....	506 196	476 799	807 068	2 483 594	4 533 581	762 968	9 570 206
Agosto.....	515 146	494 708	823 285	2 490 531	4 569 295	781 130	9 674 095
Setembro.....	521 479	493 390	842 061	2 496 002	4 618 586	782 430	9 753 948
Outubro.....	525 068	491 603	849 003	2 574 226	4 584 184	774 372	9 798 456
Novembro.....	526 770	497 419	859 195	2 521 360	4 711 001	772 635	9 888 370
Dezembro.....	522 803	490 164	855 094	2 511 079	4 673 922	778 441	9 831 503
1990							
Janeiro.....	525 219	480 823	840 756	2 509 323	4 718 520	779 707	9 854 348
Fevereiro.....	518 569	484 618	826 704	2 493 446	4 657 750	790 898	9 771 985
Março.....	515 153	481 275	819 145	2 434 373	4 610 749	781 258	9 641 953

35 – POPULAÇÃO RESIDENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS
MESES DA PESQUISA – 1989/90

ANOS E MESES DA PESQUISA	POPULAÇÃO RESIDENTE						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
1989							
Janeiro	2 929 959	2 347 895	3 508 517	11 040 650	16 824 738	2 908 712	39 560 471
Fevereiro	2 935 924	2 353 987	3 519 517	11 060 801	16 862 937	2 916 251	39 649 417
Março	2 941 899	2 360 085	3 530 544	11 080 963	16 901 123	2 923 797	39 738 411
Abril.....	2 947 868	2 366 188	3 541 568	11 101 121	16 939 329	2 931 339	39 827 413
Maio	2 953 838	2 372 296	3 552 603	11 121 261	16 977 521	2 938 886	39 916 405
Junho.....	2 959 811	2 378 398	3 563 666	11 141 411	17 015 699	2 946 448	40 005 433
Julho.....	2 965 785	2 384 506	3 574 726	11 161 544	17 053 896	2 954 007	40 094 464
Agosto	2 971 754	2 390 618	3 585 813	11 181 672	17 092 112	2 961 572	40 183 541
Setembro.....	2 977 725	3 396 737	3 596 896	11 201 797	17 130 313	2 969 142	40 272 610
Outubro.....	2 983 697	2 402 849	3 608 007	11 221 918	17 168 502	2 976 709	40 361 682
Novembro.....	2 989 671	2 408 966	3 619 129	11 242 035	17 206 708	2 984 291	40 450 800
Dezembro	2 995 646	2 415 088	3 630 247	11 262 149	17 244 900	2 991 878	40 539 908
1990							
Janeiro	3 001 665	2 421 290	3 641 601	11 282 254	17 283 291	2 999 578	40 629 679
Fevereiro	3 007 637	2 427 412	3 652 744	11 302 361	17 321 490	3 007 168	40 718 812
Março	3 013 604	2 433 539	3 663 915	11 322 452	17 359 710	3 014 765	40 807 985

INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA — BRASIL

Os resultados do mês de março assinalam decréscimos nos índices mais diretamente afetados pelo impacto das medidas do Plano Collor — mensal (-1,5%) e mês/mês anterior com ajustamento sazonal (-5,8%) — e crescimento nos indicadores que envolvem a comparação de maior número de meses — acumulado de doze meses (5,8%) e acumulado (4,6%), este último com uma taxa já inferior à de fevereiro (7,9%). A indústria ingressa este mês numa fase de adaptação seguindo um comportamento já verificado após os últimos planos de estabilização. O setor industrial mantém um baixo nível de atividade produtiva, enquanto procura se adaptar à nova política econômica, o que significa uma demorada negociação com os setores fornecedores de insumos e os compradores de sua produção, quanto a preços e prazos, o que acaba por envolver, em maior ou menor medida, quase toda a economia do país. No Plano Collor, como houve uma grande reversão nas expectativas sobre os rumos da economia, em função, principalmente,

da diminuição drástica da liquidez, esta negociação passa a envolver também os sindicatos, pois estão em jogo os salários, a duração da jornada de trabalho e o nível de emprego. Agora, as indústrias, muito mais que nos choques anteriores, passam a rever seus planos de expansão, devido à incerteza sobre o sentido da evolução da demanda.

A queda na comparação mês/mês anterior na série sazonalmente ajustada (-5,8%), foi a maior já verificada desde abril de 1985. Foi também superior à registrada nos dois últimos choques econômicos (Tabela A). Não se inclui nesse confronto o Plano Cruzado, por este ter se iniciado no final e não no meio do mês, o que dificulta sua comparação com os outros planos, pois seu impacto sobre a indústria só aparecerá no mês seguinte. A diminuição, no entanto, contrariando as previsões mais pessimistas, não foi muito distante da ocorrida quando do início do Plano Bresser (-4,8%). Isto pode ser explicado pelo relativo aquecimento da indústria no início do ano, fato já analisado anteriormente, que deve ter se estendido até a primeira quinzena de março. Cabe assinalar que, coincidentemente, os

A – IMPACTO INICIAL DOS TRÊS ÚLTIMOS PLANOS DE ESTABILIZAÇÃO NA INDÚSTRIA
ÍNDICE BASE FIXA COM AJUSTAMENTO SAZONAL
 (Base: mês anterior = 100)

CLASSES E GÊNEROS	PLANO BRESSER JUNHO/MAIO 1987	PLANO VERÃO JANEIRO-1989 DEZEMBRO-1988	PLANO COLLOR MARÇO/FEVEREIRO 1990
Indústria geral.....	95,23	98,17	94,18
Extrativa mineral.....	101,42	104,31	100,85
Minerais não-metálicos.....	95,34	99,92	93,63
Metalúrgica.....	97,82	95,71	93,18
Metalúrgica básica.....	98,47	99,94	95,91
Outros produtos metalúrgicos.....	96,80	88,95	89,08
Mecânica.....	95,31	98,15	92,42
Material elétrico e de comunicações.....	95,24	94,35	89,34
Material de transporte.....	92,67	98,86	96,86
Autoveículos.....	94,14	100,04	96,14
Outros produtos de transporte.....	88,61	95,67	98,99
Papel e papelão.....	96,35	97,34	99,52
Borracha.....	100,14	97,03	91,00
Química.....	94,26	98,88	97,15
Petroquímica, refino e destilação do carvão.....	94,95	94,42	97,20
Outros produtos químicos.....	93,90	101,94	97,12
Farmacêutica.....	97,40	100,09	103,16
Perfumaria, sabões e velas.....	86,93	95,78	94,01
Produtos de matérias plásticas.....	85,65	90,94	87,53
Têxtil.....	95,15	100,01	95,83
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	92,67	103,14	98,40
Produtos alimentares.....	97,24	98,75	89,05
Bebidas.....	84,92	93,92	86,39
Fumo.....	98,88	103,24	101,62

segmentos menos afetados pelas recentes medidas de estabilização — farmacêutica (3,2%), extrativa mineral (0,9%) — de modo geral, também tiveram evolução positiva quando da edição dos dois choques anteriores. Em menor medida o mesmo se constata com os gêneros mais atingidos — bebidas (-13,6%) e produtos de matérias plásticas (-12,5%).

O indicador mensal apresenta uma contração de apenas (-1,5%) devido, em boa medida, à base de comparação ainda relativamente deprimida. Os setores que respondem por esse resultado são química (-9,7%) e mecânica (-7,2%). Nestes ramos, os dois produtos que mais se destacaram foram fertilizantes compostos NPK e gasolina, máquinas de costura domésticas e colhedeiças agrícolas, respectivamente. Este mês, ao contrário do primeiro bimestre do ano, os setores vinculados à agropecuária tiveram uma marcante influência negativa sobre o desempenho da indústria. Cabe ressaltar, que, em março, suco de laranja — que vinha sustentando o crescimento de produtos alimentares — já mostra uma taxa negativa de -22,7%. Em termos de categoria de uso, os índices variaram de 2,8% em bens

intermediários a -13,1% em bens de consumo duráveis, destacando-se neste último ramo a diminuição em automóveis para passageiros (-12,0%), item de maior peso na categoria.

Dos 49 subsetores pesquisados, 31 mostram variações negativas, na comparação mensal, sendo que seis com quedas superiores a 20%. Quase todos os segmentos vinculados à agropecuária assinalam quedas. A mais significativa foi a de adubos e fertilizantes (-47,2%), pois caso este setor estivesse com sua produção estabilizada, a queda na indústria geral diminuiria a menos da metade, passaria de -1,5% para -0,7% (Tabela B). Outros setores com decréscimos significativos foram máquinas agrícolas (-36,5%), indústria

B – COMPOSIÇÃO DA TAXA DA INDÚSTRIA GERAL

INDICADOR MENSAL
 Março de 1990

SETORES INDUSTRIAIS	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Alubos e fertilizantes.....	52,84	-0,87
Demais setores de indústria.....	99,33	-0,66
Indústria geral.....	98,47	-1,53

naval (- 33,2%) e calçados (- 29,1%). Este último ramo juntamente com adubos e fertilizantes e máquinas agrícolas estão com o mais baixo nível de produção, para o mês de março, de toda série (Tabela C).

C – NÍVEL DE PRODUÇÃO DE SETORES SELECIONADOS

ÍNDICE DE BASE FIXA
(Base: média de 1981 = 100)
Março de 1981-90

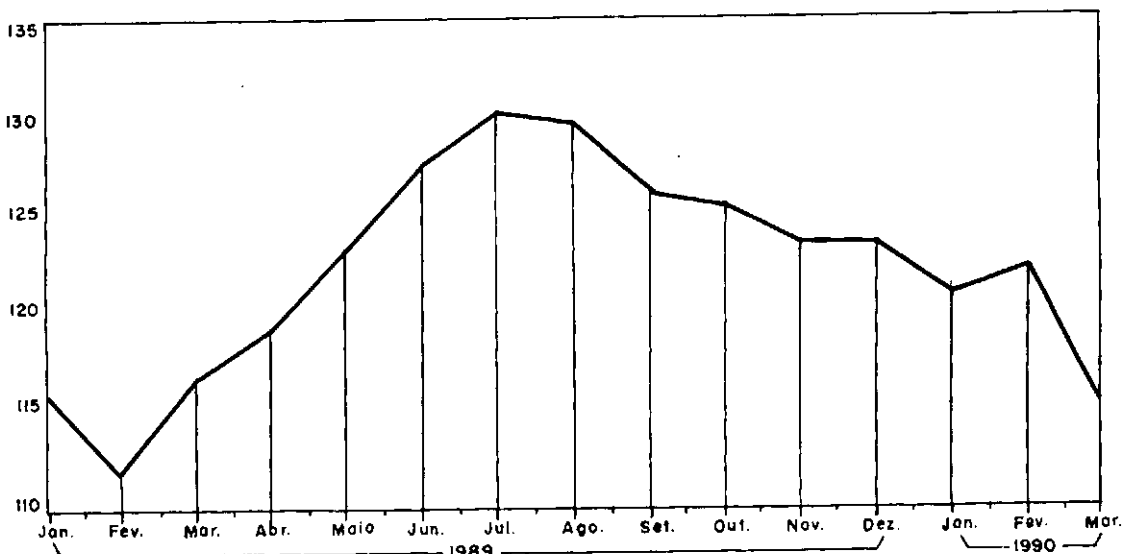
ANOS	MÁQUINAS AGRÍCOLAS	ADUBOS E FERTILIZANTES	CALÇADOS
1990	80,28	47,31	75,62
1989	126,40	89,52	106,60
1988	136,70	114,34	108,21
1987	133,05	71,36	107,35
1986	122,79	69,37	99,43
1985	114,68	107,63	90,36
1984	113,91	90,56	87,46
1983	91,60	74,22	94,54
1982	126,79	94,40	98,40
1981	138,64	97,51	92,84

O indicador acumulado e acumulado de doze meses estão com taxas positivas de 4,6% e 5,8%, respectivamente, devido, em maior medida no segundo indicador, à base de comparação deprimida, pois o primeiro trimestre de 1989 foi a fase de acomodação da indústria às mudanças provocadas pelo Plano Verão. No acumulado, os gêneros

com maior crescimento foram papel e papelão (21,2%), material elétrico (19,2%), fumo (14,7%), bebidas (13,0%) e produtos alimentares (11,4%).

A perspectiva para abril é de uma maior contração no indicador mensal e, certamente, também, no mês/mês anterior dessazonalizado, acompanhado de uma expressiva redução da taxa acumulada no ano. Para isso, irão contribuir a continuidade do período de adaptação ao plano e a base de comparação, agora já mais elevada. Nota-se que nos choques econômicos anteriores, quando estes se iniciavam no meio do mês, sempre o mês seguinte é que absorvia o maior impacto do ajustamento, dado que há um número maior de dias sob influência das novas medidas. Observe-se ainda que indústrias com determinados processos produtivos contínuos reagem defasadamente a esses ajustes. Além disso, o atual plano produziu um aperto na liquidez sem precedentes na economia, o que também contribui para rebaixar o nível de produção da indústria, pelo menos no primeiro momento. De todo modo, considerando-se o grau de intervenção embutido no novo programa, o efeito sobre a atividade fabril não foi, em março, tão grave como levavam a crer a maior parte das análises.

GRÁFICO 1
INDÚSTRIA GERAL
ÍNDICE DE BASE FIXA COM AJUSTE SAZONAL
(Base: média de 1981 = 100)
Brasil



COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA GERAL ⁽¹⁾
(Indicador Acumulado, segundo os Gêneros da Indústria)
Janeiro/Março - 1990

GÊNEROS	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRODUTOS RESPONSÁVEIS (2)
Extrativa mineral.....	0,42	Petróleo em bruto - Gás natural
Minerais não-metálicos	0,29	Chapas ou telhas, lisas ou corrugadas de fibrocimento - Frascos de vidro de menos de 375 ml
Metalúrgica	0,99	Parafusos de ferro e aço - Estruturas metálicas
Mecânica	0,23	Bombas hidráulicas com ou sem motores elétricos de 10 a menos de 50 cv - Equipamentos de ar condicionado central
Material elétrico e de comunicações	1,44	Fios, cabos e condutores de cobre, isolados, com ou sem alma de aço - Aparelhos receptadores de televisão em cores
Material de transporte.....	-0,09	Automóveis para passageiros - bicicletas sem motor
Papel e papelão	0,91	Sacos de papel Kraft - exclusive multifolhados - Papel higiênico
Borracha	0,13	Pneumáticos para caminhões e ônibus - Camelbacks (banda de recauchutagem de pneumáticos)
Química	-0,85	Fertilizantes compostos NPK - Gasolina
Farmacêutica	0,03	Antiinflamatórios e anti-reumáticos - Vitaminas dosadas
Perfumaria, sabões e velas	0,13	Dentifíricos sólidos - Sabões e cremes para lavar e enxaguar cabelos
Produtos de matérias plásticas.....	0,04	Mangueiras, canos, tubos e conexões de material plástico - Placas ou chapas de material plástico para revestimento - exclusive piso
Têxtil.....	-0,15	Tecidos acabados ou beneficiados, de algodão - Sacos de juta
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	-0,41	Sapatos, sandálias e botas de couro para senhoras - Calças compridas de tecido - inclusive tecido de malha
Produtos alimentares.....	1,09	Suco e concentrado de laranja - Café solúvel
Bebidas.....	0,20	Cervejas - inclusive chope - Refrigerantes
Fumo.....	0,18	Fumo em folha beneficiado (seco ou defumado) - Cigarros
Indústria geral	4,58	

(1) $C = (I_G - 100) \cdot K$, onde:

C = Participação do gênero na formação do total da taxa de crescimento;

I_G = Indicador do gênero; e

K = Peso do gênero no total da indústria geral.

(2) Foram destacados, em cada gênero, os dois principais produtos responsáveis pelo indicador.

ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA POR REGIÕES

Os resultados regionais da atividade industrial no primeiro mês de implantação do Plano Brasil Novo configuram um quadro de desempenhos bastante diferenciados. Ante março de 1989, o nível de produção fabril em março último assinalou taxas que variaram entre os -8,5% no Rio Grande do Sul e os 6,3% de expansão em Santa Catarina.

É possível, como já mencionado na análise dos índices para o Brasil, que o fato

do novo programa econômico ter sido implantado no meio do mês, estando até então a maioria dos ramos industriais num nível relativamente alto de produção, tenha adiado para o mês de abril os efeitos maiores do inevitável ajuste do setor às novas condições de um mercado com pouca liquidez.

O melhor exemplo desse comportamento diferenciado do setor industrial encontra-se nos estados do sul. Para uma queda de -2,9% verificada no total da região, o comparativo março-90/março-89 registrou, nos estados, as seguintes taxas: Paraná (3,6%), Santa Catarina (6,3%) e Rio Grande do Sul (-8,5%). Com esses números, o acumulado do primeiro

trimestre do ano aponta crescimento no Paraná (7,4%), em Santa Catarina (9,6%) que, inclusive, lidera a expansão regional este ano, e - 0,2% no Rio Grande do Sul.

Tal movimento também é observado no Nordeste. Em março, enquanto a Bahia experimenta redução de - 5,6%, Pernambuco eleva em 3,3% seu nível de atividade industrial, relativamente a igual mês do ano anterior. No trimestre, enquanto a indústria baiana acumula queda de - 4,0%, a pernambucana consegue repetir o nível de produção do primeiro trimestre de 1989 (0,2%).

Nos três principais centros industriais do país é que se observam comportamentos mais uniformes, no sentido de que a grande maioria dos gêneros pesquisados aponta decréscimos de produção em março, embora o resultado global em pelo menos dois destes estados aponte taxas pouco negativas: São Paulo (- 2,7%) e Rio de Janeiro (- 1,7%). Em Minas Gerais (- 5,5%) a queda é bem mais acentuada e resulta de desempenhos negativos em dez dos treze ramos industriais pesquisados. Ainda assim, a indústria mineira consegue no primeiro trimestre igualar o nível de produção ao de igual período do ano anterior (0,1%). No Rio de Janeiro esse índice é de 2,1% e em São Paulo alcança 4,3% de expansão.

Pernambuco

A produção industrial pernambucana, registrada em março, revela queda nos indicadores mês/mês anterior (- 12,5%) e base fixa (- 3,6%), influenciados, diretamente, pelo impacto das medidas do Plano Collor. Por outro lado, assinala expansão nos índices mensal (3,3%), acumulado (0,2%) e acumulado de doze meses (2,5%). No caso dos dois primeiros e, em menor intensidade, no último, a justificativa advém, basicamente, da base de comparação muito deprimida devido à adaptação às novas regras econômicas implantadas pelo Plano Verão.

Na análise do desempenho dos indicadores mensal (3,3%) e acumulado (0,2%), deve-se levar em consideração a importância do efeito-base. Isso fica evidente a partir do seguinte exercício: caso seja retirado do resultado global mensal o

impacto do crescimento do setor material elétrico e de comunicações (62,6%) — por expressar fortemente este efeito e também por ter um produto (pilhas secas) respondendo com, aproximadamente, 51% da estrutura do gênero — surgiria um novo quadro, que apresentaria uma variação negativa da produção de - 1,5% (Tabela D).

D — DESEMPENHO INDUSTRIAL DE PERNAMBUCO Março de 1990 (Base: igual mês do ano anterior = 100)

CLASSES E GÊNEROS	CONTRIBUIÇÃO NA TAXA	ÍNDICE
Indústria geral.....	3,32	103,32
Material elétrico e de comunicações.....	4,84	162,56
Demais setores.....	- 1,52	98,48

O comportamento do índice mês/mês anterior em fevereiro e março de 1990 foi bastante atípico frente ao padrão sazonal dos anos anteriores (Tabela E). Em fevereiro a contração ocorrida (- 6,2%) foi a menor

E — INDÚSTRIA PERNAMBUCANA ÍNDICE MÊS/MÊS IMEDIATAMENTE ANTERIOR — 1981-90

ANOS	FEVEREIRO (1)	MARÇO (2)	(2) - (1)
1990.....	93,9	87,5	- 6,4
1989.....	78,1	92,6	14,5
1988.....	81,9	96,4	14,5
1987.....	92,0	94,1	2,1
1986.....	78,8	86,8	8,0
1985.....	83,6	90,4	6,8
1984.....	86,1	90,4	4,3
1983.....	80,5	101,5	21,0
1982.....	88,2	109,0	20,8
1981.....	86,6	96,4	9,8

de toda a série e em março, em parte por decorrência do movimento do mês anterior, a diminuição (- 12,5%) foi a segunda em intensidade nos últimos dez anos, sendo também o único decréscimo dentre as regiões pesquisadas (Tabela F). Com isso, pela primeira vez na década, o declínio de março foi superior ao de fevereiro. Os setores que mais contribuíram na composição desta variação negativa neste mês, foram: química (- 29,4%), produtos alimentares (- 27,0%) e minerais não-

F – DESEMPENHO DA INDÚSTRIA REGIONAL
ÍNDICE MÊS/MÊS ANTERIOR
Março de 1990

REGIÕES	ÍNDICE
Brasil.....	102,19
Pernambuco.....	87,49
Bahia.....	103,83
Minas Gerais.....	102,26
Rio de Janeiro.....	107,73
São Paulo.....	100,20
Paraná.....	123,26
Santa Catarina.....	103,70
Rio Grande do Sul.....	107,94

metálicos (-11,2%). Os produtos que influenciaram o desempenho da química foram os derivados de petróleo (borracha SBR e PB), e nos dois outros gêneros citados foram açúcar refinado e cimento (comum e pozolânico), respectivamente.

O indicador doze meses (2,5%), por incluir 24 observações no seu cálculo, fica menos vulnerável aos efeitos das adaptações aos planos econômicos. Os setores com maior crescimento foram material elétrico e de comunicações (45,6%), metalúrgica (14,8%) e papel e papelão (22,4%).

O forte enxugamento da liquidez da economia e, em menor medida, a incerteza sobre os efeitos da política cambial adotada pelo Plano Collor, sobre a cotação do dólar, geraram uma paralisia, momentânea, da produção de alguns segmentos fabris, provocando redução da jornada de trabalho e do nível de emprego. A indefinição criada a respeito da evolução da demanda do mercado interno e das exportações, aliada à elevação da base de comparação, apontam para um avanço da retração da produção industrial em Pernambuco nos próximos meses, quando confrontada com iguais períodos do ano anterior.

Bahia

O fraco desempenho da produção industrial baiana em março último – queda de -5,6% frente a igual mês do ano anterior – levou a uma redução nos resultados acumulados do setor. No período janeiro/março há um decréscimo de -4,0% contra -3,1% registrado no acumulado até fevereiro. Já a comparação acumulada dos últimos doze meses aponta uma pequena desaceleração no seu ritmo de crescimento,

ao passar de uma taxa de 4,0% em fevereiro para 3,7% em março.

Destacaram-se no mensal, pelo peso que assumem no setor industrial, os gêneros química (-10,9%) e extrativa mineral (-0,7%) que juntos impactaram negativamente em aproximadamente 7,3 pontos percentuais na formação da taxa da indústria (Tabela G). No primeiro segmento

G – DESEMPENHO DA INDÚSTRIA
INDICADOR MENSAL, SEGUNDO OS
GÊNEROS DE INDÚSTRIA
Março de 1990
Bahia

GÊNEROS	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Indústria geral.....	94,44	-5,56
Extrativa mineral.....	99,35	-0,09
Química.....	89,11	-7,19
Demais gêneros.....	101,72	1,72

a explicação para a forte contração está relacionada, basicamente, com as paralisações ocorridas no processamento industrial de polietileno e etilbenzeno, justificadas pela necessidade de manutenção e reforma de suas principais unidades produtivas. A extrativa mineral, embora sua taxa ainda permaneça negativa, ficou bem menor do que as verificadas a partir de janeiro (-7,5%) quando iniciou sua trajetória de queda. Respondendo por essa diminuição estão petróleo em bruto (-3,4% contra -3,8% em fevereiro) e calcário (-55,5% contra -68,0% em fevereiro).

A indústria sofreu ainda os reflexos da diminuição da produção de perfumaria (-39,5%) e bebidas (-13,3%) comparativamente a março do ano passado, resultados inferiores à média dos últimos três anos (exceto em fevereiro de 1989 quando perfumaria atingiu -59,7%). Essas taxas são explicadas, principalmente, pela má performance dos produtos sabão comum em massa (-27,2%) e cerveja (-22,3%), respectivamente.

Deve ser ressaltado, todavia, o bom desempenho em material elétrico e de comunicações (23,9%), metalúrgica (13,0%) e produtos alimentares (7,2%), setores que têm conseguido sustentar uma trajetória de resultados positivos nos últimos meses.

O indicador acumulado nos doze meses registra um crescimento de 3,7%, ligeiramente inferior ao do mês de fevereiro último (4,0%). Esta comparação vem num movimento de desaceleração em seu ritmo de crescimento desde janeiro desse ano. Em março os maiores índices foram os dos gêneros: metalúrgica (24,4%), perfumaria (13,4%) e bebidas (12,6%). Por outro lado, o que se percebe é que houve uma melhora nos resultados dos segmentos que apresentavam performances negativas em fevereiro, que agora apontam ascensão ou pelo menos uma nítida recuperação. Essas mudanças se deram nos ramos de atividade de minerais não-metálicos (3,4%) e extrativa mineral (-0,2%).

Por último, cabe observar que ainda não é nítida a influência das novas medidas econômicas sobre a indústria baiana. O indicador mensal — o mais sensível às mudanças de conjuntura — este mês apresentou crescimento em mais da metade dos gêneros. O resultado negativo alcançado nessa comparação só foi obtido devido, basicamente, à forte contração da química propiciada, conforme já mencionado, por paralisações por motivos técnicos, de importantes informantes da pesquisa, o que não tem uma vinculação com o Plano Collor. Portanto, somente com os resultados dos próximos meses será possível delinear com clareza o impacto das medidas de estabilização sobre o parque fabril da Bahia.

Minas Gerais

O desempenho da indústria mineira em março registra resultado negativo na comparação mensal (-5,5%), mais afetada pelas mudanças provocadas pelo Plano Collor, estabilidade no acumulado (0,1%) e um pequeno crescimento no acumulado de doze meses (1,6%). Este último índice, por envolver um maior número de observações, é o menos sensível às alterações recentes da política econômica.

A indústria mineira, devido a fatores sazonais, apresenta em março sempre um nível de produção superior ao de fevereiro — em média de 11,4%, nos anos 80 (Tabela H). Este ano o incremento foi de apenas 2,3%, o mais baixo de toda série, indicando, que se fossem descontados os efeitos da sazonalidade, haveria, na realidade, uma queda no patamar de produção. Os principais gêneros também tiveram um comportamento semelhante, com destaque para material de transporte que, pela primeira vez desde 1981, mostra um decréscimo no confronto março/fevereiro. Em consequência, o nível de produção dos ramos de maior relevância na indústria atingiu um dos mais baixos patamares dos últimos anos para o mês em questão (Tabela I).

No indicador mensal que aponta uma redução de -5,5%, quase todos os gêneros registraram contrações, sendo a mais significativa a da química (-27,7%), por explicar mais da metade da queda da

H — INDÚSTRIA GERAL E GÊNEROS SELECIONADOS
ÍNDICE MÊS/MÊS ANTERIOR
(Base: mês imediatamente anterior = 100)
Março/Febrero de 1981-90
Minas Gerais

ANOS	INDÚSTRIA GERAL	MINERAIS NÃO-METÁLICOS	METALÚRGICA	MATERIAL DE TRANSPORTE	QUÍMICA	PRODUTOS ALIMENTARES
1990	102,26	101,95	102,76	95,86	94,42	109,61
1989	118,29	122,48	109,26	131,88	138,27	112,72
1988	111,16	119,13	109,95	108,49	107,60	108,09
1987	103,39	97,35	99,59	102,42	118,01	114,55
1986	105,56	105,78	107,05	159,32	89,04	102,52
1985	112,90	115,84	112,17	135,90	90,75	111,56
1984	110,78	110,81	110,34	132,50	117,01	109,48
1983	118,40	107,69	116,45	181,15	94,00	110,07
1982	111,86	112,34	112,30	128,80	96,67	117,70
1981	110,63	114,15	107,89	140,27	109,13	113,29
Média - 1981-89....	111,44	111,73	109,44	135,64	106,72	111,11

I – NÍVEL DE PRODUÇÃO DE GÊNEROS SELECIONADOS

ÍNDICE BASE FIXA

(Base: média de 1981 = 100)

Março de 1981-90

Minas Gerais

ANOS	INDÚSTRIA GERAL	MINERAIS NÃO-METÁLICOS	METALÚRGICA	MATERIAL DE TRANSPORTE	QUÍMICA	PRODUTOS ALIMENTARES
1990	118,18	93,23	128,52	168,00	114,91	74,81
1989	125,09	103,04	130,89	181,15	158,99	83,10
1988	128,42	111,13	143,63	170,93	131,80	85,59
1987	118,99	101,32	124,02	136,55	151,84	80,73

indústria. Os produtos que mais influenciaram esse resultado foram gasolina e ácido sulfúrico. O primeiro está com uma base de comparação muito elevada, e o segundo sofre o impacto da paralisação, por motivos técnicos, de seu mais importante produtor. Minerais não-metálicos (-9,5%) e produtos alimentares (-10,0%) também tiveram decréscimos de grande influência no desempenho do parque fabril. Cimento e iogurtes foram, respectivamente, os itens de maior destaque. Como é sabido, as recentes medidas de política econômica atingiram, com grande intensidade, a construção civil, em especial a residencial, que é grande consumidora de cimento. Já o desempenho de iogurtes reflete a menor produção de leite em função dos preços baixos, e também o fato de ser muito consumido nas faixas de renda mais elevada e ter uma alta rotatividade nos supermercados, decorrente do pequeno prazo de validade, características que desestimularam sua produção após o Plano Collor.

O indicador acumulado passa de um incremento de 3,2% em fevereiro para apenas 0,1% em março. Em relação ao mês anterior, as maiores alterações ocorreram em material elétrico (38,4% ante 26,4% em fevereiro) e produtos de matérias plásticas (12,9% contra 29,9%). Na composição da taxa da indústria geral, os gêneros com maior contribuição foram química (-12,8%), seguida por material elétrico.

A comparação acumulada de doze meses assinala, novamente, uma taxa positiva (1,6%). Cabe destacar, no entanto, que a maior parte dos ramos de peso no parque fabril mineiro estão com índices negativos - produtos alimentares (-6,0%) e extrativa mineral (-0,3%) - ou positivos mas abaixo da média da indústria -

minerais não-metálicos (1,0%) e metalúrgica (0,7%).

Rio de Janeiro

A produção industrial do Rio de Janeiro decresceu -1,7% em março contra igual mês do ano passado. Este resultado negativo foi suavizado pela boa performance da extrativa mineral, que se expandiu este mês 24,8%, já que a indústria de transformação teve um recuo da ordem de -4,3%. Nesta, apenas cinco gêneros, dos quatorze pesquisados, registraram crescimento da produção: fumo (19,3%), farmacêutica (7,0%), metalúrgica (5,0%), papel e papelão (4,7%) e química (4,0%), enquanto que as maiores retrações ocorreram em material de transporte (-32,2%), perfumaria (-20,7%), vestuário (-20,7%), matérias plásticas (-16,1%) e têxtil (-19,0%).

A forte queda em material de transporte, provocada pelo menor nível de atividade nos estaleiros, levou a que os bens de capital apresentassem este mês a maior contração dentre as categorias de uso, com -15,6%. Entretanto, como este segmento já vinha registrando desempenho negativo (-1,4% em janeiro e -7,7% em fevereiro), conclui-se que os bens de consumo, com declínio de -9,3% em março, contra expansão de 6,3% em janeiro e 0,3% em fevereiro, foram, na verdade, os que sofreram maior impacto das medidas de estabilização, com o maior decréscimo no índice em termos de pontos percentuais. Bens intermediários foi a única categoria que manteve-se com resultado positivo, com crescimento de 7,5%, graças, principalmente, às performances favoráveis da metalúrgica (5,0%) e química (4,0%), subsetores em que a complexidade e a alta integração, ao processo produtivo deman-

dam um intervalo maior de tempo para os necessários ajustes. A expressiva expansão do gênero fumo (19,3%), que neste estado se resume à produção de cigarros, está atrelada, por sua vez, ao processamento de uma safra maior de fumo em folha este ano, cuja sistemática de aquisição está, via de regra, na compra antecipada da produção. O aumento da produção de cigarros também afetou positivamente o subsetor de papel e papelão. A produção de papel para cigarros cresceu 31,4%, com contribuição de 3,6 pontos percentuais na taxa de 4,7% obtida pelo gênero. Finalmente, o crescimento da farmacêutica (7,0%) provavelmente se relaciona à regularização de estoques, tendo em vista que o nível de produção do gênero em fevereiro último foi o mais baixo desde julho de 1985, ao registrar uma queda de -19,3% com relação ao igual mês do ano anterior.

A indústria fluminense fecha o primeiro trimestre do ano com expansão de 2,1%. Este resultado, apesar de positivo, é bem inferior ao do último trimestre do ano passado (8,0%), sendo que dos quinze segmentos industriais pesquisados, apenas cinco revelaram elevação da taxa trimestral: extrativa mineral, material elétrico, química, perfumaria e fumo. Já os gêneros que neste indicador mais se destacaram na redução dos níveis de desempenho foram: material de transporte, metalúrgica e papel e papelão (Tabela J).

Ainda assim, o resultado acumulado para os últimos doze meses manteve-se ascendente — alcançando em março 5,9% de crescimento — o que se justifica basicamente pela baixa performance industrial do primeiro trimestre do ano passado, na medida em que os resultados do período estão incorporados à base de comparação.

São Paulo

A indústria paulista registrou no mês de março decréscimos no indicador mensal (-2,7%), conservando, entretanto, taxas positivas nos acumulados — no ano (4,3%) e acumulado de doze meses (5,1%) —, ainda influenciados pela crescente produção verificada no período que antecede ao Plano Collor, e, conseqüentemente, menos afetados pelas medidas recentes.

Na comparação com igual mês do ano anterior, as maiores quedas ocorrem em setores que têm como especificidade comum a capacidade de ajustar mais rapidamente sua produção às mudanças verificadas na política econômica global — vestuário, calçados e artefatos de tecido (-24,6%) e produtos de matérias plásticas (-22,0%).

Por outro lado, destacam-se com influência positiva na taxa obtida para indústria geral, ramos que trabalham com produção sob encomenda para exportação e/ou que têm processos produtivos contínuos, de difícil interrupção no curto prazo

J — INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL — ÍNDICES TRIMESTRAIS

(Base: igual período do ano anterior = 100)

Rio de Janeiro

CLASSES E GÊNEROS	1989				1990
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre
Indústria geral	95,4	105,8	107,5	108,0	102,1
Extrativa mineral	87,4	107,6	115,7	120,9	123,9
Indústrias de transformação	96,3	105,7	106,8	106,8	99,9
Minerais não-metálicos	93,8	108,8	124,9	112,2	108,3
Metalúrgica	91,8	93,3	98,0	113,8	99,5
Material elétrico e de comunicações	126,7	114,6	106,7	99,8	101,4
Material de transporte	114,6	90,0	105,8	108,3	81,5
Papel e papelão	91,4	97,3	108,2	120,9	106,9
Química	90,1	105,7	104,9	99,1	103,1
Farmacêutica	89,7	114,2	114,2	115,7	104,5
Perfumaria	95,8	120,0	129,5	87,2	89,1
Matérias plásticas	112,2	133,2	126,2	112,6	99,9
Têxtil	75,4	102,2	105,0	113,4	102,3
Vestuário	92,8	106,5	94,6	88,8	80,8
Produtos alimentares	93,9	107,4	105,9	106,6	103,6
Bebidas	108,7	142,1	135,6	117,6	112,9
Fumo	85,5	119,4	100,5	109,0	104,2

— papel e papelão (44,8%) e metalúrgica (4,8%). No caso de material de transporte (3,0%) e material elétrico e de comunicações (6,9%), as variações positivas devem-se, fundamentalmente, à base de comparação deprimida, devido ao período de ajustamento ao Plano Verão. Note-se que, isolando-se o efeito positivo que estes setores exercem, em conjunto, sobre o índice da indústria (3,8 pontos percentuais), o resultado global registraria queda de -6,5% (Tabela L).

L – COMPOSIÇÃO DA TAXA DE SETORES SELECIONADOS E DA INDÚSTRIA GERAL
São Paulo

SETORES	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Metalúrgica	0,66
Material elétrico.....	0,58
Material de transporte	0,33
Papel e papelão	2,25
Demais setores.....	-6,50
Indústria geral	-2,68

No que se refere à comparação com o mês anterior, a produção industrial, praticamente, se mantém estável (0,2%), o que também não deixa de surpreender, da-

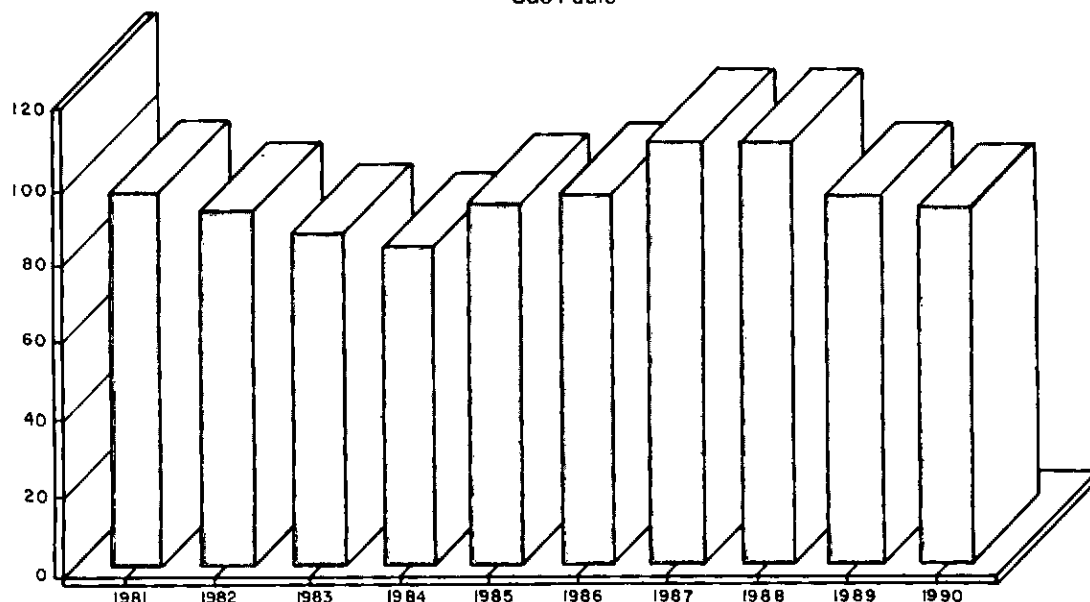
do que este mês é normalmente identificado com o início do ano industrial. Confrontando-se este resultado com os obtidos nos últimos dez anos, verifica-se que março-90/fevereiro-90 registra o segundo pior índice da década, sendo, inclusive, inferior em 9 pontos percentuais à média verificada nos anos 80 (Tabela M). Este

M – INDÚSTRIA GERAL
ÍNDICE MÊS/MÊS ANTERIOR – 1981-90
(Base: mês anterior = 100)
São Paulo

ANOS	MARÇO/FEVEREIRO
1990	100,2
1989	114,0
1988	113,5
1987	103,4
1986	101,4
1985	112,9
1984	101,7
1983	118,3
1982	117,5
1981	99,3
Média – 1981/90.....	109,1

desempenho contribuiu para que o nível de produção em março, segundo o índice base fixa, ficasse no menor patamar dos últimos seis anos (Gráfico 2).

GRÁFICO 2
NÍVEL DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL EM MARÇO ⁽¹⁾ – 1981-90
São Paulo



(1) Base: Média de 1981 = 100

Os indicadores registrados para o acumulado no trimestre (4,3%) indicam expansão para indústria geral e para a grande maioria dos gêneros pesquisados, embora os índices obtidos sejam inferiores aos apresentados em fevereiro, com exceção de material de transporte (-0,9%) que aponta uma melhora de 1,7 ponto positivo frente ao mês anterior (-2,7%). Note-se ainda que, o setor material de transporte mesmo diante da menor queda observada, influi em -0,12 ponto percentual, para o resultado final da indústria no trimestre, em grande medida pelo recuo na produção de automóveis para passageiros e bicicletas sem motor, mesmo que atenuado pelo aumento de produção de ônibus e caminhões.

O acumulado de doze meses indica taxas positivas para doze dos dezesseis gêneros pesquisados, sendo que para indústria geral o incremento alcança 5,1%. Os ramos que obtiveram os melhores resultados no período são: papel e papelão (23,4%), perfumaria, sabões e velas (21,6%) e bebidas (21,5%), principalmente pela expansão dos itens sacos de papel kraft, sabões e cremes para cabelos e refrigerantes.

Finalmente, os indicadores industriais mensais apontam decréscimos tímidos, em se considerando a brusca redução de liquidez implementada a partir da segunda quinzena de março. A data de decretação do Plano Collor, no meio do mês, bem como a manutenção de taxas positivas de crescimento em ramos exportadores e/ou de processos de produção contínuos, aliados à base de comparação deprimida em alguns gêneros, atenuaram a queda na produção do setor fabril. No entanto, um menor volume de moeda em circulação combinada com redução significativa nos ganhos financeiros, com certeza afetarão o nível de emprego e a demanda interna, numa intensidade ainda desconhecida, sendo estas variáveis determinantes em qualquer previsão referente ao desempenho da indústria para os próximos meses.

Paraná

A indústria paranaense encerra este primeiro trimestre do ano com os seguintes resultados: mensal 3,6%, acumulado e acumulado nos últimos doze meses com

7,4%. Este desempenho, ainda que inferior ao mês anterior, no caso do acumulado e mensal (com menos 2,5 e 10,1 pontos percentuais, respectivamente), não refletiu, de certa forma, os efeitos do novo plano econômico, uma vez que o indicador base fixa mensal (121,7) apresentou o segundo melhor resultado dentre os meses de março dos anos anteriores, excetuando o ano de 1988 (132,7) (Tabela N). Esta performance positiva reflete, principalmente, o impacto do crescimento dos gêneros têxtil e alimentares, fato este creditado à safra do algodão em pluma e a maior produção de café solúvel cujos efeitos estão presentes em todos os indicadores.

N - ÍNDICE DE BASE FIXA MENSAL DA
INDÚSTRIA GERAL
Março de 1981-90
(Base: média de 1981 = 100)
Paraná

PERÍODOS	ÍNDICE
1990	121,71
1989	117,48
1988	132,71
1987	120,09
1986	106,42
1985	109,41
1984	105,32
1983	101,95
1982	114,58
1981	115,27

Na comparação mensal (3,6%) a contribuição dos gêneros citados foi de 9,9 pontos percentuais na indústria geral o que vale dizer que, caso estes setores tivessem tido crescimento nulo, o resultado da indústria geral seria uma contração de -6,3%. Neste caso, a principal contribuição negativa seria da química (-18,4%) explicando mais de 90% da taxa global.

Em termos de redução nos níveis de produção em relação ao mês anterior, as maiores quedas foram detectadas em segmentos eminentemente de consumo não-duráveis, caso de perfumaria (-61,5%) e bebidas (-12,0%). Cabe ressaltar que perfumaria juntamente com produtos de matérias plásticas, química e minerais não-metálicos estão este mês em níveis de produção bem inferiores à média de 1981.

Já o indicador acumulado (7,4%), caso a têxtil e alimentares estivessem no mesmo patamar de produção do primeiro trimestre de 1989, apontaria uma queda de -1,2%, ficando minerais não-metálicos (17,0%) com a principal contribuição positiva (1,7 ponto percentual) na composição da taxa da indústria. No campo negativo, o maior impacto seria da química (-13,1%) que vem apresentando decréscimo desde janeiro/julho do ano passado (-3,8%).

Em termos de tendência, o indicador acumulado nos últimos doze meses (7,4%) está num movimento ascendente a partir de janeiro último (4,3%). Este mês com impacto total de 4,3 pontos percentuais destacam-se os gêneros têxtil (35,5%) e alimentares (7,3%).

Em suma, entende-se que os resultados na produção da indústria paranaense neste trimestre têm como mola mestra o desempenho da agroindústria, de significativa influência no parque fabril local, onde os efeitos de mudanças de políticas econômicas rebatem de uma forma diferente nos demais setores industriais nestas negociações de preços e prazos para a reposição dos estoques de matérias-primas, após a implantação de um plano de estabilização, tem grande influência na contração da atividade produtiva. A agroindústria, por sua vez, segue mais de perto a evolução das safras agrícolas, que são menos afetadas por mudanças conjunturais da política econômica.

Santa Catarina

A indústria de Santa Catarina fecha o primeiro trimestre deste ano com expansão nos indicadores mensal (6,3%), acumulado (9,6%) e dos últimos doze meses (10,1%).

O resultado deste mês, apesar de apontar crescimento deve ser relativizado, uma vez que os gêneros que mais impactaram na formação da taxa mensal — extrativa — mineral (92,0%), têxtil (13,3%) e vestuário (42,2%) — têm seus desempenhos influenciados, em boa medida, pela forte retração no nível de produção registrada em março do ano passado, motivada por greves, colocando estes setores no mais baixo patamar de atividade produtiva dos últimos cinco anos, para o mês em questão (Tabelas O e P). Vale ressaltar, também,

O — INDÚSTRIA GERAL E GÊNEROS SELECIONADOS

INDICADOR MENSAL

Março de 1990

(Base: igual mês do ano anterior = 100)

Santa Catarina

SETORES	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Extrativa mineral.....	191,96	1,39
Têxtil.....	113,30	1,81
Vestuário.....	142,17	2,41
Outros.....	100,82	0,66
Indústria geral.....	106,27	6,27

P — INDÚSTRIA GERAL E GÊNEROS SELECIONADOS

ÍNDICE BASE FIXA MENSAL

Março de 1986-90

(Base: média de 1981 = 100)

Santa Catarina

ANOS	INDÚSTRIA GERAL	EXTRATIVA MINERAL	TÊXTEL	VESTUÁRIO
1990.....	124,62	94,07	97,08	86,55
1989.....	117,27	49,00	85,68	60,88
1988.....	135,07	95,24	105,48	87,23
1987.....	134,32	80,74	104,89	96,53
1986.....	117,33	127,53	96,01	79,72

que estes segmentos, que participam com cerca de 35% da estrutura industrial do estado, ainda se situam em níveis de produção inferiores à média de 1981.

Ainda na comparação mensal outro fator que chama atenção é o sensível decréscimo da taxa de março em relação à de fevereiro (-5,0 pontos percentuais). Neste movimento de queda (Tabela Q) sobressai a forte influência exercida pelo setor mecânico (-21,6%), com sua pior marca

Q — INDÚSTRIA GERAL E GÊNEROS SELECIONADOS

INDICADOR MENSAL — 1990

(Base: igual mês do ano anterior = 100)

Santa Catarina

SETORES	FEVEREIRO		MARÇO	
	Índice	Composição da taxa	Índice	Composição da taxa
Mecânica.....	111,28	1,64	78,39	-2,97
Matérias plásticas.....	161,51	2,84	123,87	1,34
Produtos alimentares.....	119,37	2,84	108,15	1,29
Outros.....	105,98	3,95	110,20	6,61
Indústria geral.....	111,27	111,27	106,27	6,27

desde novembro de 1988, que declina 32,9 pontos percentuais entre os dois últimos meses. O maior impacto nesse resultado foi dado por refrigeradores domésticos (-58,0%) cuja queda na produção é justificada por concessão de férias coletivas por parte de importante empresa do ramo. Foram fatores importantes, também, os decréscimos em matérias plásticas (que passa de 61,5% em fevereiro para 23,9% em março) e produtos alimentares (de 19,4% para 8,2%).

No indicador acumulado janeiro/março (9,6%) destacam-se mais uma vez os setores alimentares (17,1%) e matérias plásticas (45,3%), onde os itens açúcar refinado e mangueiras, canos, tubos e conexões de material plástico, respectivamente, foram os que mais contribuíram para este resultado. Por outro lado, figuram com desempenho negativo minerais não-metálicos (-4,7%) em face, principalmente, da retração em azulejo decorado e química (-0,3%) devido ao declínio de ácido fosfórico.

Com o resultado deste mês a taxa anualizada se eleva em 1,8 ponto percentual perante a de fevereiro. Vale destacar o comportamento do setor têxtil (1,5%), que registra a primeira taxa positiva desde novembro de 1987.

Por fim note-se que, em termos de efeitos advindos do Plano Collor, a atividade industrial catarinense se situa em março apenas 3,7% superior à fevereiro no índice base fixa. Este resultado é bem inferior ao comportamento médio desta comparação, nos anos 80, demonstrando que o incremento ocorrido este ano na verdade representa uma queda, quando descontada a componente sazonal. Como se nota na Tabela R, o nível de produção de março é sempre superior ao de fevereiro — a única exceção foi 1986, devido ao impacto do Plano Cruzado — e este aumento é, em média de 8,7%.

Rio Grande do Sul

Conhecidos os primeiros resultados do desempenho industrial gaúcho após o anúncio das medidas econômicas adotadas pelo governo Collor, verifica-se que o parque fabril chega ao mês de março com uma queda de -8,5% frente a igual mês do ano

R — ÍNDICE MÊS/MÊS ANTERIOR
(Base: mês imediatamente anterior = 100)
Março/Fevereiro de 1981-90
Santa Catarina

ANOS	ÍNDICE
1990.....	103,70
1989.....	108,58
1988.....	106,79
1987.....	104,78
1986.....	97,09
1985.....	108,98
1984.....	114,87
1983.....	117,72
1982.....	114,31
1981.....	105,19
Média - 1981/89..	108,70

anterior. Situando-se 17 pontos percentuais abaixo da média nacional (-1,5%), o Rio Grande do Sul obteve o pior desempenho entre os locais pesquisados.

Essa má performance transparece também no confronto de março/fevereiro (índice de base fixa) onde tradicionalmente ocorrem variações positivas, que registra em 1990 o mais baixo crescimento da década, só igualado ao resultado obtido em 1986, período em que a economia se ajustava ao Plano Cruzado (Tabela S).

S — ÍNDICE MÊS/MÊS ANTERIOR
(Base: mês imediatamente anterior = 100)
Março/Fevereiro de 1981-90
Rio Grande do Sul

ANOS	ÍNDICE
1990.....	107,94
1989.....	127,34
1988.....	120,70
1987.....	110,46
1986.....	107,76
1985.....	114,93
1984.....	114,97
1983.....	137,99
1982.....	121,95
1981.....	109,73
Média - 1981/89..	118,43

Março configura-se num mês de queda generalizada da produção segundo o indicador mensal. Dos quatorze gêneros pesquisados cinco apresentaram expansão: material de transporte (58,8%), fumo (33,1%), material elétrico (22,4%), borracha (14,3%) e bebidas (13,1%).

Destacam-se os dois primeiros, sendo o expressivo incremento de fumo explicado pela boa safra deste ano e o resultado de material de transporte, influenciado principalmente por lonas para freio e caminhões, deveu-se à base de comparação deprimida, pois o nível de produção de março de 1989 foi o mais baixo da série (iniciada em 1981) para o mês em questão.

A queda do índice mensal foi determinada, essencialmente, pelos gêneros mecânica (-36,5%) e química (-29,4%). Os grandes responsáveis por este resultado global negativo são colhedeiças agrícolas e fertilizantes que juntos respondem por mais da metade da contração da indústria (Tabela T). Estes gêneros vêm apresentan-

T – COMPOSIÇÃO DA TAXA DO INDICADOR MENSAL

Março de 1990
Rio Grande do Sul

SETORES	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Colhedeiças.....	36,10	- 3,68
Fertilizantes.....	38,82	- 2,29
Demais setores.....	97,17	- 2,56
Indústria geral.....	91,47	8,53

do taxas negativas nos últimos meses. Uma possível explicação para o agravamento deste quadro, encontra-se na falta de cruzeiros, após o dia 15 de março nas mãos dos produtores agrícolas mais capitalizados que formam o segmento demandante desses produtos, aliada à continuidade da indefinição quanto ao montante de recursos governamentais disponíveis para o financiamento da safra, principalmente para o plantio do trigo que é o maior responsável pelo consumo de adubos e fertilizantes no 1º semestre. Essa retração contribuiu para que o nível de produção desses dois segmentos ficasse na marca mais baixa de toda sua série para o mês de março. Movimento similar ocorre com vestuário, puxado pelo declínio de calçados – produto que também se encontra em patamar de produção muito deprimido (Tabela U).

Nas comparações acumulada (-0,2%) e acumulada de doze meses (3,5%),

U – NÍVEL DE PRODUÇÃO DE SETORES SELECIONADOS

ÍNDICE BASE FIXA

(Base: média de 1981 = 100)

Março de 1981-90

Rio Grande do Sul

ANOS	PRODUTOS		
	Colhedeiças agrícolas	Fertilizantes compostos NPK	Sapatos (1) de couro para senhoras
1990.....	87,29	33,46	107,75
1989.....	241,80	86,21	135,10
1988.....	256,85	82,98	143,29
1987.....	240,80	54,95	127,38
1986.....	230,26	71,21	128,07
1985.....	255,85	127,27	102,20
1984.....	237,29	119,07	91,76
1983.....	104,85	95,88	103,34
1982.....	144,48	143,15	80,44
1981.....	180,60	118,26	84,69

(1) Sapatos, sandálias e botes de couro para senhoras.

novamente encontra-se colhedeiças agrícolas e fertilizantes compostos NPK como os principais produtos responsáveis pelos resultados obtidos na mecânica e química, respectivamente. Na análise dos três últimos trimestres, verifica-se que estes dois setores e também vestuário apresentam, sistematicamente, taxas inferiores às da média da indústria (Tabela V).

Em suma, deve-se considerar que os resultados apresentados pela indústria gaúcha em março refletem, no momento, apenas parcialmente, os efeitos do Plano Collor, já que a agroindústria, responsável pelos índices negativos do indicador mensal e acumulado, vem apresentando um mal desempenho nos últimos meses.

V – EVOLUÇÃO DE GÊNEROS

SELECIONADOS DA INDÚSTRIA – 1989-90

(Base: igual trimestre do ano anterior = 100)

Rio Grande do Sul

GÊNEROS	1989		1990
	3º Trimestre	4º Trimestre	1º Trimestre
Mecânica.....	96,46	100,94	76,45
Química.....	78,27	100,03	85,71
Vestuário.....	100,12	100,57	88,20
Indústria geral.....	101,59	106,94	99,77

ANEXO
DESEMPENHO INDUSTRIAL REGIONAL – 1990
COMPOSIÇÃO DO CRESCIMENTO DO INDICADOR ACUMULADO EM JANEIRO/MARÇO,
SEGUNDO OS GÊNEROS INDUSTRIAIS

GÊNEROS	PERNAMBUCO		BAHIA		MINAS GERAIS		RIO DE JANEIRO	
	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa
Extrativa mineral	-	-	96,5	-0,45	102,8	0,19	123,9	2,13
Minerais não-metálicos	85,4	-1,20	108,6	0,25	99,6	-0,04	108,3	0,41
Metalúrgica	120,2	1,80	131,2	1,53	100,9	0,29	99,5	-0,11
Mecânica	-	-	-	-	-	-	-	-
Material elétrico e de comunicações ..	120,9	1,46	127,9	0,60	138,4	0,99	101,4	0,13
Material de transporte	-	-	-	-	100,7	0,07	81,5	-1,16
Papel e papelão	121,0	0,76	-	-	105,7	0,20	108,9	0,14
Borracha	-	-	119,8	0,20	-	-	-	-
Química	90,3	-2,54	90,1	-6,48	87,2	-1,46	103,1	0,54
Farmacêutica	-	-	-	-	-	-	104,5	0,22
Perfumaria, sabões e velas	69,8	-0,26	102,1	0,01	-	-	89,1	-0,20
Produtos de matérias plásticas	112,0	0,48	-	-	112,9	0,06	99,9	0,00
Têxtil	97,7	-0,22	-	-	103,6	0,26	102,3	0,08
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	-	-	-	-	85,5	-0,29	80,9	-0,73
Produtos alimentares	98,0	-0,51	104,6	0,40	92,7	-0,61	103,6	0,28
Bebidas	98,1	-0,07	98,8	-0,02	112,1	0,16	112,9	0,30
Fumo	124,9	0,53	-	-	112,2	0,26	104,2	-0,05
Indústria geral	100,2	0,23	96,0	-3,96	100,1	0,08	102,1	2,08

GÊNEROS	SÃO PAULO		PARANÁ		SANTA CATARINA		RIO GRANDE DO SUL	
	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa
Extrativa mineral	-	-	-	-	104,1	0,11	110,9	0,06
Minerais não-metálicos	107,9	0,37	117,0	1,67	95,3	-0,56	101,2	0,04
Metalúrgica	105,7	0,81	-	-	115,8	1,33	109,0	1,04
Mecânica	106,0	0,66	101,3	0,12	104,5	0,59	76,5	-4,78
Material elétrico e de comunicações ..	112,1	0,96	-	-	122,3	1,20	143,0	1,55
Material de transporte	99,1	-0,12	-	-	-	-	152,2	1,96
Papel e papelão	142,3	2,13	107,2	0,99	101,2	0,07	106,3	0,20
Borracha	105,4	0,13	-	-	-	-	112,8	0,19
Química	94,0	-1,00	86,9	-3,73	99,7	-0,01	85,7	-1,32
Farmacêutica	104,0	0,09	-	-	-	-	-	-
Perfumaria, sabões e velas	114,8	0,25	80,8	-0,07	-	-	99,2	0,00
Produtos de matérias plásticas	96,8	-0,12	72,5	-0,59	145,3	2,37	-	-
Têxtil	90,9	-0,66	168,3	4,20	107,6	1,11	-	-
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	80,9	-0,57	-	-	108,6	0,63	88,2	-1,52
Produtos alimentares	119,6	1,19	116,8	4,44	117,1	2,66	99,4	-0,11
Bebidas	118,3	0,19	111,0	0,22	100,5	0,00	115,5	0,64
Fumo	108,9	0,02	111,4	0,19	102,7	0,14	124,0	1,83
Indústria geral	104,3	4,33	107,4	7,44	109,6	9,64	99,8	-0,22

1 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1990

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Janeiro	Fevereiro	Março
Indústria geral.....	111,71	106,88	109,35	105,76	110,32	98,47
Extrativa mineral.....	204,60	187,29	203,28	104,96	109,68	110,25
Indústrias de transformação.....	108,90	104,45	106,61	105,80	110,35	97,87
Minerais não-metálicos.....	97,03	93,49	91,78	108,65	113,37	96,88
Metalúrgica.....	129,72	120,85	123,72	107,52	110,28	103,62
Metalúrgica básica.....	130,09	119,54	125,60	101,89	102,60	101,40
Outros produtos metalúrgicos.....	129,11	122,93	120,72	118,04	124,79	107,53
Mecânica.....	89,39	98,37	92,17	102,71	113,11	92,83
Material elétrico e de comunicações.....	123,13	136,67	141,57	120,07	131,82	108,55
Material de transporte.....	110,78	98,95	100,63	98,50	98,02	100,17
Autoveículos.....	126,14	113,30	113,12	99,12	100,48	106,20
Outros produtos de transporte.....	80,48	70,64	75,98	96,61	90,95	85,85
Papel e papelão.....	164,32	158,30	169,35	118,69	127,98	117,83
Borracha.....	133,69	133,86	121,65	109,08	120,63	95,64
Química.....	94,61	90,66	99,40	92,99	101,44	90,34
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra.....	103,23	110,14	115,10	82,37	100,43	92,52
Outros produtos químicos.....	88,94	77,87	89,08	103,14	102,39	88,58
Farmacêutica.....	95,53	89,24	100,16	107,36	102,97	96,20
Perfumaria, sabões e velas.....	154,49	136,70	142,90	115,25	123,41	98,44
Produtos de matérias plásticas.....	119,63	116,73	105,59	109,86	112,19	84,93
Têxtil.....	100,25	94,60	98,93	100,31	100,48	93,02
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	69,77	63,25	70,93	88,14	95,43	85,57
Produtos alimentares.....	117,13	95,85	88,94	122,59	114,24	97,14
Bebidas.....	155,24	136,78	127,27	121,49	121,65	97,36
Fumo.....	100,84	170,05	235,78	97,80	113,73	124,55

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
Indústria geral.....	105,76	107,94	104,58	103,60	105,07	105,78
Extrativa mineral.....	104,96	107,16	108,20	104,33	105,65	107,12
Indústrias de transformação.....	105,80	107,98	104,39	103,57	105,05	105,72
Minerais não-metálicos.....	108,65	109,84	105,27	104,98	106,84	107,69
Metalúrgica.....	107,52	108,83	107,05	106,05	107,30	108,88
Metalúrgica básica.....	101,89	102,23	101,95	101,22	101,89	102,99
Outros produtos metalúrgicos.....	118,04	121,24	116,43	114,91	117,22	119,11
Mecânica.....	102,71	107,91	102,43	105,06	107,84	109,21
Material elétrico e de comunicações.....	120,07	125,98	119,23	107,04	109,63	110,99
Material de transporte.....	98,50	98,27	98,88	96,34	96,75	98,71
Autoveículos.....	99,12	99,76	101,74	94,28	95,02	97,75
Outros produtos de transporte.....	96,61	93,88	91,03	102,12	101,59	101,32
Papel e papelão.....	118,69	123,07	121,21	109,42	111,94	113,30
Borracha.....	109,08	114,57	107,89	98,40	101,08	101,63
Química.....	92,99	96,94	94,53	99,40	100,11	99,58
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra.....	82,37	90,79	91,39	98,42	98,95	98,29
Outros produtos químicos.....	103,14	102,79	97,35	99,98	100,79	100,35
Farmacêutica.....	107,36	105,19	101,85	106,37	108,77	110,82
Perfumaria, sabões e velas.....	115,25	118,94	111,31	114,12	117,81	119,39
Produtos de matérias plásticas.....	109,86	111,00	101,39	113,23	115,04	113,85
Têxtil.....	100,31	100,39	97,78	100,89	101,56	101,62
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	88,14	91,47	89,33	101,11	101,85	101,55
Produtos alimentares.....	122,59	118,69	111,41	103,41	104,71	104,49
Bebidas.....	121,49	121,57	113,04	117,00	118,85	118,25
Fumo.....	97,80	107,23	114,65	105,33	108,22	114,32

2 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, COM AJUSTAMENTO SAZONAL,
SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989-90
Base fixa mensal

CLASSES E GÊNEROS	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO
Indústria geral.....	126,10	125,54	123,88	123,82	121,25	122,85	115,70
Extrativa mineral.....	199,97	198,45	197,94	198,22	199,14	201,33	203,04
Indústria de transformação.....	123,86	123,34	121,65	121,57	118,89	120,47	113,06
Minerais não-metálicos.....	108,05	105,75	104,43	98,40	99,50	103,17	96,60
Metalúrgica.....	138,11	136,05	137,40	133,26	131,09	133,13	124,06
Metalúrgica básica.....	136,61	135,58	137,65	133,68	130,01	129,92	124,61
Outros produtos metalúrgicos.....	140,48	136,83	137,00	132,58	132,80	138,26	123,16
Mecânica.....	121,96	115,81	112,83	114,36	105,50	106,42	98,35
Material elétrico e de comunicação.....	142,34	137,65	135,20	144,47	145,65	160,57	143,45
Material de transporte.....	120,32	112,85	110,85	124,08	112,44	108,23	104,83
Autoveículos.....	131,59	122,45	120,52	139,97	125,48	121,79	117,09
Outros produtos de transporte.....	98,05	93,90	91,75	92,72	86,70	81,44	80,61
Papel e papelão.....	156,17	159,01	161,45	164,30	165,93	169,54	168,72
Borracha.....	140,74	140,78	138,25	118,67	143,94	137,86	125,44
Química.....	121,87	131,11	125,52	125,93	117,41	121,39	117,93
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra.....	119,28	123,81	114,91	113,48	101,14	116,41	113,15
Outros produtos químicos.....	123,56	135,90	132,48	134,11	128,09	124,66	121,07
Farmacêutica.....	121,69	123,53	122,38	123,31	113,81	105,42	108,76
Perfumaria, sabões e velas.....	178,44	170,60	158,27	167,44	161,46	156,54	147,17
Produtos de matérias plásticas.....	141,66	138,71	130,73	128,78	130,98	124,62	109,08
Têxtil.....	111,06	108,94	108,12	103,55	104,91	104,71	100,34
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	92,07	88,15	87,15	82,25	78,31	77,65	76,41
Produtos alimentares.....	112,40	115,63	118,36	114,30	120,78	119,47	106,40
Bebidas.....	145,62	149,01	145,86	144,71	148,01	150,57	130,07
Fumo.....	129,19	130,38	129,79	132,58	127,55	139,55	141,80

3 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CATEGORIAS DE USO – 1990

CATEGORIAS DE USO	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Janeiro	Fevereiro	Março
Bens de capital.....	96,15	94,98	90,88	104,78	108,95	101,75
Bens intermediários.....	120,34	117,11	124,10	104,12	110,45	102,81
Bens de consumo.....	109,26	99,32	100,15	106,38	107,85	91,47
Duráveis.....	121,24	120,75	114,27	103,51	114,26	86,93
Não-duráveis.....	106,75	94,84	97,19	107,09	106,27	92,66

CATEGORIAS DE USO	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
Bens de capital.....	104,78	106,81	105,13	100,68	102,28	104,66
Bens intermediários.....	104,12	107,15	105,62	103,11	104,52	105,37
Bens de consumo.....	106,38	107,08	101,46	104,24	105,47	105,40
Duráveis.....	103,51	108,61	100,56	101,64	102,96	102,57
Não-duráveis.....	107,09	106,70	101,69	104,88	108,09	106,10

4 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS – 1990

(continua)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Janeiro	Fevereiro	Março
Extração de minerais metálicos	133,88	127,79	132,12	99,73	103,78	100,62
Extração de petróleo e gás natural	281,52	264,43	292,90	107,02	112,83	114,32
Extração de carvão mineral	73,49	69,04	73,30	90,32	98,68	93,15
Cimento	85,52	82,25	77,22	104,70	116,30	89,22
Vidro e artefatos de vidro	125,23	119,07	110,49	119,68	127,10	117,61
Artefatos de cimento e concreto	89,70	94,66	88,65	106,35	127,04	107,01
Tijolos e artefatos de barro	106,47	102,87	112,54	100,60	100,73	91,65
Gusa	178,93	158,24	174,54	92,92	87,90	90,62
Aço, ferroliga – em forma primária	166,63	143,15	155,04	94,30	84,82	86,23
Laminados de aço	126,75	116,16	125,94	99,34	103,35	104,20
Fundidos e forjados de aço	113,57	105,89	113,91	107,29	102,40	108,84
Trefilados	119,18	117,96	112,24	125,93	146,44	120,93
Motores e bombas	130,09	147,06	122,81	164,06	173,33	113,40
Máquinas agrícolas	88,12	98,72	80,28	80,41	92,56	83,51
Tratores e máquinas rodoviárias	52,62	65,34	62,46	78,68	119,89	100,77
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar	119,38	126,57	111,61	128,86	106,65	74,52
Equipamentos para energia elétrica	106,30	101,65	102,75	107,87	99,08	84,76
Condutores elétricos	88,06	152,89	174,01	94,58	181,00	186,86
Material elétrico – exclusivo para veículos	125,50	134,61	135,13	121,07	133,19	115,85
Material elétrico para veículos	122,65	112,90	111,61	106,46	109,92	84,46
Motores e aparelhos elétricos	120,78	138,26	132,90	109,65	143,92	113,37
Receptores de televisão, rádio e som	139,28	146,11	143,97	127,40	128,42	89,62
Automóveis e camionetas	129,91	115,70	117,99	92,41	94,61	91,53
Caminhões e ônibus	110,95	102,57	92,76	105,09	111,00	142,34
Motores e autopeças	137,00	123,66	129,82	102,10	100,75	98,96
Indústria naval	53,46	44,01	42,29	97,59	84,48	66,78
Celulose e pasta mecânica	154,67	136,59	145,03	107,40	104,10	96,05
Papel e papelão	173,39	156,69	166,42	106,10	109,68	102,04
Artefatos de papel e papelão	168,88	180,88	196,62	141,84	168,35	152,15
Pneumáticos	137,08	132,47	123,46	112,65	119,19	100,36
Refino de petróleo	94,54	106,15	112,40	78,33	102,22	95,12
Petroquímica	158,31	134,40	128,99	102,68	92,37	78,80
Resinas, fibras e elastômeros	157,01	136,14	128,40	108,34	99,42	88,29
Pigmentos e tintas	129,19	117,82	129,75	116,67	145,49	98,07
Adubos e fertilizantes	48,38	38,24	47,31	89,93	70,69	52,84
Laminados plásticos	138,98	138,74	122,53	112,38	111,67	86,42
Fiação e tecelagem têxteis naturais	104,34	95,40	99,96	104,06	100,44	92,62
Fiação e tecelagem têxteis artificiais	99,03	96,00	99,41	98,17	102,35	91,69
Calçados	87,77	69,15	75,62	82,15	91,71	70,93
Moagem de trigo	108,02	93,49	99,23	111,85	102,11	87,09
Abate e preparo de carne	84,28	73,54	80,04	98,08	82,31	85,41
Abate e preparo de aves	154,63	132,37	167,02	113,24	110,99	118,04
Laticínios	128,92	109,46	117,20	99,28	94,75	94,74
Usinas de açúcar	85,90	54,63	44,90	97,85	117,91	204,42
Refino de açúcar	95,14	96,95	82,79	108,07	130,73	94,57
Refino de óleos e gorduras para alimentos	117,43	97,46	88,76	125,68	120,18	88,16
Preparo de alimentos para animais	109,96	88,70	97,66	117,57	103,86	96,37
Cerveja, chopa e malte	179,03	154,47	135,77	120,03	119,65	92,74
Refrigerantes	187,65	159,63	142,17	123,25	116,74	90,05

4 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS - 1990

Iconclusão

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
Extração de minerais metálicos	99,73	101,67	101,31	101,41	101,27	101,65
Extração de petróleo e gás natural	107,02	109,76	111,31	107,58	109,31	111,18
Extração de carvão mineral	90,32	94,18	93,83	81,25	83,76	85,89
Cimento	104,70	110,08	102,53	103,66	105,49	105,25
Vidro e artefatos de vidro	119,68	123,19	121,39	110,49	113,11	116,05
Artefatos de cimento e concreto	106,35	116,05	112,95	102,72	106,68	110,67
Tijolos e artefatos de barro	100,80	100,66	97,31	107,27	107,83	106,84
Gusa	92,92	90,49	90,54	102,09	100,57	99,48
Aço, ferroliga - em forma primária	94,30	89,67	88,49	97,09	95,32	94,34
Laminados de aço	99,34	101,22	102,21	102,01	102,85	104,01
Fundidos e forjados de aço	107,29	104,87	106,19	95,35	96,31	99,09
Trefilados	125,93	135,36	130,37	111,10	115,99	119,65
Motores e bombas	164,06	168,85	146,81	119,66	126,65	130,07
Máquinas agrícolas	80,41	86,40	77,96	119,12	120,78	117,75
Tratores e máquinas rodoviárias	78,68	97,19	98,40	90,20	95,72	100,01
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar	128,86	116,39	99,02	112,58	113,96	112,29
Equipamentos para energia elétrica	107,87	103,39	96,38	98,34	98,37	97,71
Condutores elétricos	94,58	135,69	153,29	106,11	113,67	122,49
Material elétrico - exclusive para veículos	121,07	127,05	122,99	111,08	114,73	118,09
Material elétrico para veículos	106,46	108,09	99,17	108,67	110,72	109,48
Motores e aparelhos elétricos	109,85	125,62	121,18	100,67	105,32	107,55
Receptores de televisão, rádio e som	127,40	127,92	111,89	107,25	108,01	106,70
Automóveis e camionetas	92,41	93,44	92,81	94,09	94,29	94,73
Caminhões e ônibus	105,09	107,85	116,39	91,47	93,28	100,20
Motores e autopeças	102,10	101,46	100,61	99,18	99,69	100,63
Indústria naval	97,59	91,20	82,11	101,88	100,36	97,18
Celulose e pasta mecânica	107,40	105,82	102,36	101,91	102,60	101,62
Papel e papelão	106,10	107,77	105,78	102,51	103,81	104,13
Artefatos de papel e papelão	141,84	154,42	153,60	123,19	128,31	132,29
Pneumáticos	112,65	115,77	110,44	97,75	100,05	100,78
Refino de petróleo	78,33	89,37	91,35	97,65	98,42	98,05
Petroquímica	102,68	97,67	91,00	102,50	101,90	99,67
Resinas, fibras e elastômeros	108,34	104,01	98,66	102,99	103,25	102,42
Pigmentos e tintas	116,67	128,84	116,28	115,34	120,30	119,98
Adubos e fertilizantes	89,93	80,29	67,84	80,93	81,53	79,95
Laminados plásticos	112,38	112,02	102,71	115,85	116,38	114,52
Fiação e tecelagem têxteis naturais	104,06	102,30	98,85	102,50	103,20	102,88
Fiação e tecelagem têxteis artificiais	98,17	100,18	97,14	99,24	100,01	99,94
Calçados	82,15	86,10	80,50	99,79	100,02	97,69
Moagem de trigo	111,85	107,11	99,56	106,80	107,72	107,14
Abate e preparo de carne	98,08	90,04	88,43	91,89	91,24	91,08
Abate e preparo de aves	113,24	112,19	114,28	106,61	107,58	108,84
Laticínios	99,28	97,15	96,34	101,06	101,13	100,87
Usinas de açúcar	97,85	106,02	121,96	87,29	87,05	87,57
Refino de açúcar	108,07	118,43	110,07	89,29	93,61	95,97
Refino de óleos e gorduras para alimentos	125,68	123,13	110,33	112,11	114,33	114,19
Preparo de alimentos para animais	117,57	111,03	105,73	104,78	105,33	104,78
Cerveja, chope e malte	120,03	119,85	110,50	115,83	117,78	116,64
Refrigerantes	123,25	120,17	109,53	121,15	122,69	120,17

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1990

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Janeiro	Fevereiro	Março
PERNAMBUCO						
Indústria geral	117,39	110,16	96,38	90,92	109,32	103,32
Indústrias de transformação	117,39	110,16	96,38	90,92	109,32	103,32
Minerais não-metálicos	72,65	66,95	59,45	90,44	90,80	75,26
Metalúrgica	135,65	135,82	134,36	109,21	134,19	119,68
Material elétrico e de comunicações	92,60	130,35	169,12	70,27	147,47	162,56
Papel e papelão	123,03	103,15	92,33	126,19	148,43	95,84
Química	198,30	191,28	135,01	81,54	95,28	98,72
Perfumaria, sabões e velas	80,62	68,49	58,90	98,48	76,62	46,48
Produtos de matérias plásticas	99,48	71,61	75,46	140,61	99,73	97,27
Têxtil	81,21	72,42	77,19	95,65	96,09	101,46
Produtos alimentares	113,43	102,91	75,10	84,93	116,94	99,18
Bebidas	125,32	91,10	84,56	109,77	100,14	83,03
Fumo	121,40	118,51	139,75	111,10	128,71	136,18
CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
PERNAMBUCO						
Indústria geral	90,92	98,98	100,23	99,92	101,31	102,52
Indústrias de transformação	90,92	98,98	100,23	99,92	101,31	102,52
Minerais não-metálicos	90,44	90,61	85,41	84,14	84,81	85,46
Metalúrgica	109,21	120,43	120,18	110,52	112,85	114,81
Material elétrico e de comunicações	70,27	101,27	120,94	131,26	136,38	145,57
Papel e papelão	126,19	135,45	120,96	115,47	121,41	122,36
Química	81,54	87,75	90,34	99,43	98,22	99,13
Perfumaria, sabões e velas	98,48	87,07	69,81	106,54	106,45	99,38
Produtos de matérias plásticas	140,61	120,02	112,00	103,23	106,20	109,31
Têxtil	95,65	95,86	97,66	92,43	92,48	93,96
Produtos alimentares	84,93	97,64	98,03	91,12	93,37	92,71
Bebidas	109,77	105,50	98,05	113,02	114,48	111,51
Fumo	111,10	119,15	124,90	101,43	105,56	111,39

**5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA — 1990**

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Janeiro	Fevereiro	Março
BAHIA						
Indústria geral.....	120,35	109,94	114,15	96,52	97,24	94,44
Extrativa mineral.....	100,45	95,93	108,39	92,53	97,66	99,35
Indústrias de transformação.....	123,71	112,31	115,12	97,09	97,18	93,70
Minerais não-metálicos.....	75,58	56,79	69,13	115,79	99,54	109,39
Metalúrgica.....	125,74	107,91	111,00	132,72	154,77	113,04
Material elétrico e de comunicações.....	178,78	169,01	142,39	131,78	127,35	123,86
Borracha.....	201,19	218,79	214,82	110,19	134,50	116,29
Química.....	122,60	116,25	120,55	90,63	90,63	89,11
Perfumaria, sabões e velas.....	128,31	100,23	72,29	115,00	157,65	60,47
Produtos alimentares.....	133,77	99,74	98,14	104,24	102,76	107,20
Bebidas.....	170,61	154,37	142,10	101,20	109,87	86,68

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
BAHIA						
Indústria geral.....	96,52	96,86	96,04	104,05	103,96	103,70
Extrativa mineral.....	92,53	94,96	96,48	98,74	99,30	99,81
Indústrias de transformação.....	97,09	97,13	95,98	104,87	104,68	104,29
Minerais não-metálicos.....	115,79	108,21	108,61	97,86	99,95	103,39
Metalúrgica.....	132,72	142,07	131,22	114,27	119,88	124,39
Material elétrico e de comunicações.....	131,78	129,59	127,87	102,78	106,29	111,53
Borracha.....	110,19	121,65	119,78	107,08	110,54	110,88
Química.....	90,63	90,63	90,11	104,47	103,16	101,76
Perfumaria, sabões e velas.....	115,00	130,48	102,08	103,86	113,14	113,43
Produtos alimentares.....	104,24	103,60	104,64	103,74	104,40	105,45
Bebidas.....	101,20	105,14	98,75	113,01	114,73	112,64

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1990

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Janeiro	Fevereiro	Março
REGIÃO NORDESTE						
Indústria geral.....	124,94	112,09	111,52	96,46	103,14	100,72
Extrativa mineral.....	155,58	138,74	152,98	93,37	100,00	103,01
Indústrias de transformação.....	120,70	108,40	105,78	97,03	103,71	100,28
Minerais não-metálicos.....	94,17	81,84	79,41	109,29	108,18	94,96
Metalúrgica.....	143,51	133,87	134,93	109,64	128,10	105,33
Material elétrico e de comunicações.....	115,15	137,35	150,80	90,19	143,63	161,56
Papel e papelão.....	123,29	113,35	107,75	115,43	128,55	100,58
Borracha.....	137,96	139,05	132,82	104,66	120,36	100,23
Química.....	133,93	122,40	122,11	90,74	96,23	96,54
Perfumaria, sabões e velas.....	93,58	80,16	62,17	96,21	105,44	53,69
Produtos de matérias plásticas.....	105,50	84,26	81,59	129,50	109,68	104,40
Têxtil.....	92,53	81,08	84,26	88,24	87,84	92,80
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	106,60	99,29	100,78	113,93	100,70	88,12
Produtos alimentares.....	129,09	109,51	94,83	96,42	109,23	112,33
Bebidas.....	135,03	106,40	98,00	104,77	102,25	82,96
Fumo.....	111,41	106,76	127,15	111,37	133,49	134,71

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
REGIÃO NORDESTE						
Indústria geral.....	96,46	99,50	99,89	103,07	103,38	103,40
Extrativa mineral.....	93,37	96,38	98,55	102,95	102,98	103,17
Indústrias de transformação.....	97,03	100,08	100,14	103,09	103,45	103,45
Minerais não-metálicos.....	109,29	108,77	104,06	97,35	98,99	100,15
Metalúrgica.....	109,64	117,83	113,43	115,61	118,54	119,79
Material elétrico e de comunicações.....	90,19	113,08	127,37	115,12	120,73	130,63
Papel e papelão.....	115,43	121,36	113,99	105,77	109,37	110,02
Borracha.....	104,66	111,99	107,89	102,97	105,53	105,50
Química.....	90,74	93,28	94,31	103,66	102,84	101,72
Perfumaria, sabões e velas.....	96,21	100,26	81,60	98,06	102,72	100,64
Produtos de matérias plásticas.....	129,50	119,88	114,77	105,38	108,35	111,97
Têxtil.....	88,24	88,05	89,55	92,63	90,75	90,14
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	113,93	107,14	100,04	107,88	108,07	107,87
Produtos alimentares.....	96,42	101,90	104,66	101,23	101,87	101,77
Bebidas.....	104,77	103,64	96,68	112,79	114,06	111,25
Fumo.....	111,37	121,20	125,84	100,28	105,22	111,07

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1990

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Janeiro	Fevereiro	Março
MINAS GERAIS						
Indústria geral.....	117,04	115,57	118,18	97,80	109,28	94,47
Extrativa mineral.....	111,78	111,17	126,45	97,05	101,89	108,61
Indústrias de transformação.....	117,47	115,93	117,49	97,86	109,92	93,38
Minerais não-metálicos.....	96,03	91,44	93,23	101,55	108,70	90,48
Metalúrgica.....	136,45	125,06	128,52	100,34	104,40	98,19
Material elétrico e de comunicações.....	99,94	155,54	167,30	78,91	206,08	161,99
Material de transporte.....	127,11	175,26	188,00	85,59	127,59	92,74
Papel e papelão.....	171,38	159,28	168,66	100,75	127,13	95,33
Química.....	122,63	121,71	114,91	88,95	105,85	72,28
Produtos de matérias plásticas.....	91,90	112,80	90,18	157,97	113,49	87,10
Têxtil.....	123,29	112,67	113,34	111,04	104,94	95,46
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	62,53	67,89	58,22	92,07	101,42	67,84
Produtos alimentares.....	76,58	68,26	74,81	95,59	92,58	90,03
Bebidas.....	177,53	153,40	127,02	119,66	122,06	94,49
Fumo.....	162,66	142,84	178,55	111,41	112,89	112,29

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março

MINAS GERAIS						
Indústria geral.....	97,80	103,19	100,08	100,57	101,85	101,62
Extrativa mineral.....	97,05	99,40	102,55	98,84	98,45	99,74
Indústrias de transformação.....	97,86	103,50	99,88	100,70	102,11	101,77
Minerais não-metálicos.....	101,55	104,91	99,63	99,75	101,11	100,98
Metalúrgica.....	100,34	102,24	100,87	99,07	100,04	100,68
Material elétrico e de comunicações.....	78,91	126,40	138,43	96,34	103,32	110,68
Material de transporte.....	85,59	105,77	100,72	100,67	103,80	102,53
Papel e papelão.....	100,75	111,94	105,72	95,53	98,84	97,35
Química.....	88,95	96,63	87,23	106,09	106,87	103,06
Produtos de matérias plásticas.....	157,97	129,92	112,94	108,93	112,27	112,46
Têxtil.....	111,04	108,04	103,61	106,88	107,46	106,53
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	92,07	96,71	85,48	113,87	113,39	110,01
Produtos alimentares.....	95,59	94,15	92,70	94,54	94,51	94,04
Bebidas.....	119,66	120,76	112,11	108,97	111,75	111,62
Fumo.....	111,41	112,10	112,17	105,88	108,83	111,39

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1990

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Janeiro	Fevereiro	Março
RIO DE JANEIRO						
Indústria geral	113,97	101,20	109,02	104,75	103,41	98,28
Extrativa mineral	618,72	577,18	629,80	121,72	125,12	124,84
Indústrias de transformação.....	104,06	91,86	98,80	103,07	101,24	95,73
Minerais não-metálicos.....	93,11	82,36	84,42	113,47	117,66	95,96
Metalúrgica	132,95	120,53	138,58	98,15	95,17	104,95
Material elétrico e de comunicações.....	166,28	159,63	151,03	103,06	103,71	97,31
Material de transporte.....	50,40	41,17	39,52	94,80	83,38	67,82
Papel e papelão.....	83,56	78,99	78,45	103,40	113,32	104,74
Química	108,28	102,09	117,85	99,13	106,68	104,00
Farmacêutica	116,24	75,83	104,02	126,04	80,66	107,01
Perfumaria, sabões e velas	99,72	110,46	98,09	78,43	116,01	79,29
Produtos de matérias plásticas.....	144,91	142,55	137,74	113,11	106,99	83,90
Têxtil.....	71,69	59,31	58,12	116,00	115,66	80,97
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	50,67	40,20	51,73	74,90	92,49	79,35
Produtos alimentares	110,07	87,95	83,31	114,90	105,33	90,33
Bebidas.....	181,02	144,41	135,74	126,35	117,59	95,42
Fumo.....	105,12	90,65	121,81	97,56	95,53	119,26

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
RIO DE JANEIRO						
Indústria geral	104,75	104,11	102,08	104,70	105,45	105,92
Extrativa mineral	121,72	123,34	123,85	110,09	113,52	117,00
Indústrias de transformação.....	103,07	102,20	99,94	104,20	104,70	104,91
Minerais não-metálicos.....	113,47	115,40	108,27	111,42	113,10	113,67
Metalúrgica	98,15	96,71	99,47	99,30	99,26	100,77
Material elétrico e de comunicações.....	103,06	103,38	101,38	108,32	106,88	105,21
Material de transporte.....	94,80	89,30	81,52	101,78	99,54	96,57
Papel e papelão.....	103,40	107,99	106,91	104,22	105,80	108,21
Química	99,13	102,65	103,13	100,86	102,45	103,33
Farmacêutica	126,04	103,13	104,46	110,82	110,47	112,46
Perfumaria, sabões e velas	78,43	94,52	89,08	104,05	106,96	105,91
Produtos de matérias plásticas.....	113,11	109,99	99,92	121,49	120,72	118,09
Têxtil.....	116,00	115,85	102,30	101,97	105,59	105,68
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	74,90	81,78	80,88	93,31	93,69	93,15
Produtos alimentares	114,90	110,44	103,61	104,72	106,08	105,92
Bebidas.....	126,35	122,31	112,94	126,82	127,51	125,41
Fumo.....	97,56	96,61	104,20	103,13	103,76	108,05

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1990

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Janeiro	Fevereiro	Março
SÃO PAULO						
Indústria geral.....	101,88	97,89	98,09	105,77	110,75	97,32
Indústrias de transformação.....	101,88	97,89	98,09	105,77	110,75	97,32
Minerais não-metálicos.....	102,00	100,02	92,93	111,23	116,79	96,88
Metalúrgica.....	116,57	107,92	111,69	106,14	105,98	104,83
Mecânica.....	75,70	85,37	77,72	106,24	120,97	93,14
Material elétrico e de comunicações.....	94,99	94,80	105,21	115,01	115,70	106,94
Material de transporte.....	125,36	105,73	105,92	98,63	95,87	103,04
Papel e papelão.....	191,54	196,89	219,14	132,53	150,36	144,76
Borracha.....	133,01	131,81	118,06	107,44	118,41	92,04
Química.....	85,95	89,18	94,50	87,27	104,73	91,46
Farmacêutica.....	99,08	100,11	109,73	107,43	111,13	95,75
Perfumaria, sabões e velas.....	158,92	138,00	151,88	118,04	122,09	105,94
Produtos de matérias plásticas.....	116,88	115,73	99,89	104,09	112,09	77,97
Têxtil.....	91,11	84,98	87,89	94,64	95,75	83,42
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	51,63	54,47	57,30	80,82	87,74	75,42
Produtos alimentares.....	106,20	81,27	65,45	153,70	127,51	83,19
Bebidas.....	152,49	142,36	129,23	129,63	129,79	98,54
Fumo.....	56,99	65,66	75,61	85,76	123,21	121,43

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
SÃO PAULO						
Indústria geral.....	105,77	108,15	104,33	102,59	104,24	105,11
Indústrias de transformação.....	105,77	108,15	104,33	102,59	104,24	105,11
Minerais não-metálicos.....	111,23	113,92	107,94	105,32	107,65	108,63
Metalúrgica.....	106,14	106,06	105,65	104,54	105,34	106,83
Mecânica.....	106,24	113,57	106,00	103,33	107,00	108,86
Material elétrico e de comunicações.....	115,01	115,36	112,21	104,50	106,83	108,72
Material de transporte.....	98,63	97,35	99,07	94,08	94,46	97,08
Papel e papelão.....	132,53	141,01	142,34	115,95	119,89	123,35
Borracha.....	107,44	112,63	105,37	97,73	100,44	100,89
Química.....	87,27	95,37	93,96	98,21	99,17	98,97
Farmacêutica.....	107,43	109,26	104,04	104,78	108,06	110,02
Perfumaria, sabões e velas.....	118,04	119,89	114,77	118,20	119,40	121,62
Produtos de matérias plásticas.....	104,09	107,92	96,76	115,24	117,11	114,71
Têxtil.....	94,64	95,17	90,91	99,37	99,00	99,15
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	80,82	84,23	80,92	101,42	100,75	99,49
Produtos alimentares.....	153,70	141,13	119,58	105,06	106,98	105,71
Bebidas.....	129,63	129,71	118,31	120,65	122,92	121,53
Fumo.....	85,76	102,42	108,92	106,37	108,58	111,59

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1990

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Janeiro	Fevereiro	Março
PARANÁ						
Indústria geral.....	99,17	98,74	121,71	106,45	113,69	103,80
Indústrias de transformação.....	99,17	98,74	121,71	106,45	113,69	103,80
Minerais não-metálicos.....	99,84	97,36	95,54	116,33	126,00	109,66
Mecânica.....	121,92	152,54	135,34	102,73	116,79	87,18
Papel e papelão.....	177,38	145,11	162,25	116,31	104,54	100,79
Química.....	54,89	62,48	83,05	78,49	106,08	81,60
Perfumaria, sabões e velas.....	102,86	113,05	57,94	113,42	115,88	38,46
Produtos de matérias plásticas.....	78,20	76,52	62,78	78,86	72,21	66,15
Têxtil.....	64,33	105,19	294,99	109,13	183,94	184,56
Produtos alimentares.....	135,18	114,77	125,24	128,29	113,17	109,54
Bebidas.....	165,75	148,53	128,45	123,82	124,70	88,05
Fumo.....	171,33	237,09	359,36	80,82	92,16	163,46

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
PARANÁ						
Indústria geral.....	106,45	109,95	107,44	104,30	105,92	107,41
Indústrias de transformação.....	106,45	109,95	107,44	104,30	105,92	107,41
Minerais não-metálicos.....	116,33	120,91	117,00	109,64	113,11	115,50
Mecânica.....	102,73	110,10	101,30	117,88	120,07	117,59
Papel e papelão.....	116,31	110,71	107,18	108,81	109,11	108,57
Química.....	78,49	91,10	86,91	96,48	97,72	96,58
Perfumaria, sabões e velas.....	113,42	114,70	80,81	120,11	124,16	118,46
Produtos de matérias plásticas.....	78,86	75,43	72,49	94,54	91,31	88,98
Têxtil.....	109,13	145,97	168,32	103,90	112,43	135,54
Produtos alimentares.....	128,29	120,88	116,84	106,07	106,13	107,25
Bebidas.....	123,82	124,23	111,00	113,17	116,11	115,04
Fumo.....	80,82	87,04	111,42	103,65	105,14	117,05

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1990

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Janeiro	Fevereiro	Março
SANTA CATARINA						
Indústria geral.....	115,20	120,18	124,62	111,76	111,27	106,27
Extrativa mineral.....	86,52	61,10	94,07	78,54	83,72	191,96
Indústrias de transformação.....	116,27	122,40	125,77	113,10	111,96	104,95
Minerais não-metálicos.....	118,90	124,11	131,33	94,29	101,71	90,67
Metalúrgica.....	132,85	128,19	140,95	126,15	107,69	114,66
Mecânica.....	152,13	174,70	126,78	131,66	111,27	78,39
Material elétrico e de comunicações.....	176,82	285,41	325,78	131,94	120,75	118,83
Papel e papelão.....	147,21	127,74	121,62	107,22	107,26	89,69
Química.....	65,70	71,31	98,20	94,48	109,92	96,82
Produtos de matérias plásticas.....	120,37	111,67	113,17	156,25	161,51	123,87
Têxtil.....	88,17	94,13	97,08	102,38	107,03	113,30
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	73,33	76,08	86,55	86,81	105,69	142,17
Produtos alimentares.....	136,32	121,09	129,27	124,64	119,37	108,15
Bebidas.....	117,14	92,00	95,20	114,48	92,64	94,19
Fumo.....	157,53	293,77	336,49	94,32	101,45	108,28

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
SANTA CATARINA						
Indústria geral.....	111,76	111,51	109,64	106,06	108,24	110,08
Extrativa mineral.....	78,54	80,61	104,11	74,48	75,07	81,36
Indústrias de transformação.....	113,10	112,52	109,78	107,13	109,36	111,03
Minerais não-metálicos.....	94,29	97,94	95,26	108,96	109,76	108,47
Metalúrgica.....	126,15	116,36	115,78	108,96	111,05	114,43
Mecânica.....	131,66	119,92	104,45	131,25	132,91	129,86
Material elétrico e de comunicações.....	131,94	124,80	122,26	103,92	106,02	109,78
Papel e papelão.....	107,22	107,24	101,17	102,39	103,86	103,37
Química.....	94,48	101,93	99,73	86,36	89,31	89,74
Produtos de matérias plásticas.....	156,25	158,74	145,33	115,72	123,87	128,13
Têxtil.....	102,38	104,73	107,56	97,44	98,82	101,52
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	86,81	95,50	108,57	103,24	104,77	109,80
Produtos alimentares.....	124,64	122,10	117,05	102,57	106,26	109,46
Bebidas.....	114,48	103,72	100,54	111,30	109,78	108,47
Fumo.....	94,32	98,84	102,86	120,15	114,54	114,17

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1990

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Janeiro	Fevereiro	Março
RIO GRANDE DO SUL						
Indústria geral.....	102,24	103,32	111,53	102,11	107,91	91,47
Extrativa mineral.....	114,49	103,29	96,93	128,14	121,86	88,31
Indústrias de transformação.....	102,16	103,32	111,62	101,97	107,83	91,49
Minerais não-metálicos.....	91,50	74,21	90,01	116,16	96,65	92,59
Metalúrgica.....	117,06	116,24	117,67	108,39	122,65	98,58
Mecânica.....	134,48	141,23	129,96	87,14	82,19	63,55
Material elétrico e de comunicações.....	147,73	152,58	155,83	157,97	155,40	122,40
Material de transporte.....	93,15	116,61	116,56	140,64	155,94	158,82
Papel e papelão.....	147,51	133,93	122,47	124,90	119,31	81,89
Borracha.....	108,99	118,25	119,09	107,48	116,67	114,28
Química.....	51,07	49,12	50,97	93,65	98,98	70,60
Perfumaria, sabões e velas.....	108,77	82,32	84,34	99,51	182,05	68,49
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	90,92	66,47	78,30	88,72	99,71	79,84
Produtos alimentares.....	116,79	95,32	97,49	102,37	105,53	91,10
Bebidas.....	130,73	122,88	130,80	113,47	120,33	113,29
Fumo.....	67,04	298,97	470,37	89,19	121,54	133,09

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
RIO GRANDE DO SUL						
Indústria geral.....	102,11	104,94	99,77	101,90	103,46	103,54
Extrativa mineral.....	128,14	125,08	110,86	96,90	101,54	102,95
Indústrias de transformação.....	101,97	104,83	99,71	101,93	103,48	103,55
Minerais não-metálicos.....	116,16	106,53	101,17	115,52	114,27	112,20
Metalúrgica.....	108,39	115,05	108,95	107,06	110,69	111,18
Mecânica.....	87,14	84,53	76,45	104,47	103,24	99,34
Material elétrico e de comunicações.....	157,97	156,66	142,98	120,22	126,59	129,75
Material de transporte.....	140,64	148,76	152,20	108,26	113,66	121,08
Papel e papelão.....	124,90	122,18	106,32	107,58	110,26	108,44
Borracha.....	107,48	112,08	112,82	114,60	114,98	116,03
Química.....	93,65	96,19	85,71	89,20	90,22	88,76
Perfumaria, sabões e velas.....	99,51	123,66	99,19	93,81	101,49	100,73
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	88,72	93,05	88,20	97,98	99,25	98,16
Produtos alimentares.....	102,37	103,77	99,41	97,24	98,16	98,32
Bebidas.....	113,47	116,69	115,51	109,51	110,40	113,47
Fumo.....	89,19	113,97	123,99	103,33	107,57	117,83

**5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA — 1990**

(conclusão)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Janeiro	Fevereiro	Março	Janeiro	Fevereiro	Março
REGIÃO SUL						
Indústria geral.....	108,67	107,58	116,68	105,46	108,05	97,14
Extrativa mineral.....	82,22	76,31	78,30	94,26	101,53	92,53
Indústrias de transformação.....	109,06	108,04	117,25	105,60	108,12	97,19
Minerais não-metálicos.....	106,97	105,05	109,17	101,61	107,03	100,26
Metalúrgica.....	131,66	127,75	129,80	115,37	118,60	102,44
Mecânica.....	139,40	146,54	131,76	108,14	99,06	79,77
Material elétrico e de comunicações.....	165,07	191,12	200,85	127,03	130,34	117,65
Papel e papelão.....	160,11	136,74	139,81	110,46	105,41	91,31
Química.....	43,43	47,53	66,26	79,29	95,07	80,99
Perfumaria, sabões e velas.....	107,04	80,70	79,50	104,24	130,64	61,89
Produtos de matérias plásticas.....	111,20	103,89	99,86	114,62	114,09	91,78
Têxtil.....	122,66	122,00	129,97	103,72	107,64	109,64
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	93,27	75,29	86,65	91,47	98,13	89,86
Produtos alimentares.....	126,73	107,25	113,33	115,75	111,88	102,26
Bebidas.....	131,76	123,51	132,11	116,37	117,85	110,36
Fumo.....	86,62	269,08	395,25	92,38	114,55	127,43
CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Até janeiro	Até fevereiro	Até março
REGIÃO SUL						
Indústria geral.....	105,46	106,73	103,16	103,87	105,32	105,95
Extrativa mineral.....	94,26	97,62	95,88	83,28	85,88	87,63
Indústrias de transformação.....	105,60	106,84	103,24	104,14	105,57	106,19
Minerais não-metálicos.....	101,61	104,22	102,84	109,30	110,52	111,22
Metalúrgica.....	115,37	118,94	111,67	108,96	112,00	113,66
Mecânica.....	106,14	102,39	93,98	115,23	115,50	113,35
Material elétrico e de comunicações.....	127,03	128,78	124,53	110,16	113,20	115,41
Papel e papelão.....	110,46	108,07	102,07	108,01	105,88	104,90
Química.....	79,29	86,82	84,26	91,04	91,96	91,19
Perfumaria, sabões e velas.....	104,24	114,15	91,23	102,79	108,55	106,27
Produtos de matérias plásticas.....	114,62	114,36	106,08	107,07	109,97	110,40
Têxtil.....	103,72	105,64	106,96	99,73	101,07	103,21
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	91,47	94,33	92,76	100,44	101,36	101,49
Produtos alimentares.....	115,75	113,94	109,85	102,31	103,57	104,63
Bebidas.....	116,37	117,08	114,70	111,30	112,02	114,62
Fumo.....	92,38	108,23	117,55	106,34	109,45	118,21

SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

RESULTADOS PARA O BRASIL E PARA AS REGIÕES

O SINAPI — Sistema Nacional de Pesquisas de Custos e Índices da Construção Civil, apresentou, no mês de abril de 1990, o custo de Cr\$ 15.969,91 por metro quadrado, para o Brasil, o que significou uma variação mensal de 15,92%. A variação acumulada no ano atingiu a 443,10%.

Com relação aos resultados regionais, em abril, as Regiões Norte e Nordeste apresen-

taram o maior e o menor custo médio, respectivamente, iguais a Cr\$ 18.186,83 e Cr\$ 14.067,96. Quanto às variações mensais, a mais elevada foi registrada na Região Centro-Oeste, igual a 21,89%, sendo a menor, 14,42% observada na Região Sudeste. Na Região Sul, foi registrada a mais alta variação acumulada nos quatro meses do ano de 1990 (463,52%); a menor variação no mesmo período ocorreu na Região Norte (427,05%).

A participação dos materiais na composição do custo médio, para o Brasil, foi de Cr\$ 12.511,64, variando no mês 19,70%; a participação da mão-de-obra correspondeu a Cr\$ 3.458,27, resultando em uma variação mensal igual a 4,04%.

PARTICIPAÇÃO DOS INSUMOS NO CUSTO, SEGUNDO GRANDES REGIÕES Abril de 1990

GRANDES REGIÕES	MATERIAIS		MÃO-DE-OBRA	
	Em Cr\$/m ²	Variação mensal (%)	Em Cr\$/m ²	Variação mensal (%)
Norte	14 877,73	18,46	3 309,10	8,35
Nordeste.....	11 476,20	19,27	2 591,76	1,46
Sudeste.....	12 464,06	18,20	3.617,72	3,07
Sul.....	13 244,70	22,62	4.027,10	8,04
Centro-Oeste.....	12 351,52	26,75	3.370,00	6,89

A Região Centro-Oeste ficou com a maior variação em relação à participação dos materiais (26,75%), sendo registrado na Região Sudeste a menor variação (18,20%).

Em relação à participação na mão-de-obra, a Região Norte ficou com a maior variação (8,35%), sendo registrada as menores variações (1,46%) e (3,97%) nas Regiões Nordeste e Sudeste, respectivamente.

RESULTADOS PARA AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Destacamos, primeiramente, os custos mais altos em abril, por Região: Roraima (Cr\$ 26.606,72); Maranhão (Cr\$ 16.074,61); São Paulo (Cr\$ 17.134,57); Paraná (Cr\$ 18.050,21); Distrito Federal (Cr\$ 16.738,80). E quanto aos custos mais baixos foram registrados no Acre (Cr\$ 17.070,43); Pernambuco (Cr\$ 12.792,46); Espírito Santo (Cr\$ 11.513,36); Rio Grande do Sul (Cr\$ 16.664,26); Goiás (Cr\$ 13.874,21).

Os demais custos médios podem ser vistos na Tabela 2.

Quanto às variações percentuais: mensal, e no ano, são destacados os valores máximos e mínimos por Regiões, na Tabela 3.

RESULTADOS DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL PARA O BRASIL E MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Para o Brasil, a categoria "mestre-de-obras" foi a que apresentou o maior aumento em abril (6,67%) elevando o salário-hora para Cr\$ 135,47. A menor variação mensal foi registrada para a categoria "bombeiro hidráulico" (1,31%), sendo o salário-hora igual a Cr\$ 40,99.

Cabe ressaltar, que alguns municípios apresentaram uma elevação acentuada na variação mensal dos salários-hora das categorias sócio-profissionais, devido aos reflexos dos aumentos ocorridos, através

de dissídio coletivo, no mês de março de 1990.

NOTAS EXPLICATIVAS

1 — A manutenção da base teórica do SINAPI é hoje uma competência conjunta do IBGE e CEF — Caixa Econômica Federal.

2 — As séries mensais de salários médios são produzidas a partir dos salários coletados nas empresas construtoras, considerando-se:

a) o salário-hora bruto, ou seja, não é subtraído qualquer desconto de responsabilidade do empregado;

b) o valor contratado com o empregado, ou seja, não é incluído qualquer encargo social de responsabilidade do empregador; e

c) o valor referente à jornada normal de trabalho, ou seja, não consideradas horas extras.

3 — O SINAPI considera quatro padrões de acabamento: alto, normal, baixo e mínimo. São apresentados os custos dos projetos residenciais nos padrões normal e mínimo.

Na nomenclatura dos projetos, Rp e Cp significam, respectivamente, projeto residencial e projeto comercial com p pavimentos; nQ indica o nº de quartos da unidade residencial. Para os projetos comerciais, LA significa lojas e salas autônomas e LC, lojas e andar corrido; P significa que o 1º pavimento é em pilotis, e T, que o 1º pavimento é térreo. Por último é indicada a área total da construção do projeto.

O custo médio de cada Área Geográfica é a média ponderada dos custos dos 21 projetos residenciais, considerando-se apenas o padrão normal de acabamento.

4 — As séries mensais de custos e índices de custos referem-se ao custo do metro quadrado de uma construção no canteiro de obras. Não se incluem as despesas com projetos em geral, licenças, seguros, instalações provisórias, depreciações dos equipamentos, compra de terreno, administração, financiamentos, nem com os equipamentos mecânicos (elevadores, compactadores, exaustores e

outros) e não estão envolvidos os lucros da construtora e da incorporadora.

5 – Para o cálculo do Orçamento Final por metro quadrado (OF), deverão ser acrescidos ao Custo SINAPI os custos relativos a alguns itens para os quais o SINAPI, dadas suas características, não dispõe de informações. Estes itens são os seguintes:

- Fundações Profundas e Especiais;
- Equipamentos (elevadores, compactadores, interfone, etc.);
- Complementos (jardins, decorações, etc.); e
- Máquinas e Equipamentos de Obra.

O Orçamento Final por metro quadrado (OF), incluindo todos os custos do empreendimento, será calculado adotando-se a seguinte fórmula:

$$OF = C \text{ SINAPI} + \frac{(OFe - OFd) + OE + OC}{S}$$

onde:

- OF = Orçamento Final por metro quadrado
- C SINAPI = Custo do metro quadrado do projeto, estimado com base nos custos do SINAPI
- OFe = Orçamento das Fundações especiais ou profundas
- OFd = Orçamento das Fundações diretas (já consideradas nos projetos de casas)
- OE = Orçamento de Equipamentos
- OC = Orçamento dos Complementos
- S = Área de Construção do Projeto em Estudo

Ao Orçamento Final por metro quadrado deverão ser acrescidos os custos financeiros, taxa de administração e lucro da empresa.

1 – EVOLUÇÃO DO CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÃO MENSAL DA CONSTRUÇÃO CIVIL Brasil

Período de referência: janeiro-89/abril-90

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	CUSTO MÉDIO (Cz\$)	NÚMERO ÍNDICE	VARIAÇÃO MENSAL (%)
1989			
Janeiro.....	187,16	2 777,20	41,10
Fevereiro.....	194,90	2 892,05	4,13
Março.....	204,41	3 033,17	4,87
Abril.....	225,13	3 340,62	10,13
Maió.....	259,64	3 852,71	15,32
Junho.....	372,55	5 528,14	43,48
Julho.....	504,63	7 468,03	35,45
Agosto.....	782,62	11 613,02	55,08
Setembro.....	1 073,27	15 925,87	37,82
Outubro.....	1 476,32	21 906,59	37,55
Novembro.....	2 088,17	30 985,61	41,44
Dezembro.....	3 115,97	46 236,77	49,22
1990			
Janeiro.....	4 487,99	152,63	52,63
Fevereiro.....	7 646,98	260,06	70,38
Março.....	13 776,47	468,50	80,15
Abril.....	15 969,91	543,10	15,92

**2 - CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÕES PERCENTUAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL,
SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES E AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO**

Mês de referência: abril-90

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	CUSTO MÉDIO (Cr\$/m ²)	NÚMERO ÍNDICE (maio-87 = 100)	VARIAÇÕES PERCENTUAIS	
			Mensal	No ano
NORTE	18 186,83	527,05	16,48	427,05
Rondônia	18 454,37	510,43	22,25	410,43
Acre	17 070,43	512,66	9,80	412,66
Amazonas	18 023,90	535,29	15,54	435,29
Roraima	26 606,72	509,20	24,71	409,20
Pará	17 818,17	529,11	16,09	429,11
Amapá	17 365,79	506,70	20,51	406,70
NORDESTE	14 067,96	535,97	15,53	435,97
Maranhão	16 074,61	522,32	14,22	422,32
Piauí	14 614,87	519,43	19,08	419,43
Ceará	14 089,71	526,34	13,34	426,34
Rio Grande do Norte	15 080,96	516,42	15,59	416,42
Paraíba	14 723,06	532,63	13,49	432,63
Pernambuco	12 792,46	529,42	14,93	429,42
Alagoas	14 734,66	581,39	22,82	481,39
Sergipe	12 944,06	534,44	14,23	434,44
Bahia	14 055,06	552,91	16,43	452,91
SUDESTE	16 081,78	539,52	14,42	439,52
Minas Gerais	13 149,96	537,39	13,93	437,39
Espirito Santo	11 513,36	486,42	11,27	386,42
Rio de Janeiro	16 014,16	558,10	22,07	458,10
São Paulo	17 134,57	536,25	12,21	436,25
SUL	17 271,80	563,52	18,88	463,52
Paraná	18 050,21	576,34	18,28	476,34
Santa Catarina	16 852,25	576,16	25,84	476,16
Rio Grande do Sul	16 664,26	545,75	16,96	445,75
CENTRO-OESTE	15 721,52	557,89	21,89	457,89
Mato Grosso do Sul	15 988,60	556,74	14,77	456,74
Mato Grosso	14 776,13	535,00	28,44	435,00
Goiás	13 874,21	564,18	17,10	464,18
Distrito Federal	16 738,80	559,75	24,10	459,75

3 – DEMONSTRATIVO DAS VARIÇÕES PERCENTUAIS NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO, COM VARIÇÕES MÁXIMAS E MÍNIMAS, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES

Mês de referência: abril-90

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	VARIÇÕES PERCENTUAIS	
	Mensal	No ano
NORTE		
Roraima – variação máxima	27,71	
Amazonas – variação máxima		435,29
Acre – variação mínima	9,80	
Amapá – variação mínima		406,70
NORDESTE		
Alagoas – variação máxima	22,82	481,39
Ceará – variação mínima	13,34	
Rio Grande do Norte – variação mínima		416,42
SUDESTE		
Rio de Janeiro – variação máxima	22,07	458,10
Espírito Santo – variação mínima	11,27	386,42
SUL		
Santa Catarina – variação máxima	25,84	
Paraná – variação máxima		476,34
Rio Grande do Sul – variação mínima	16,96	445,75
CENTRO-OESTE		
Mato Grosso – variação máxima	28,44	
Goiás – variação máxima		464,18
Mato Grosso do Sul – variação mínima	14,77	
Mato Grosso – variação mínima		435,00

4 - VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Mês de referência: abril-90

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL	3,76	1,31	4,27	3,54	4,88
Porto Velho.....	43,53	43,54	41,18	57,04	36,06
Rio Branco.....	- 3,92	- 3,92	0,32	- 3,92	31,55
Manaus.....	0,03	0,00	0,00	0,03	0,03
Boa Vista.....	20,17	23,25	21,73	24,34	25,06
Belém.....	0,00	0,00	0,03	0,00	0,00
Macapá.....	0,00	0,00	17,98	0,00	0,00
São Luís.....	0,00	0,03	0,00	0,00	0,00
Teresina.....	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Fortaleza.....	- 1,43	- 1,56	- 1,96	- 1,52	- 5,53
Natal.....	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
João Pessoa.....	0,00	0,00	0,00	0,00	1,60
Recife.....	0,00	- 1,24	- 1,32	0,00	- 0,53
Maceió.....	0,00	0,00	0,00	0,04	0,00
Aracaju.....	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Salvador.....	0,87	2,48	- 0,22	- 4,32	- 0,58
Belo Horizonte.....	0,00	0,00	- 3,94	0,00	4,20
Vitória.....	0,00	0,00	1,22	0,00	0,00
Rio de Janeiro.....	19,17	5,94	20,60	16,19	21,74
São Paulo.....	0,00	- 0,28	0,00	0,00	0,00
Curitiba.....	1,89	0,00	0,55	1,85	0,13
Florianópolis.....	2,55	5,10	3,39	2,54	5,10
Porto Alegre.....	7,78	0,00	22,75	16,43	30,48
Campo Grande.....	0,00	- 0,43	- 0,09	0,00	0,00
Cuiabá.....	42,51	32,12	33,42	38,18	42,65
Goiânia.....	0,00	0,00	0,00	0,00	- 0,56
Brasília.....	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Ladrilheiro	Mestre-de-obras	Pedreiro	Pintor	Servente
BRASIL	5,70	6,67	4,18	2,81	4,88
Porto Velho.....	43,57	55,95	41,19	43,57	31,65
Rio Branco.....	2,61	- 8,34	- 3,92	- 3,92	- 4,37
Manaus.....	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Boa Vista.....	23,26	49,87	27,67	32,15	39,87
Belém.....	0,00	0,00	0,00	0,03	0,00
Macapá.....	0,00	24,52	0,00	0,00	0,00
São Luís.....	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Teresina.....	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Fortaleza.....	- 2,18	- 0,02	- 1,26	- 0,05	- 0,06
Natal.....	0,00	7,86	0,00	0,00	0,00
João Pessoa.....	1,89	14,31	0,00	0,00	0,00
Recife.....	0,15	- 1,36	0,00	0,00	0,00
Maceió.....	0,04	0,00	0,04	0,00	0,00
Aracaju.....	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Salvador.....	- 4,95	12,40	1,65	1,65	5,15
Belo Horizonte.....	11,32	4,16	0,23	- 1,86	- 0,09
Vitória.....	0,00	0,50	0,00	- 0,61	- 0,06
Rio de Janeiro.....	24,24	34,65	16,37	8,99	33,65
São Paulo.....	0,02	0,12	0,00	0,00	0,00
Curitiba.....	2,51	0,69	6,35	0,12	2,25
Florianópolis.....	10,18	2,55	2,03	0,00	1,01
Porto Alegre.....	14,29	13,22	16,66	18,04	9,57
Campo Grande.....	0,00	0,00	0,00	0,00	- 0,19
Cuiabá.....	40,93	39,47	35,48	49,32	20,92
Goiânia.....	0,00	- 0,59	0,00	0,00	0,00
Brasília.....	0,00	2,91	0,00	0,00	0,00

**5 – SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS,
SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS**

Mês de referência: abril-90

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL	37,53	40,99	38,80	37,11	43,01
Porto Velho.....	29,51	31,09	30,00	33,37	29,47
Rio Branco.....	27,96	27,96	28,03	27,96	38,28
Manaus.....	29,71	29,66	28,40	29,21	34,08
Boa Vista.....	77,08	82,01	85,93	88,16	90,98
Belém.....	31,92	31,85	31,96	31,95	32,05
Macapá.....	28,34	30,49	33,46	28,65	29,70
São Luís.....	32,70	32,48	32,66	32,66	32,66
Teresina.....	22,70	22,93	22,70	22,70	23,05
Fortaleza.....	22,03	22,03	22,03	22,03	22,03
Natal.....	26,79	26,79	26,79	26,79	26,79
João Pessoa.....	25,96	25,96	25,96	25,96	27,36
Recife.....	26,24	26,24	26,24	26,24	26,24
Maceió.....	25,50	37,00	26,77	27,34	36,15
Aracaju.....	26,72	26,72	26,72	26,72	26,72
Salvador.....	40,73	41,33	40,93	40,76	40,97
Belo Horizonte.....	36,57	41,12	39,00	36,86	51,91
Vitória.....	27,75	27,75	29,08	27,75	32,23
Rio de Janeiro.....	41,22	41,22	45,67	40,05	41,22
São Paulo.....	41,71	49,98	41,73	40,52	50,82
Curitiba.....	43,11	43,66	43,70	41,38	45,93
Florianópolis.....	48,98	43,89	56,36	52,56	60,64
Porto Alegre.....	41,86	47,29	49,00	47,20	49,19
Campo Grande.....	29,10	32,54	31,91	29,11	36,16
Cuiabá.....	34,93	28,59	29,14	26,89	28,16
Goiânia.....	24,85	24,85	24,85	24,85	24,85
Brasília.....	35,43	35,43	35,43	35,43	35,43

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS				
	Ladrilheiro	Mestre-de- obras	Pedreiro	Pintor	Servente
BRASIL	41,37	135,47	36,92	38,00	24,30
Porto Velho.....	35,29	70,63	34,28	36,38	26,04
Rio Branco.....	29,86	65,60	27,96	27,96	15,31
Manaus.....	30,59	67,13	29,38	29,68	20,56
Boa Vista.....	86,55	130,19	83,38	91,46	47,64
Belém.....	32,13	39,18	31,95	31,95	19,30
Macapá.....	26,98	51,80	28,66	28,38	22,20
São Luís.....	39,20	78,32	32,66	32,70	17,31
Teresina.....	23,33	42,52	22,69	22,70	17,54
Fortaleza.....	22,03	54,82	22,03	22,03	16,70
Natal.....	26,79	62,32	26,79	26,79	17,86
João Pessoa.....	26,45	59,35	25,96	25,96	17,57
Recife.....	26,59	82,69	26,24	26,24	19,24
Maceió.....	25,45	78,80	25,48	25,47	17,54
Aracaju.....	26,72	62,91	26,72	26,72	17,26
Salvador.....	39,97	171,42	40,73	40,73	24,50
Belo Horizonte.....	46,90	98,69	35,50	39,00	23,30
Vitória.....	27,75	96,53	27,75	27,58	17,93
Rio de Janeiro.....	46,34	176,22	40,02	41,22	25,22
São Paulo.....	46,34	194,40	40,38	43,11	27,56
Curitiba.....	48,28	84,50	42,90	42,08	28,65
Florianópolis.....	55,07	107,54	46,18	43,80	24,02
Porto Alegre.....	46,79	82,54	47,12	40,76	27,93
Campo Grande.....	31,02	78,22	29,02	30,86	20,73
Cuiabá.....	32,78	87,81	29,29	31,85	18,61
Goiânia.....	24,85	64,14	24,85	25,11	17,54
Brasília.....	35,43	120,00	35,43	35,43	23,24

ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

PRODUÇÃO DAS LAVOURAS EM ABRIL E PRODUÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM MARÇO DE 1990

Lavouras

Situação das lavouras em abril em relação a março

Em relação às estimativas do mês anterior, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola — LSPA — indica, para o mês de abril, reduções acentuadas na produção esperada de sete produtos: algodão herbáceo (-6,70%), arroz (-6,32%), feijão — 1.ª safra (-12,04%), feijão — 2.ª safra (-3,93%), milho (-6,36%), soja (-4,64%) e tomate (-6,91%). Quatro produtos apresentam acréscimos significativos nas estimativas: batata-inglesa — 2.ª safra (2,53%), café (2,17%), cana-de-açúcar (2,44%) e laranja (3,56%).

Os decréscimos na produção esperada são explicados, preponderantemente, por redução da área no caso do algodão e do feijão — 2.ª safra; por quebra do rendimento médio no caso da soja e por uma combinação dos dois fatores no caso do arroz, do feijão — 1.ª safra, do milho e do tomate.

À exceção do último produto, cuja queda se deveu aos altos custos de implantação da lavoura verificados em São Paulo, os decréscimos constatados para os demais, foram originados pela forte estiagem que cas-

tigou as principais zonas produtoras em todo o país.

Quanto aos produtos com acréscimo na produção, as estimativas são ainda muito preliminares em face das próprias características dos produtos.

Situação das lavouras em abril em relação à produção obtida na safra de 1989

Em relação à produção obtida em 1989, o LSPA de abril apresenta acréscimos nas estimativas de produção para onze dos dezesseis produtos considerados, destacando-se o algodão (70,97% para o arbóreo e 3,82% para o herbáceo), batata-inglesa — 1.ª safra (15,54%), cebola (17,73%), feijão — 1.ª safra (17,24%), feijão — 2.ª safra (16,62%) e mandioca (8,51%).

Deve-se ressaltar que as altas taxas de crescimento dos produtos, basicamente de consumo interno, constituem-se em importantes contribuições na estabilização dos preços almejada pelo governo.

No caso específico do feijão, porém, há sinalização de problemas no abastecimento interno, não propriamente devidos ao volume de produção total mas sim, à quantidade produzida de variedades específicas, notadamente do feijão preto. A liberação da importação pela iniciativa privada, aparentemente, não deve solucionar o problema, em face da exígua oferta do produto no mercado internacional.

Dos produtos com decréscimo na produção: arroz (- 23,58%), batata-inglesa - 2.ª safra (- 1,94%), laranja (- 1,06%), milho (- 14,46%) e soja (- 15,35%), a preocupação maior é com o arroz e o milho. No caso do arroz, as estimativas de produção vêm apresentando contínuos decréscimos, principalmente, nas Regiões Nordeste e Centro-Oeste, tradicionais produtoras do arroz de sequeiro, cujo cultivo tem sido desestimulado pelas políticas governamentais. No principal estado produtor, Rio Grande do Sul, houve uma considerável redução na área plantada com o arroz irrigado, em decorrência, não apenas dos problemas climáticos (prolongada estiagem), como também dos baixos preços obtidos na comercialização da safra anterior.

Quanto ao milho, contrariamente aos primeiros prognósticos de produção, que indicavam, praticamente, a mesma extensão de área cultivada, vem apresentando sucessivas quedas nas estimativas, tanto de área quanto de rendimento médio, especialmente no Centro-sul. A lavoura foi fortemente afetada pela estiagem em algumas áreas de produção. O quadro de suprimento da demanda interna parece crítico no ano, uma vez que a má distribuição espacial dos estoques existentes tem dificultado a sua comercialização. Ademais, a oferta internacional do cereal está bastante restrita, com a entrada dos países do Leste Europeu no mercado.

Produção de cereais, leguminosas e oleaginosas

A produção de cereais, leguminosas e oleaginosas, segundo o LSPA, atingiu em abril cerca de 62,1 milhões de toneladas, inferior em 13,59% à obtida no ano anterior (71,8 milhões de toneladas). Este resultado é ainda bastante preliminar uma vez que não se dispõe de estimativas completas para as safras de inverno.

Produção animal

O desempenho do subsetor pecuário em março, pode ser considerado satisfatório tendo em vista que, à exceção dos bovinos, cresceram os abates de suínos e de aves e a produção de leite. Esses resultados refleti-

ram, numa certa medida, a recuperação dos preços verificada no primeiro trimestre de 1990. De fato os preços, a nível do produtor, dos principais produtos pecuários (bezerro, boi magro, boi gordo, suíno, frango, leite e ovos) que haviam registrado uma alta média de 93,3% no primeiro semestre de 1989, passaram a declinar fortemente, descendo ao seu ponto mais baixo (- 54,5% em média) em janeiro do corrente exercício. Assim, a majoração recente foi tão abrupta que já em março a média dos preços subira 67,8% (tabela a seguir). Embora a alta tenha sido significativa para os produtos em geral, interessa destacar o movimento dos preços do leite, que após um longo período (25 meses) de estagnação em nível muito baixo, acusou uma subida de 54,05% no mês de março em relação a fevereiro.

O aperto de liquidez imposto à economia pelo Plano Brasil Novo a partir de 15 de março, interrompeu o movimento altista dos produtos do subsetor pecuário, processo que teve o seu fundamento básico na forte redução de abate de bovinos, produto que de certo modo determina o ritmo do mercado geral de proteínas de origem animal. Colateralmente, refletiu a alta dos preços do milho e da soja (matérias-primas básicas das rações animais) que subiram 47,6% e 54,6%, respectivamente, no primeiro trimestre de 1990.

O abate de bovinos alcançou em março a cifra de 1,1 milhão de cabeças, 9,1% a menos do que em igual período de 1989. A oferta correspondente de carne, da ordem de 234,55 mil toneladas de carcaças, representou uma queda de apenas 3,9%, em razão do fato de que a redução recaiu sobre o abate de matrizes (- 23,8%), já que o de bois gordos cresceu tanto no número (1,6%) quanto no peso médio das carcaças (4,14%). No acumulado do ano, a oferta de carne bovina acusou uma redução de 64,5 mil toneladas, correspondendo a uma queda de 9,1% no primeiro trimestre de 1990.

Não obstante a queda de preços verificada imediatamente após o lançamento do Plano, o panorama de oferta reduzida de carne bovina em plena safra, tem sido motivo de preocupação das autoridades governamentais, ante a perspectiva de real agravamento da escassez nos meses de inver-

no. Essa perspectiva baseia-se em três pontos: 1) O papel de detonador de alta dos preços dos produtos substitutos desempenhado pela carne bovina; 2) a possibilidade de redução do número de animais que serão engordados em confinamento no corrente ano, em virtude do bloqueio dos recursos financeiros dos pecuaristas; 3) a retomada do movimento altista de preços dos produtos pecuários registrada já em fins de abril, com destaque para os animais de reposição (bezerro e boi magro). Esse contexto não se afigura confortável para o governo tendo em vista a possibilidade de repetição, embora em tom menor, da alta das carnes em geral e dos ovos durante a vigência do Plano Cruzado.

O desempenho da suinocultura em março, caracterizou-se pela continuidade da retomada da produção, tendo-se abatido 801 mil cabeças, 4,7% a mais do que no mesmo mês de 1989. No acumulado do ano, a oferta de carne suína perfez um total de 157,1 mil toneladas, representando um acréscimo de 8,5% em relação ao primeiro trimestre do ano passado, muito embora essa performance persista ainda abaixo da quantidade produzida em igual período de 1988.

O abate de aves, por sua vez, estimulado pela alta dos preços, alcançou um total de 81,15 milhões de cabeças, representando um aumento de 14,9% no mês de março. Este resultado configura uma continuidade

de treze meses consecutivos no processo de expansão da atividade, fato singular no contexto da pecuária em geral, considerando-se a conturbação da economia nos últimos anos. No acumulado, a quantidade de carne avícola produzida somou 366,25 mil toneladas, 13% a mais do que no primeiro trimestre de 1989. Vale registrar que, de acordo com a Associação Brasileira de Produtores de Pintos de Corte (APINCO), este avanço na produção se concretiza com uma ociosidade de 11,24% na capacidade de produção de pintos. Desse modo, segundo os membros do Conselho Nacional dos Produtores de Proteína Animal (CONAPRA), há um grande potencial de produção no setor, sobretudo nas granjas de animais de grande e pequeno portes e de aves de postura, cuja efetivação depende do aumento do poder de compra das camadas de assalariados da população.

No que tange à pecuária leiteira, a produção de leite destinada às indústrias alcançou um volume de 849,1 milhões de litros, correspondendo um acréscimo de 5,8% em relação ao mesmo mês de 1989. Muito embora no acumulado do ano a produção de 2,49 bilhões de litros represente uma queda de 0,5%, deve ser registrado que o incremento da produção de março deveu-se sobretudo ao aumento de 120,17% no preço do leite, registrado no primeiro trimestre de 1990 (tabela a seguir).

PREÇOS REAIS⁽¹⁾ RECEBIDOS PELOS PRODUTORES
(Janeiro/junho-1989 e Janeiro/março-1990)
Brasil

ITENS	PREÇOS REAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES			
	1989		1990	
	Janeiro	Junho	Janeiro	Março
Bezerro				
(Cr\$/cabeça).....	2 669,41	5 695,70	2 585,21	4 145,84
Boi magro				
(Cr\$/cabeça).....	5 649,31	10 626,92	4 965,03	8 408,02
Boi gordo				
(Cr\$/arroba).....	747,66	1 202,32	626,17	1 087,21
Suíno				
(Cr\$/arroba).....	544,68	1 061,21	305,56	540,65
Frango				
(Cr\$/kg).....	33,01	55,46	26,13	43,74
Leite				
(Cr\$/litro).....	7,54	7,54	5,75	12,66
Ovos				
(Cr\$/dúzia).....	18,87	41,47	12,22	31,52
Média.....	1 381,50	2 670,09	1 215,15	2 038,52

FONTE - Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Estudos Agrícolas.
(1) Corrigidos pelo Índice Geral de Preços - IGP - DI, da Fundação Getúlio Vargas, para março de 1990.

1 — ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO — CONFRONTO
DAS ESTIMATIVAS MARÇO/ABRIL
Brasil

Mês: abril

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Março	Abril	Variação (%)
Total	44 909 010	43 916 325	-2,21
Algodão arbóreo (em caroço) (1)	538 580	544 926	1,18
Algodão herbáceo (em caroço)	1 545 229	1 439 382	-6,85
Arroz (em casca)	4 235 255	4 118 618	-2,75
Batata-inglesa — 1ª safra	92 612	92 233	-0,41
Batata-inglesa — 2ª safra	38 951	39 276	0,83
Cacau (em amêndoas) (1)	599 108	599 028	-0,01
Café (em coco) (1)	2 482 208	2 466 734	-0,62
Cana-de-açúcar (1)	4 085 577	4 138 564	1,30
Cebola	69 304	68 539	-1,10
Feijão (em grão) 1ª safra	2 880 409	2 614 825	-9,22
Feijão (em grão) 2ª safra	1 715 375	1 613 122	-5,96
Laranja (1) (2)	876 294	914 791	4,39
Mandioca (1)	1 999 001	1 989 861	-0,46
Milho (em grão)	12 119 577	11 692 182	-3,53
Soja (em grão)	11 575 409	11 530 250	-0,39
Tomate	56 121	53 994	-3,79

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Março	Abril	Variação (%)	Março	Abril	Variação (%)
Total	-	-	-	-	-	-
Algodão arbóreo (em caroço) (1)	82 066	80 642	-1,74	152	148	-2,63
Algodão herbáceo (em caroço)	1 993 253	1 859 629	-6,70	1 290	1 292	0,16
Arroz (em casca)	8 993 218	8 425 031	-6,32	2 123	2 046	-3,63
Batata-inglesa — 1ª safra	1 246 326	1 265 508	1,54	13 458	13 721	1,95
Batata-inglesa — 2ª safra	467 899	479 730	2,53	12 013	12 214	1,67
Cacau (em amêndoas) (1)	372 790	372 732	-0,02	622	622	-
Café (em coco) (1)	2 523 996	2 578 751	2,17	1 017	1 045	2,75
Cana-de-açúcar (1)	254 636 490	260 846 446	2,44	62 326	63 028	1,13
Cebola	813 161	803 078	-1,24	11 733	11 717	-0,14
Feijão (em grão) 1ª safra	1 426 086	1 254 409	-12,04	495	480	-3,03
Feijão (em grão) 2ª safra	886 273	851 432	-3,93	517	528	2,13
Laranja (1) (2)	84 155 973	87 152 873	3,56	96 036	95 271	-0,80
Mandioca (1)	25 607 285	25 446 260	-0,63	12 810	12 788	-0,17
Milho (em grão)	24 114 996	22 581 611	-6,36	1 990	1 931	-2,96
Soja (em grão)	21 349 612	20 359 351	-4,64	1 844	1 766	-4,23
Tomate	2 137 801	1 990 138	-6,91	38 093	36 859	-3,24

FONTES — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária, Levantamento Sistemático de Produção Agrícola.

NOTA — Além das Unidades da Federação que ainda não forneceram a 1ª estimativa para a safra 1990, foram excluídas aqueles que passaram a informar em abril, para fins de comparação como segue: Algodão herbáceo (Pará), Arroz (Amazonas), Batata-inglesa — 2ª safra (Bahia, Minas Gerais — 2ª e 3ª safras, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo — 3ª safra e Distrito Federal), Cacau (Pará e Espírito Santo), Café (Pará e Paraná), Cana-de-açúcar (Amazonas e Pará), Cebola (Bahia), Feijão — 2ª safra (Rondônia, Amazonas, Roraima, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia, Minas Gerais — 3ª safra, Rio de Janeiro, São Paulo — 3ª safra, Paraná — 3ª safra, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal — 3ª safra), Laranja (Pará e Paraná), Milho (Amazonas, Roraima, Bahia — 2ª safra), Tomate (Bahia).

(1) Área destinada à colheita. (2) Produção em mil frutos/ha.

2 — ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO — CONFRONTO
DAS SAFRAS-1989 E DAS ESTIMATIVAS PARA 1990
Brasil

Mês: abril

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra/89)	Plantada (safra/90)	Varição (%)
Total	46 717 768	44 037 393	- 5,74
Algodão arbóreo (em caroço).....	618 391	(1) 544 926	- 11,88
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 483 195	1 439 382	- 2,95
Arroz (em casca).....	5 249 795	4 118 618	- 21,55
Batata-inglesa — 1.ª safra.....	87 981	92 233	4,83
Batata-inglesa — 2.ª safra.....	42 179	39 811	- 5,61
Cacau (em amêndoas).....	637 197	(1) 643 653	1,01
Café (em coco).....	2 548 063	(1) 2 483 543	- 2,53
Cana-de-açúcar.....	4 065 777	(1) 4 147 331	2,01
Cebola.....	65 050	68 539	5,36
Feijão (em grão) 1.ª safra.....	2 624 348	2 614 825	- 0,36
Feijão (em grão) 2.ª safra.....	1 712 606	1 649 245	- 3,70
Laranja (2).....	880 356	(1) 922 668	4,81
Mandioca.....	1 869 835	(1) 1 989 861	6,42
Milho (em grão).....	12 577 085	11 698 514	- 6,99
Soja (em grão).....	12 200 556	11 530 250	- 5,49
Tomate.....	55 354	53 994	- 2,46

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Obtida (safra/89)	Esperada (safra/90)	Varição (%)	Obtido (safra/89)	Esperado (safra/90)	Varição (%)
Total	-	-	-	-	-	-
Algodão arbóreo (em caroço).....	47 167	80 642	70,97	76	148	94,74
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 791 157	1 859 629	3,82	1 208	1 292	6,95
Arroz (em casca).....	11 024 829	8 425 031	- 23,58	2 100	2 046	- 2,57
Batata-inglesa — 1.ª safra.....	1 095 285	1 265 508	15,54	12 449	13 721	10,22
Batata-inglesa — 2.ª safra.....	500 292	490 586	- 1,94	11 861	12 323	3,90
Cacau (em amêndoas).....	387 229	400 263	3,37	608	622	2,30
Café (em coco).....	2 530 592	2 629 834	3,92	993	1 059	6,65
Cana-de-açúcar.....	252 173 025	261 339 863	3,64	62 023	63 014	1,60
Cebola.....	682 135	803 078	17,73	10 486	11 717	11,74
Feijão (em grão) 1.ª safra.....	1 069 914	1 254 409	17,24	408	480	17,65
Feijão (em grão) 2.ª safra.....	755 354	880 868	16,62	441	534	21,09
Laranja (2).....	88 867 897	87 928 281	- 1,06	100 945	95 298	- 5,59
Mandioca.....	23 449 977	25 446 260	8,51	12 541	12 788	1,97
Milho (em grão).....	26 406 985	22 588 909	- 14,46	2 100	1 931	- 8,05
Soja (em grão).....	24 061 673	20 359 351	- 15,35	1 971	1 766	- 10,40
Tomate.....	1 957 455	1 890 138	1,67	35 362	36 859	4,23

FONTE — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária, Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.
NOTA — Não foram computados, nos totais referentes à safra-89, as Unidades da Federação que ainda não forneceram a 1.ª estimativa para a safra-90 da forma como segue: Algodão herbáceo (Pará), Arroz (Amazonas), Batata-inglesa — 2.ª safra (Bahia, Minas Gerais — 2.ª e 3.ª safras, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo — 3.ª safra), Cacau (Espírito Santo), Café (Paraná), Cana-de-açúcar (Amazonas), Cebola (Bahia), Feijão — 2.ª safra (Rondônia, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia, Minas Gerais — 3.ª safra, Paraná — 3.ª safra, Mato Grosso do Sul), Milho (Bahia — 2.ª safra), Tomate (Bahia).
(1) Área destinada à colheita. (2) Produção em mil frutos e rendimento médio em frutos/ha.

3 – ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS
Janeiro a março de 1989 e de 1990

ABATE DE ANIMAIS E PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS	QUANTIDADE				
	Março-89	Fevereiro-90	Março-90	Janeiro/março-89	Janeiro/março-90
LEITE (1) (2)	802 424	757 669	849 061	2 499 932	2 488 623
Pasteurizado					
Vendido ao público	301 395	269 338	302 616	880 738	875 118
Industrializado na empresa	370 679	373 092	417 306	1 202 366	1 230 533
Resfriado ou não					
Vendido ao público	250	123	130	514	461
Vendido a outras empresas	130 100	115 116	129 009	416 314	382 511
ABATE (3)					
Bovinos	244 152	196 895	234 550	708 715	644 243
Suínos	49 508	49 538	52 582	144 771	157 059
Aves	114 574	106 296	131 640	324 108	366 250
OVOS (4) (5)

ABATE DE ANIMAIS E PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS	TAXAS DE CRESCIMENTO (%)		
	$\frac{\text{Março-90}}{\text{Março-89}}$	$\frac{\text{Março-90}}{\text{Fevereiro-90}}$	$\frac{\text{Janeiro/março-90}}{\text{Janeiro/março-89}}$
LEITE (1) (2)	5,8	12,1	- 0,5
Pasteurizado			
Vendido ao público	0,4	12,4	- 0,6
Industrializado na empresa	12,6	11,9	2,3
Resfriado ou não			
Vendido ao público	- 48,0	5,7	- 10,3
Vendido a outras empresas	- 0,8	12,1	- 8,1
ABATE (3)			
Bovinos	- 3,9	19,1	- 9,1
Suínos	6,2	6,1	8,5
Aves	14,9	23,8	13,0
OVOS (4) (5)			

(1) Leite beneficiado e industrializado. (2) Mil litros. (3) Peso total das carcaças. (4) Resultados preliminares. (5) Mil dúzias.

PRODUTO INTERNO BRUTO – BRASIL 1.º TRIMESTRE DE 1990

Departamento de Contas Nacionais (DECNA)

NOTAS METODOLÓGICAS

1 – Os detalhes da metodologia e das fontes utilizadas no cálculo desse indicador se encontram no texto "Produto Interno Bruto – Brasil: Metodologia e Resultados – 1980-88", Diretoria de Pesquisas (Texto Metodológico n.º 9). A base conceitual mais ampla está contida no texto "Sistema de Contas Nacionais Consolidadas – Brasil: Metodologia e Resultados – 1970-87", Diretoria de Pesquisas (Texto Metodológico n.º 8).

2 – A base de ponderação dos índices é fixa e tem como referência a estrutura do Valor Adicionado das Contas Nacionais Consolidadas, ano-base 1980.

3 – A fórmula de cálculo adotada é uma adaptação de LASPEYRES base fixa em cadeia, com atualização de pesos.

4 – São divulgados sete tipos de indicadores:

– Índice Base Fixa Trimestral (número índice): compara o PIB do trimestre de referência do índice com a média dos quatro trimestres do ano-base de 1980;

– Taxa Trimestral: compara o PIB do trimestre de referência a igual trimestre do ano anterior;

– Taxa Acumulada ao Longo do Ano: compara, trimestre a trimestre, o acumulado do ano com igual período do ano anterior;

– Taxa Acumulada em Quatro Trimestres (anualizada): compara o PIB acumulado nos últimos quatro trimestres de referência a igual período imediatamente anterior;

– Taxa Trimestral com Ajuste Sazonal: compara cada trimestre com o imediatamente anterior na série dessazonalizada. O ajuste sazonal das séries foi obtido utilizando-se o método X-11, adotado internacionalmente;

– Índice Base Fixa Trimestral com Ajuste Sazonal; e

– Índice de Base Fixa Anual: média dos quatro trimestres do indicador trimestral.

5 – Os índices apresentados neste documento são preliminares, estando sujeitos à retificação em função de modificações nos dados básicos.

COMENTÁRIOS

O resultado do PIB para o primeiro trimestre de 1990 acentua a tendência de desace-

leração verificada a partir do último trimestre do ano anterior. A taxa trimestre contra trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal, passou de -0,3% no quarto trimestre do ano passado para -2,4% no primeiro trimestre deste ano (Tabela A e Gráfico 1). Essa taxa corresponde a uma das maiores quedas trimestrais já verificadas na década de 80, superada apenas pelo segundo trimestre de 1981 (-3,6%), pelo primeiro trimestre de 1983 (-3,5%) e pelo terceiro trimestre de 1987 (-2,5%). A taxa anualizada mostra um crescimento em relação ao último trimestre do ano anterior (de 3,4% para 5,0%), muito embora isto se deva exclusivamente a um efeito estatístico: a base de comparação é bastante deprimida, uma vez que o primeiro trimestre do ano passado foi excepcionalmente ruim devido ao Plano Verão (Tabelas de 1 a 4). É exatamente este fato que também explica o crescimento de

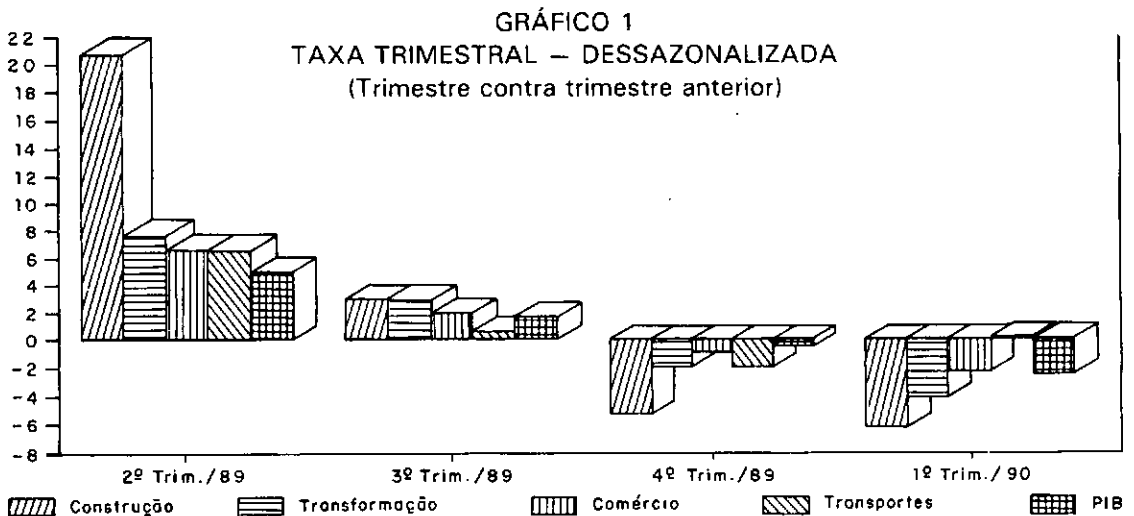
4,0% neste trimestre em comparação com o primeiro trimestre de 1989.

Embora o PIB deste primeiro trimestre de 1990 contra o trimestre anterior, na série com ajuste sazonal, apresente uma taxa expressivamente negativa, o processo de desaceleração iniciou-se já, em alguns setores de atividade, desde o terceiro trimestre de 1989. Este é o caso da Indústria de Construção e de Transformação e dos serviços de Comércio e de Transportes, que passam de taxas significativas de crescimento do segundo trimestre contra o primeiro para taxas menores no terceiro trimestre, chegando finalmente a taxas negativas no quarto trimestre de 1989, que, à exceção de Transportes, por sua vez, se acentuaram no primeiro trimestre de 1990 (Tabela A e Gráfico 1).

O comportamento da Indústria de Transformação neste primeiro trimestre do ano mostra uma acentuação da tendência de de-

A – TAXAS DE VARIAÇÃO TRIMESTRE CONTRA TRIMESTRE
IMEDIATAMENTE ANTERIOR
Dessazonalizadas

ATIVIDADES	TAXAS TRIMESTRAIS DESSAZONALIZADAS (%)			
	1989	1989	1989	1990
	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre
PIB Total.....	5,1	1,7	-0,3	-2,4
Indústria de transformação.....	7,6	3,0	-1,8	-4,0
Indústria de construção.....	20,7	3,1	-5,1	-6,2
Comércio.....	6,7	2,0	-0,8	-2,2
Transporte.....	6,6	0,7	-1,8	0,1



saceleração que se iniciou no terceiro trimestre de 1989 com a aceleração inflacionária. A partir de janeiro o processo inflacionário se acentua mais ainda com a ameaça de descontrole e do desencadeamento de uma hiperinflação, fazendo com que as relações entre comércio e indústria e até mesmo entre as próprias indústrias fossem prejudicadas devido à incompatibilidade entre os prazos de pagamento exigidos entre os referidos setores. Já no mês de fevereiro houve uma antecipação da produção industrial devido às perspectivas com relação ao programa econômico a ser implantado pelo governo, processo que se estendeu durante a primeira quinzena de março. Já na segunda quinzena do mês com a implementação do Plano Brasil Novo, as notícias foram de quedas generalizadas da produção industrial.

O quadro acima descrito está ilustrado na tabela de taxas trimestrais com ajuste sazonal (Tabela 1). O Setor Indústria apresenta taxa decrescente de crescimento do segundo trimestre de 1989 (8,97%) para o terceiro trimestre (3,12%) e a partir daí taxas negativas no quarto trimestre de 1989 e no primeiro trimestre de 1990 (-1,94% e -3,97%, respectivamente). As taxas da Indústria de Transformação (-4,0%) e de Construção (-6,2%) foram as que mais contribuíram para o resultado negativo geral da indústria no primeiro trimestre do presente ano.

A brutal aceleração da inflação trouxe complicações para a relação entre o comércio e a indústria, acarretando a desaceleração do nível de atividade e também a redução no poder aquisitivo da população. Aliado a esta redução está o aumento do número de desempregados que na comparação março/fevereiro aumenta 17,7% (dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) — Departamento de Emprego e Rendimento (DEREN) do IBGE). Segundo dados da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), o nível de emprego na indústria paulista caiu cerca de 1,4% em março, em relação a fevereiro, sendo que este número representa a maior queda frente ao mês anterior, desde julho de 1987 (-2,0%), e se aproxima da maior queda da década, ou seja, -2,2% em abril contra março de 1981. Estes dois fatores, que pro-

vavelmente contribuíram para a redução da massa salarial, explicam a taxa dessazonalizada do comércio passar de -0,8% no quarto trimestre de 1989 para -2,2% no primeiro trimestre de 1990.

Apesar da retração do mercado interno, as exportações não obtiveram grandes resultados; isto porque eram muito fortes as expectativas quanto a uma maxidesvalorização. A defasagem cambial acumulada a partir das oscilações da política cambial executada ao longo de 1989, aliada à dificuldade de atingir o ajuste cambial necessário em um quadro conjuntural de aceleração inflacionária, contribuiu para o adiamento das exportações e antecipação das importações, e conseqüente deterioração da posição comercial brasileira no trimestre em análise. A adoção do sistema de câmbio flutuante a partir da decretação do novo plano de estabilização, em um contexto de rigoroso controle de liquidez, levou a uma valorização na taxa de câmbio, contrariando as expectativas em relação à maxidesvalorização. Deste modo, o estímulo esperado pelos exportadores a partir do dia 15 de março não se efetivou, e as vendas externas limitaram-se ao atendimento de compromissos inadiáveis ou necessidade de obtenção de liquidez. A conclusão a que se chega é que as exportações ao invés de contrabalançarem os efeitos contracionistas já evidentes desde o terceiro trimestre de 1989 no mercado interno, acabaram por contribuir para o aprofundamento de tais efeitos, pelo menos neste primeiro trimestre. Neste período, o saldo comercial verificado registrou uma queda real estimada em aproximadamente 50%, em face do obtido no primeiro trimestre de 1989.

O Setor Agropecuário revela na série dessazonalizada um resultado negativo de -6,2% para o primeiro trimestre de 1990. Esta taxa é influenciada principalmente pelo resultado da produção animal, que apresenta uma taxa negativa de -8,1%. Para as lavouras, a perspectiva da safra para este ano é que esta apresente uma queda de -3,7%, enquanto que a safra de grãos deverá cair cerca de 13,5%. Destaca-se a queda prevista de 15,4% na produção da soja que no ano passado havia sido o maior resultado positivo e ainda de arroz (-23,6%) e milho (-14,5%). Acrescente-

se que o nível do PIB agropecuário (série dessazonalizada, Tabela 4) é o menor desde o primeiro trimestre de 1987, não se esperando mudanças significativas até o final do ano.

A despeito do mau desempenho do PIB na comparação trimestre contra trimestre anterior dessazonalizado, a taxa anualizada, como se viu, é ainda crescente (ver Tabela B). Decomposto por atividade, a taxa anualizada da indústria passa de 3,6% no quarto trimestre de 1989 para 6,7% no primeiro trimestre de 1990, sendo que a Indústria de Transformação apresentou um crescimento de 5,7% e a de Construção de 12,0%. É também significativo o desempenho da Indústria de Bens de Consumo que alcança o resultado positivo de 5,4% na taxa acumulada ao longo do ano, sendo 2,6% correspondente à Indústria de Bens de Consumo Duráveis e 6,1% à de Bens de Consumo Não-duráveis (Pesquisa Industrial Mensal — Produção Física (PIM-PF) — Departamento de Indústria (DEIND) — IBGE). Tal resultado deve-se exclusivamente ao efeito-base: o primeiro trimestre de 1989 representa uma baixa base de comparação. São também destaques as taxas anualizadas do Comércio (5,4%), dos Transportes (5,1%) e de Comunicações (19,0%), todas pertencentes ao setor de Serviços. No Gráfico 2 a seguir pode ser vista a participação de cada setor na taxa anualizada do PIB.

As atividades do Setor Serviços foram menos afetadas nos primeiros quinze dias do Plano, sendo que o maior impacto só se fará perceptível no segundo trimestre do ano corrente. Deve-se ressaltar que o comportamento deste setor acompanha no primeiro trimestre a desaceleração verificada na indústria, embora com menor intensida-

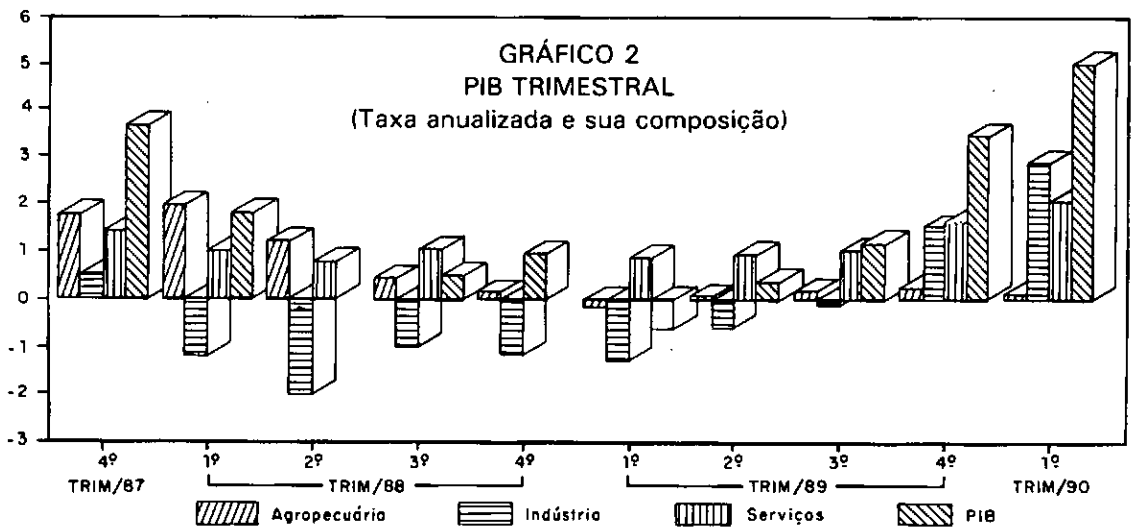
de. Este fato pode ser comprovado, por exemplo, pelo resultado dessazonalizado da indústria que passa de -1,9% no último trimestre do ano passado para -4,0% no primeiro trimestre desse ano, enquanto os resultados correspondentes do Setor de Serviços são respectivamente 0,1% e 0,2%.

O programa de estabilização posto em vigor em março contribuiu para a desarticulação da cadeia produtiva, já que a restrição de liquidez tornou-se um problema tanto para consumidores quanto para produtores. É importante ressaltar que este efeito recessivo provocado pelo Plano nos momentos imediatamente posteriores a sua implementação é uma característica própria dos programas de combate à inflação. Tanto o Plano Cruzado quanto o Plano Verão apresentaram tais efeitos; o que, entretanto, varia de um plano a outro é a magnitude dos efeitos recessivos, bem como os Setores da Indústria que são mais atingidos. Assim é que, após o Plano Cruzado, a Indústria de Transformação caiu 6,2% na comparação entre março e fevereiro na sua taxa dessazonalizada, sendo essa queda mais significativa no Setor de Bens de Consumo Não-duráveis. Após o Plano Verão, esta indústria foi prejudicada, mas nem tanto quanto antes, pois a queda da sua produção foi de 3,7%, sendo esta distribuída mais uniformemente entre os seus subsetores. No que se refere ao Plano Brasil Novo, o impacto sobre a Indústria de Transformação foi de -6,2% comparando-se março com relação a fevereiro na série com ajuste sazonal (resultados da Pesquisa Industrial Mensal — Produção Física (PIM-PF) — Departamento de Indústria (DEIND) — IBGE). Observa-se que a magnitude do impacto é semelhante à do Plano Cruzado, porém

B — RESULTADOS DO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1990, SEGUNDO AS ATIVIDADES

ATIVIDADES	TAXAS (%)			
	Anualizada (1)	Acumulada ao Longo do Ano (2)	Trimestral (3)	Trimestral, Ajuste Sazonal (4)
PIB Total	5,03	3,98	3,98	- 2,41
Agropecuária	0,78	- 4,95	- 4,95	- 6,18
Indústria	6,68	5,73	5,73	- 3,97
Serviços	4,67	4,98	4,98	0,23

(1) Taxa acumulada em quatro trimestres (anualizada). (2) Taxa acumulada ao longo do ano. (3) Taxa trimestral: trimestre contra trimestre do ano anterior. (4) Taxa trimestral: trimestre contra trimestre imediatamente anterior (dessazonalizada).



mais homogênea distribuída como no Plano Verão. Deve-se lembrar entretanto que o atual Plano só afetou a segunda quinzena de março e, portanto, seus efeitos só poderão ser melhor avaliados a partir do mês de abril.

Uma vez que esse Plano introduz uma série de componentes novos em relação aos anteriores é de se esperar que a economia leve um maior tempo de adaptação aos efeitos das mudanças conjunturais experimentadas. Esse período de ajuste e o fato do segundo trimestre de 1989 ter tido um bom desempenho (período em que a indústria começou a se recuperar dos impactos do Plano Verão) fazem com que a perspectiva do segundo trimestre de 1990 seja de acentuação da queda já verificada no produto industrial. Um aspecto que serviria para amenizar esta tendência é o fato de que, ao longo das experiências de combate à inflação, a indústria e as demais atividades econômicas reagem cada vez mais rapidamente aos efeitos de tais experiências. Esta idéia é comprovada pelo fato de que após o Plano Cruzado a indústria atingiu o seu pico no primeiro trimestre de 1987, ou seja, um ano após o Plano, com uma taxa positiva de 10,9% com relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Após o Plano Verão, o máximo de produção foi alcançado no quarto trimestre de 1989, ou seja, três trimestres após o Plano, com a taxa positiva de 9,7% com relação também ao mesmo trimestre do ano anterior. Como agravante, entretanto, aponta-se que nenhum dos planos anterior-

res tinha embutido aperto de liquidez semelhante.

O que se pode concluir é que o quadro presente até o momento da decretação do Plano configurava uma trajetória de queda na atividade econômica, com o PIB retornando a um nível próximo ao observado na passagem do primeiro para o segundo trimestre de 1989 (série sazonalmente ajustada). Ou seja, a expansão que se observou a partir daquele período (alavancada pelo congelamento de preços, e, nas fases seguintes, por movimentos de antecipação de compras e formação de estoques) estava, no primeiro trimestre deste ano, virtualmente esgotada. Por fim, vale ressaltar que os efeitos do conjunto de medidas embutidas no Plano Brasil Novo pouco afetaram os resultados ora apresentados, já que a investigação cobre todo um trimestre onde o programa atua em apenas quinze dias. Em outras palavras, pode-se dizer que até aqui os indicadores do PIB trimestral captaram poucos reflexos sobre o nível de atividade do programa de ajuste. Isto se dará na mensuração do próximo período (segundo trimestre do ano), quando é de se esperar um menor patamar de produção, na medida em que os setores econômicos estarão vivendo o período de adaptação a esse novo quadro.

ESCLARECIMENTOS METODOLÓGICOS ADICIONAIS

Ainda que o texto "Brasil — Produto Interno Bruto Trimestral; Metodologia e Re-

sultados, 1980-88" contemple a descrição detalhada de todos os procedimentos de cálculo para a obtenção dos índices de cada setor de atividade, cabe esclarecer alguns pontos, quais sejam: diferença dos resultados do PIB anual e trimestral, e o tratamento dos indicadores usados para as Instituições Financeiras, Administrações Públicas, Comércio, outros Serviços e, na Agropecuária, as Lavouras.

PIB REAL ANUAL X PIB REAL TRIMESTRAL — Os resultados do PIB anual e trimestral apresentam pequenas diferenças devido ao tratamento das informações. Embora se possam fazer boas estimativas do PIB anual através do cálculo trimestral, o resultado oficial do PIB brasileiro é, e permanecerá sendo, o anual, calculado até o presente momento segundo a metodologia das Contas Nacionais Consolidadas.

INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS — A compreensão e interpretação da contribuição dessa atividade na formação da taxa do PIB está intimamente relacionada ao conceito de Valor de Produção. A maior parte das receitas das Instituições Financeiras vem da diferença entre os juros recebidos e os juros pagos sobre capitais que na maior parte não são propriedade dessas instituições. Ou seja, o papel de intermediação financeira é o de redistribuir fundos entre unidades superavitárias e deficitárias. Os juros, por isso mesmo, não são considerados um produto (serviço), mas um rendimento, isto é, uma operação de repartição da renda. Eles não advêm diretamente da produção, onde os recursos são gerados. Sua contabilização como produto da atividade das Instituições Financeiras significaria uma dupla contagem: ele já é uma parcela deduzida dos recursos gerados na produção por outras unidades e não poderia ser novamente mensurado nas Instituições Financeiras. Por isso essa atividade contribui para o PIB apenas naquela parcela referente aos serviços pelos quais é remunerada diretamente. Na ausência de um bom indicador para estes serviços, usa-se como "proxy" o pessoal ocupado na atividade.

ADMINISTRAÇÕES PÚBLICAS — Por limitações de ordem metodológica e da não existência, em séries contínuas, de indicadores de desempenho desta atividade, sua

mensuração torna-se muito difícil. Seriam necessários indicadores de curto prazo que refletissem a evolução dos serviços prestados pelo governo, tais como previdência social, saúde e educação públicas, segurança, defesa, etc. A hipótese adotada é que os serviços prestados pelo governo evoluem na mesma proporção que o crescimento populacional. Vale lembrar que não estão incluídas as empresas produtivas estatais, alocadas nos seus respectivos setores de atividades.

COMÉRCIO — Conceitualmente, o valor adicionado do comércio está associado à margem de comercialização, isto é, à diferença entre venda e custo das mercadorias vendidas. No entanto, o único indicador mensal disponível está relacionado apenas com o faturamento da atividade (informações das federações de comércio), razão pela qual a metodologia aqui adotada opta por considerar que os bens produzidos internamente e os importados são necessariamente distribuídos pelas cadeias de comercialização. Daí, acompanha-se a evolução física da produção e da importação ponderadas por uma estrutura de margem de comercialização, obtida da Matriz de Insumo-Produto de 1980, adotando-se a hipótese de que os estoques são constantes.

OUTROS SERVIÇOS — Neste setor de atividade estão classificadas a produção de serviços de alojamento e alimentação, a de reparação, serviços prestados às empresas e às famílias, publicidade e propaganda, rádio e televisão, etc., alcançando 36% do grupamento de serviços. Essa diversidade de serviços aí incluídos reflete a dificuldade de se ter para cada um deles indicadores próprios. O caminho seguido é tomar a evolução do emprego, conforme calculado pelo Ministério do Trabalho, como medida aproximada do desempenho da atividade.

LAVOURAS — As informações mensais disponíveis refletem sempre uma produção estimada para o ano, isto é, a cada mês as estimativas de produção anual de um subconjunto das principais lavouras vão sendo atualizadas. O sistema de ponderação adotado procura distribuir ao longo do ano essa estimativa de produção anual, segundo os meses de colheita das diferentes lavouras.

1 – INDICADORES DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL, SEGUNDO OS SETORES DE ATIVIDADE – 1989/90

(continua)

SETORES DE ATIVIDADE	INDICADORES DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL				
	Índice Base Fixa Trimestral (1980 = 100)				
	1989				1990
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre
PIB	111,30	127,98	130,46	123,90	115,73
Agropecuária	124,00	180,07	122,31	101,83	117,86
Lavouras	118,89	214,76	124,65	81,85	109,39
Produção animal	131,92	126,23	118,88	132,83	131,00
Indústria	97,33	112,73	126,59	116,81	102,91
Extrativa mineral	178,80	181,65	194,66	197,82	193,46
Transformação	91,54	106,74	123,11	111,71	95,55
Construção	92,07	113,15	117,09	108,14	101,75
Serviços industriais de utilidade pública	169,57	174,40	182,66	190,18	181,56
Serviços	123,82	130,48	137,32	138,57	129,98
Comércio	95,61	108,81	119,55	121,89	100,97
Transporte	116,68	133,25	147,38	144,84	123,05
Comunicações	309,52	321,40	351,88	359,11	368,54
Instituições financeiras	132,03	131,91	132,25	133,24	133,70
Administração pública	120,21	120,82	121,44	122,07	122,69
Outros serviços	138,99	140,00	142,69	144,03	144,00

SETORES DE ATIVIDADE	INDICADORES DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL				
	Taxa (trimestre/igual trimestre do ano anterior)				
	1989				1990
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre
PIB	-2,65	3,56	5,44	7,17	3,98
Agropecuária	0,21	4,12	0,18	2,86	-4,95
Lavouras	0,92	8,13	0,84	-2,50	-7,99
Produção animal	-0,75	-5,16	-0,87	8,57	-0,70
Indústria	-7,19	3,60	7,59	9,70	5,73
Extrativa mineral	-4,15	3,16	7,71	9,33	8,20
Transformação	-7,21	2,60	6,52	9,17	4,39
Construção	-11,07	9,44	14,71	13,24	10,51
Serviços industriais de utilidade pública	-0,03	1,13	4,11	8,03	7,07
Serviços	1,01	3,29	4,63	5,73	4,98
Comércio	-5,58	2,29	4,34	9,44	5,60
Transporte	-1,16	4,81	5,02	5,01	5,46
Comunicações	16,21	15,59	24,71	16,84	19,07
Instituições financeiras	1,82	1,59	1,01	1,09	1,26
Administração pública	2,07	2,07	2,07	2,07	2,07
Outros serviços	3,28	2,30	2,97	3,31	3,60

1 - INDICADORES DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL, SEGUNDO OS SETORES DE ATIVIDADE - 1989/90

(continua)

SETORES DE ATIVIDADE	INDICADORES DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL				
	Taxa Acumulada ao Longo do Ano				
	1989				1990
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre
PIB	- 2,65	0,57	2,24	3,43	3,98
Agropecuária	0,21	2,49	1,82	2,02	- 4,95
Lavouras	0,92	5,45	4,15	3,09	- 7,99
Produção animal	- 0,75	- 2,96	- 2,31	0,31	- 0,70
Indústria	- 7,19	- 1,70	1,60	3,57	5,73
Extrativa mineral	- 4,15	- 0,60	2,16	3,95	8,20
Transformação	- 7,21	- 2,18	0,98	2,98	4,39
Construção	- 11,07	- 0,82	4,31	6,42	10,51
Serviços industriais de utilidade pública	- 0,03	0,56	1,76	3,35	7,07
Serviços	1,01	2,17	3,02	3,71	4,98
Comércio	- 5,58	- 1,55	0,55	2,83	5,60
Transporte	- 1,16	1,94	3,06	3,57	5,46
Comunicações	16,21	15,89	18,90	18,34	19,07
Instituições financeiras	1,82	1,70	1,47	1,37	1,26
Administração pública	2,07	2,07	2,07	2,07	2,07
Outros serviços	3,28	2,78	2,85	2,96	3,60

SETORES DE ATIVIDADE	INDICADORES DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL				
	Taxa Acumulada em Quatro Trimestres				
	1989				1990
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre
PIB	- 0,63	0,37	1,16	3,43	5,03
Agropecuária	- 1,32	0,44	1,56	2,02	0,78
Lavouras	- 3,33	1,68	4,08	3,09	1,07
Produção animal	2,08	- 1,57	- 2,43	0,31	0,33
Indústria	- 3,02	- 1,43	- 0,19	3,57	6,68
Extrativa mineral	- 1,97	- 1,35	0,54	3,95	7,12
Transformação	- 3,59	- 1,95	- 0,90	2,98	5,72
Construção	- 4,04	- 1,06	1,79	6,42	11,98
Serviços industriais de utilidade pública	5,02	3,32	2,57	3,35	5,09
Serviços	2,02	2,16	2,41	3,71	4,67
Comércio	- 2,85	- 1,70	- 1,28	2,83	5,44
Transporte	3,25	3,17	2,75	3,57	5,06
Comunicações	13,23	14,24	18,02	18,34	19,07
Instituições financeiras	0,45	0,98	1,35	1,37	1,24
Administração pública	2,07	2,07	2,07	2,07	2,07
Outros serviços	3,68	2,97	2,83	2,96	3,05

1 – INDICADORES DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL, SEGUNDO OS SETORES DE ATIVIDADE – 1989/90

(conclusão)

SETORES DE ATIVIDADE	INDICADORES DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL				
	Taxa Trimestral com Ajuste Sazonal				
	1989				1990
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre
PIB	0,34	5,10	1,74	-0,33	-2,41
Agropecuária	0,69	0,01	-2,84	3,87	-6,18
Lavouras	0,88	1,70	-6,71	1,90	-4,95
Produção animal.....	0,36	-2,83	4,00	6,99	-8,05
Indústria.....	-0,27	8,97	3,12	-1,94	-3,97
Extrativa mineral	1,45	3,26	4,47	0,00	0,23
Transformação.....	0,44	7,62	3,03	-1,80	-3,96
Construção.....	-3,87	20,70	3,06	-5,13	-6,17
Serviços industriais de utilidade pública.....	-0,87	2,44	3,37	2,92	-1,74
Serviços.....	0,81	2,95	1,69	0,13	0,23
Comércio.....	1,42	6,74	2,04	-0,79	-2,15
Transporte.....	-0,23	6,60	0,69	-1,81	0,08
Comunicações	2,42	4,55	8,53	0,30	4,91
Instituições financeiras.....	0,15	-0,07	0,19	0,81	0,39
Administração pública.....	0,51	0,51	0,51	0,51	0,51
Outros serviços.....	0,61	0,32	1,15	1,16	0,96

2 – MÉDIA ANUAL DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL, POR SETORES – 1980/89

ANOS	MÉDIA ANUAL DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL (1980 = 100)			
	Produto Interno Bruto (Total)	Agropecuária	Indústria	Serviços
1980.....	100,00	100,00	100,00	100,00
1981.....	95,75	107,98	91,17	97,51
1982.....	96,63	107,75	91,30	99,57
1983.....	93,81	107,27	85,91	99,06
1984.....	98,90	110,07	91,38	104,37
1985.....	107,04	120,59	99,58	111,75
1986.....	115,11	110,67	111,20	120,95
1987.....	119,30	127,53	112,36	124,95
1988.....	119,31	129,44	109,46	127,80
1989.....	123,41	132,05	113,36	132,55

**3 – ÍNDICE DE BASE FIXA DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL,
SEGUNDO OS PERÍODOS – 1980/89**

PERÍODOS	ÍNDICE DE BASE FIXA DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL (1980 = 100)			
	Produto Interno Bruto (Total)	Agropecuária	Indústria	Serviços
1980				
1º trimestre	95,49	96,82	95,23	95,40
2º trimestre	103,28	138,92	98,09	98,90
3º trimestre	102,20	89,18	105,45	102,22
4º trimestre	99,03	75,08	101,22	103,48
1981				
1º trimestre	95,37	99,61	93,24	96,60
2º trimestre	100,80	155,74	89,98	98,85
3º trimestre	96,07	99,50	93,45	98,11
4º trimestre	90,97	77,06	88,00	98,46
1982				
1º trimestre	91,22	102,32	84,93	95,28
2º trimestre	101,39	144,26	92,72	98,94
3º trimestre	99,81	98,50	98,46	101,75
4º trimestre	94,11	85,92	89,10	102,31
1983				
1º trimestre	88,32	97,04	79,90	95,56
2º trimestre	97,24	147,02	84,77	97,19
3º trimestre	96,40	105,35	90,47	100,66
4º trimestre	93,28	79,69	88,49	102,81
1984				
1º trimestre	92,07	103,66	82,68	99,34
2º trimestre	101,80	150,74	89,31	102,02
3º trimestre	101,61	102,27	97,26	106,46
4º trimestre	100,14	83,63	96,08	109,67
1985				
1º trimestre	98,78	110,62	90,39	105,05
2º trimestre	107,85	166,19	92,89	108,19
3º trimestre	111,22	116,10	107,10	114,58
4º trimestre	110,32	89,46	107,94	119,17
1986				
1º trimestre	105,89	105,19	99,74	113,23
2º trimestre	115,96	147,82	106,58	117,54
3º trimestre	120,29	103,01	120,97	124,55
4º trimestre	118,31	86,66	117,50	128,48
1987				
1º trimestre	114,27	108,92	110,61	120,07
2º trimestre	123,96	175,06	112,01	122,94
3º trimestre	120,82	127,60	114,20	126,53
4º trimestre	118,13	98,55	112,61	130,25
1988				
1º trimestre	114,33	123,73	104,87	122,58
2º trimestre	123,58	172,94	108,81	126,33
3º trimestre	123,73	122,08	117,66	131,24
4º trimestre	115,61	98,99	106,48	131,06
1989				
1º trimestre	111,30	124,00	97,33	123,82
2º trimestre	127,98	180,07	112,73	130,48
3º trimestre	130,46	122,31	126,59	137,32
4º trimestre	123,90	101,83	116,81	138,57
1990				
1º trimestre	115,73	117,86	102,91	129,98

**4 – ÍNDICE DE BASE FIXA COM AJUSTE SAZONAL DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL,
SEGUNDO OS PERÍODOS – 1980/89**

PERÍODOS	ÍNDICE DE BASE FIXA COM AJUSTE SAZONAL (1980 = 100)			
	Produto Interno Bruto (Total)	Agropecuária	Indústria	Serviços
1980				
1º trimestre	99,98	101,67	100,73	98,62
2º trimestre	99,61	100,06	99,13	100,03
3º trimestre	99,68	97,28	99,41	100,70
4º trimestre	100,74	101,47	100,65	100,62
1981				
1º trimestre	99,89	104,41	98,80	99,83
2º trimestre	96,26	111,90	90,86	97,96
3º trimestre	94,04	108,22	88,21	96,67
4º trimestre	92,85	104,15	87,40	95,87
1982				
1º trimestre	95,46	107,59	89,94	98,32
2º trimestre	97,76	104,91	93,92	100,12
3º trimestre	97,57	106,46	93,01	100,26
4º trimestre	95,88	115,05	87,96	99,48
1983				
1º trimestre	92,49	101,44	84,97	98,61
2º trimestre	93,60	107,78	85,91	98,40
3º trimestre	94,33	112,99	85,44	99,19
4º trimestre	94,53	105,60	87,11	99,92
1984				
1º trimestre	96,62	109,45	88,30	102,54
2º trimestre	98,20	110,14	90,72	103,40
3º trimestre	99,12	108,50	91,80	104,88
4º trimestre	101,37	112,01	94,30	106,46
1985				
1º trimestre	103,81	117,39	96,38	108,48
2º trimestre	103,89	121,25	94,47	109,75
3º trimestre	108,28	122,23	100,95	112,73
4º trimestre	111,61	120,43	106,00	115,54
1986				
1º trimestre	111,34	111,44	106,36	117,10
2º trimestre	113,11	109,98	108,56	119,30
3º trimestre	116,54	108,02	113,69	122,34
4º trimestre	119,39	117,30	115,49	124,52
1987				
1º trimestre	120,63	115,78	118,37	124,66
2º trimestre	120,13	128,35	114,06	124,78
3º trimestre	117,09	133,90	106,81	124,12
4º trimestre	119,55	130,00	111,01	126,43
1988				
1º trimestre	120,83	131,72	112,59	127,22
2º trimestre	119,85	128,47	110,56	128,12
3º trimestre	119,59	128,20	109,68	128,58
4º trimestre	117,34	131,32	105,16	127,41
1989				
1º trimestre	117,74	132,22	104,87	128,45
2º trimestre	123,74	132,23	114,29	132,24
3º trimestre	125,89	128,48	117,85	134,47
4º trimestre	125,47	133,46	115,56	134,65
1990				
1º trimestre	122,45	125,20	110,97	134,96